



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE
NACIONAL PARA O ENSINO DAS
CIÊNCIAS AMBIENTAIS



UILSON DE MENESES HORA

A EMANCIPAÇÃO AMBIENTAL A PARTIR DA PEDAGOGIA DIALÓGICA:
O CASO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA MUNICIPAL
PROFESSOR NILSON BARRETO SOCORRO

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2020

UILSON DE MENESES HORA

**A EMANCIPAÇÃO AMBIENTAL A PARTIR DA PEDAGOGIA DIALÓGICA:
O CASO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA MUNICIPAL
PROFESSOR NILSON BARRETO SOCORRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais -PROFCIAMB/UFS Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.
Orientador: Prof. Dr. Saulo Henrique Souza Silva

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2020

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Hora, Uilson de Meneses

H811e A emancipação ambiental a partir da pedagogia dialógica: o caso dos estudantes da Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro / Uilson de Meneses Hora; orientador Saulo Henrique Souza Silva. – São Cristovão, SE, 2020. 183 f. : il.

Dissertação (mestrado em Ciências Ambientais) – Universidade Federal de Sergipe, 2019.

1. Meio ambiente. 2. Sustentabilidade. 3. Ética ambiental. 4. Proteção ambiental - Participação do cidadão. 5. Escolas. 6. Ação social. I. Silva, Saulo Henrique Souza, orient. II. Título.

CDU 502.14

UILSON DE MENESES HORA

**A EMANCIPAÇÃO AMBIENTAL A PARTIR DA PEDAGOGIA DIALÓGICA:
O CASO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA MUNICIPAL
PROFESSOR NILSON BARRETO SOCORRO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DEFENDIDA E APROVADA EM: ____/____/2020
BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Saulo Henrique Souza Silva – Presidente/Orientador
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. FLORISVALDO SILVA ROCHA – Membro Interno
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. ANTÔNIO CARLOS DOS SANTOS – Membro Externo do Programa
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. MARCELO DE SANT'ANNA ALVES PRIMO – Membro Suplente Externo do
Programa - Universidade Federal de Sergipe

Este exemplar corresponde à versão para aprovação da Dissertação de **UILSON DE MENESES HORA**, referente ao Mestrado Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais - PROFCIAMB/UFS - Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dr. Saulo Henrique Souza Silva

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais -
PROFCIAMB/UFS

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2020

É concedido ao programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais - PROFCIAMB/UFS - Universidade Federal de Sergipe (UFS), cessão de direitos para publicação eletrônica, empréstimo e reprodução desta Dissertação com finalidade para estudos e pesquisas científicas.

Uilson de Meneses Hora

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais -
PROFCIAMB/UFS

Prof. Dr. Saulo Henrique Souza Silva

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais -
PROFCIAMB/UFS

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2020

GRATIDÃO

Gratidão a todos e todas pelos esforços emanados para que esta dissertação fosse concluída. Trata-se de uma pesquisa que reflete a preocupação com a natureza, a força que nos mantém vivos.

Aos meus pais, José Vieira da Hora e Maria de Loures Meneses Hora, ambos vibram por cada conquista de seus filhos e que estão sempre presentes em nossas trajetórias.

À minha companheira Ana Paula, que dedicou seu apoio, seu abraço, sua segurança em vitórias e tropeços, sempre seguindo firme, em uma construção emancipadora. Somos fortes e gostamos sempre de aprontar às nossas. Vamos longe, “Papau”! Amor vem das pequenas coisas.

À minha filha Andreia, que emana uma qualidade de liderança enorme. Mesmo com seu jeito explosivo, não deixa de ser um doce de pessoa. E junto com ela está a mãe e uma amiga, Augusta, que sempre apoiou, e nunca deixou de apoiar em nossas conquistas.

Aos meus irmãos Wellington, Eliana, Edilma e Patrícia, quatro pessoas fantásticas e, cada um com seu jeito, formamos a família Hora. Irmãos não reconhecemos derrotas, somos firmes na busca por conquistas.

Aos meus tios e tias que torcem por um amanhã melhor, e que possamos seguir, trilhando novos horizontes, e em especial a Leda, essa mulher guerreira, que não mediu esforços para mostrar o caminho para novas construções e sempre disse que eu podia alcançar tudo com os meus esforços.

Aos meus eternos professores, cada um que deu sua contribuição desde o ensino infantil até hoje, o meu carinho em representá-los e traçar a mesma trajetória aos ensinamentos. Valeu por tudo!

Aos colegas de sala, que juntamente produzimos e de braços dados estamos vencendo todas dificuldades e colhendo alegrias. Vamos juntos nesta caminhada por novos desafios.

A todos que formam o PROFCIAMB/UFS, que nos proporcionam uma visão de conhecimento mais amplo. Dedico a três mulheres em nome de todos e todas: Márcia, Núbia e Rosana.

Ao professor Saulo, orientador, amigo e companheiro de luta, que sempre está buscando outras orientações para meu percurso, grupo de estudo, trabalhos e sequência nos estudos, seja trilhado com garra.

Aos meus amigos, que sempre me fortalecem com palavras, ações e gestos, que dedicam ao companheirismo para acompanhar os desafios e, em especial, queria em nome de todos e todas, dedicar a companheira Sandra Moraes, uma destas pessoas que, até por transmissão de pensamento, sabe quando estamos alegres, tristes ou precisando de uma palavra de conforto ou de parabéns.

Aos companheiros, Luciana Celi e Gildo Bezerra, que contribuíram com a formação desta pesquisa e pela força sempre emanada na sua luz.

A todas/os os/as companheiros/as de trabalho e, em especial, a professora Eliana Dias que abriu as portas da escola para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos meus ex e atuais amigos estudantes que contribuem para a formação de um cidadão melhor em suas práticas de vida e de educador. Em especial, aos estudantes de todas as turmas deste ano das duas escolas: Escola Municipal Professor Nilson Barreto e Escola Municipal José dos Santos, na contribuição incansável em construir sonhos e desbravar caminhos juntos. Pensamos juntos, construímos juntos e o produto é a satisfação.

Uma gratidão especial para todos e todas que lutam por uma sociedade melhor!

Educação ambiental e sustentabilidade

Quem quiser transformar uma nação.
Somente investindo em educação.
O modelo de educação não dá pra ser
Aquele que favorece a exploração do homem pelo homem.
Nem tão pouco que tem como base a degradação ambiental.
Então, felicito meu caro colega que traz
A preocupação da educação ambiental
Para uma escola de ensino fundamental.
Com sua pesquisa- ação- reflexão-ação.
Numa relação dialógica com sua realidade
Num frutífero diálogo pra formar uma nova sociedade.
A preservação do meio ambiente e
a construção de uma nova ética ambiental.
Agora é preocupação dos docentes e discentes.
Usando como metodologia: o Teatro, a música e a poesia
Se construirá novos dias.
Se escrevo este texto
É pra louvar sua pesquisa participante.
Sabendo que seus educandos de agora por diante.
Serão sujeitos emancipados e engajados na preservação ambiental.
E participantes de um novo modelo de educação e sociedade.
Parabenizo a sua preocupação com a Comunidade e por ser propositor de um novo modelo
de sociedade.
Em a Escola, o Rio e a Lixeira: Racionalidade Comunicativa e a Visão Ambiental.
Sua prática educativa é emancipadora,
transformadora e libertadora.
Com os temas geradores: Escola, Rio e Lixeira.
Gerará uma nova racionalidade e nova visão ambiental.
Sua comunidade viverá dias de educação ambiental e sustentabilidade.

Gildo Alves Bezerra *

* Professor de história das redes estadual (Em Nossa Senhora do Socorro) e municipal de Laranjeiras e poeta.

RESUMO

A natureza vem sofrendo transformações diuturnamente para beneficiar a humanidade. Essas transformações têm impactado diretamente na vida e no planeta. O mal produzido para sustentar os padrões econômicos atinge diretamente o meio ambiente. Esse processo produz um consumismo desenfreado e ataca a sustentabilidade ambiental. Desta forma, ações contrárias a toda essa estrutura, surgem por manifestos e cobranças, principalmente das populações que mais sofrem com o processo de degradação em curso. Nessa direção, esta dissertação tem como objetivo produzir na Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro, a importância da construção de paradigmas que respeitem a natureza, abordando os impactos socioambientais gerados pelo aumento dos resíduos sólidos, fruto do consumismo implantado pelas ações capitalistas. Os métodos de abordagem utilizados em nossas análises foram: o Materialismo Histórico e Dialético em consonância com a Ação Comunicativa de Habermas. A Investigação-Ação liga aos instrumentos e às técnicas de pesquisas utilizadas na construção do trabalho. Assim, alinha-se à visão qualitativa crítica ao estudo de caso, à coleta de dados, às entrevistas, ao levantamento bibliográfico e à análise do discurso. Dialeticamente, na perspectiva da construção do sujeito social emancipado em um ambiente sustentável, percorremos os caminhos da educação ambiental e da sustentabilidade a partir de uma reflexão sobre a escola, o rio e a lixeira. Defendemos que a escola e a comunidade devem passar por um processo de construção de sujeitos com vozes capazes de construir racionalidades que evidenciem suas ações, o seu agir no entendimento da sustentabilidade ambiental, no qual a vida tenha mais importância do que o mero desenvolvimento econômico. Assim, o registro da luta dos moradores do povoado Morena, em prol de uma outra estrutura social, fica evidente no transcorrer deste trabalho. A partir da formação desse sujeito social emancipado, nasce o produto didático, fruto da produção de um teatro e de poesias. Além disso, foi organizado um livro de poesias e desenhos interpretativos produzidos pelos estudantes, apresentando-se como ferramentas dialógicas da emancipação ambiental pela perspectiva pedagógica.

Palavras-Chaves: Meio Ambiente. Emancipação do sujeito. Sustentabilidade. Ação Comunicativa. Ética ambiental.

ABSTRACT

Nature has been undergoing transformations diuturnally to benefit humanity. These transformations have had a direct impact on life and the planet. The harm produced to sustain economic standards directly affects the environment. This process produces unbridled consumerism and it attacks environmental sustainability. In this way, actions contrary to this whole structure, arise from manifests and demands, mainly from the populations that suffer most from the ongoing degradation process. In this sense, this dissertation aims to produce at the Municipal School Professor Nilson Barreto Socorro the importance of building paradigms that respect nature, addressing the socio-environmental impacts generated by the increase in solid waste, the result of consumerism implemented by capitalist actions. The approach methods used in our analyzes were: Historical and Dialectical Materialism in line with Habermas' Communicative Action. Action-Research links to the research instruments and techniques used in the construction of work. Thus, the critical qualitative view is aligned with the case study, data collection, interviews, bibliographic survey and discourse analysis. Dialectically, in the perspective of the construction of the social subject emancipated in a sustainable environment, we followed the paths of environmental education and sustainability from a reflection on the school, the river and the dumping ground. We defend that the school and the community must go through a process of building subjects with voices capable of building rationalities that show their actions, their actions in the understanding of environmental sustainability, in which life is more important than mere economic development. Thus, the record of the struggle of the inhabitants of Village Morena, in favor of another social structure is evident in the course of work. From the formation of this emancipated social subject, the didactic product was born as a result of the production of a theater and poetry. In addition, a book of poetry and interpretative drawings produced by the students were organized, presenting themselves as dialogical tools of environmental emancipation from the pedagogical perspective.

Keywords: Environment. Emancipation of the subject. Sustainability. Communicative Action. Environmental ethics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Mapa representando a área da Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro	20
Figura 2. Área externa da Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro	21
Figura 3: Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação.....	25
Figura 4 - Imagem de satélite do lixão Municipal de Itaporanga d'Ajuda	96
Figura 5- foto da lixeira voltando a depositar resíduo Figura 6- foto da lixeira voltando a depositar resíduo.....	97
Figura 7 processo de seleção de recicláveis em visita da escola	99
Figura 8 - Estudantes visita técnica ao lixão	100
Figura 9- Entrada do lixão	100
Figura 10 Resíduos espalhados pela Mata.....	103
Figura 11 Contraste entre o Lixão e a Mata	103
Figura 12Contraste entre o Lixão e a Mata	104
Figura 13 Mapa representando a microbacia do Vaza Barris e lixeira.....	106
Figura 14 Antiga Nascente do Rio	107
Figura 15 Curso que secou por conta da mudança da nascente.....	108
Figura 16 Nova nascente do Rio.....	109
Figura 17;Figura 18 Foto atual do lixão	120

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Procedimentos metodológicos da dissertação	23
Tabela 2 Atividades realizadas na Intervenção Pedagógica.....	28

GRÁFICOS

Gráfico 1 Concentração de CO2 no espaço.....	38
Gráfico 2-Investimento na produtividade brasileira.....	47
Gráfico 3 Produção e reciclagem de plástico no mundo em número e em tonelada	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

KM – Quilômetro

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EA – Educação Ambiental

ONG'S - Organizações não Governamentais

CO² - Dióxido de Carbono

MPE/SE – Ministério Público do Estado de Sergipe.

MPF- Ministério Público Federal

MP contas /SE - Ministério Público Contas de Sergipe

ADEMA - Administração Estadual de Meio Ambiente

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SE – Sergipe

Idem - significa *mesmo autor* e sua abreviação é **id.** Este termo será usado quando a citação subsequente originar-se de uma obra de mesma autoria da citação anterior.

Ibidem - significa *na mesma obra* e sua abreviação é **ibid.** Este termo deve ser usado quando a citação subsequente for originária da mesma obra da citação anterior.

Sumário

1.A AÇÃO COMUNICATIVA DIALOGANDO COM A PESQUISA	18
2. SUJEITO SOCIAL EMANCIPADO E UM AMBIENTE SUSTENTÁVEL	33
2.1.Racionalidade ambiental <i>versus</i> racionalidade econômica e a vida no planeta.	34
2.2. Crise ambiental: sociedade de risco.....	42
2.3. Ética ambiental.....	52
2.3.1- A emancipação e sustentabilidade ambiental.....	56
2.3.2 Nutri-se de experiência e existência: Em princípio da ética ambiental....	59
3. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE	63
3.1. A educação como fonte de desafios na sustentabilidade.....	63
3.2. Caminho de transformação do sujeito	71
4 - A ESCOLA, O RIO E A LIXEIRA: RACIONALIDADE COMUNICATIVA E VISÃO AMBIENTAL	87
4.1- No caminho da escola tem um lixão	88
4.1.1 A Escola e a comunicação com a lixeira	98
4.2 O lixão e o rio: uma luta desleal.....	102
4.2.1 - Um rio e uma Mata invisível: uma luta para serem vistos	111
4.3. O poder que deveria emanar das vozes: sofrimento, poluição e angústia ...	112
4.3.1 O hoje, o ontem e o amanhã: Para a lixeira do povoado Morena.....	120
5. UMA FORMA DE NÃO TERMINAR... UM CONVITE PARA CONTINUAR.....	122
REFERÊNCIAS.....	125
APÊNDICE	129

APÊNDICE A - EDITAL Nº001/2019 – SELEÇÃO DE POESIA DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR NILSON BARRETO SOCORRO	130
APÊNDICE B - EDITAL Nº001/2019 – SELEÇÃO DE INTEGRANTE DE UM GRUPO DE TEATRO DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR NILSON BARRETO SOCORRO	132
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	134
APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA COMUNIDADE	137
APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS ESTUDANTES.....	138
APÊNDICE F - FICHA TÉCNICA DO PRODUTO I.....	139
ANEXO.....	181
Lixeira.....	182

1. A AÇÃO COMUNICATIVA DIALOGANDO COM A PESQUISA

A natureza vem sofrendo modificações diuturnamente girando em torno de benefício humano, demonstrando o grau de centralismo do ser humano sobre a natureza. Esse processo de alteração acontece com intensidade e de forma desastrosa, produzindo um grande impacto de efeito irreversível. A visão de um planeta melhor cobra a necessidade de uma conduta ética com o ambiente para a construção de um espaço de harmonia e vivência entre os seres (JONAS, 2006). Um panorama que aponta para diminuição do consumismo e a reavaliação do estilo de vida dos seres humanos, como ponto essencial para ver a natureza de uma outra forma (LAYRARGUES, 2002).

O mal que é produzido aos seres vivos através de padrões insustentáveis desse estilo de vida atinge direto o meio ambiente, produzindo uma inconsistência entre os seres e incide sobre o futuro de espécies e do planeta. Nesse contexto, faz-se necessário o subsídio para a formulação de ações interventivas que venham a desenvolver coletivamente e pedagogicamente às lutas em defesa do meio ambiente e da população. Espaço que todos os dias é atacado veementemente por toneladas de produtos consumidos e descartados por uma sociedade, fruto do sistema capitalista, no qual a natureza é considerada uma valiosa mercadoria que está sendo explorada por nichos mercadológicos.

As ações contrárias a todo processo de destruição da natureza têm seu início a partir das vozes de povos tradicionais, estudiosos e entidades que defendem uma natureza sustentável ecologicamente (LEFF, 2006). Esse é um processo de ação comunicativa (HABERMAS, 2012) de dar voz a população e ela ser ouvida e as discussões e ações venham a ser colocadas em prática, no qual a mesma tenha no conhecimento embasamento para cobrar respeito ao meio em que vive. Diante do exposto, o presente trabalho justifica-se no tocante à busca pela sustentabilidade ambiental no município de Itaporanga d'Ajuda, principalmente no que se refere aos resíduos sólidos *in loco*, buscando a coleta, o descarte e práticas sustentáveis para fins de uma sociedade mais justa, um meio ambiente equilibrado e com uma economia viável para o referente município e às áreas afetadas.

A escolha desta área de estudo ocorreu devido a vários protestos que a comunidade em que vive no entorno do lixão Municipal de Itaporanga d'Ajuda no povoado Morena, realizou e, é um tema bastante debatido que é a defesa do meio

ambiente por esses moradores. As ações produzidas pelos moradores vão desde ações no Ministério Público Estadual até o fechamento da rodovia em defesa do meio ambiente sustentável, solicitando a retirada do lixão. Esse problema se intensifica pelo fato de que dentro do lixão tem uma nascente de rio, conhecida como “Rio Morto”. Alguns questionamentos são feitos por todos: quais são os órgãos ambientais que liberaram aquela área para funcionamento de um lixão? E como o lixão está em atividade até hoje? As organizações, compostas por moradores da comunidade, chamaram atenção de todos e todas do município, inclusive da unidade escolar em questão, despertando o senso de trabalhar com a comunidade, algumas ações que possam criar mecanismos comunicacionais que tragam a racionalidade ética e a sustentabilidade para tematização dos problemas ambientais, diminuindo os impactos provocados pelo descarte de resíduo sólido naquele ambiente.

Com efeito, o envolvimento da comunidade escolar é de fundamental importância em um contexto da ação de empoderamento das comunidades, ao entorno da escola e do lixão na defesa do meio ambiente e do espaço em que vivem. Neste intuito, torna-se necessário que a escola seja o elo de ligação entre a formação ecopedagógica e às comunidades envolvidas.

O presente trabalho abordará problemas ambientais referentes aos impactos ocasionados pelos resíduos sólidos depositados na lixeira no povoado Morena, localizado às margens da rodovia Arnaldo Rollemberg Garcez, no município de Itaporanga d’Ajuda/SE. Essa visão baseia-se na emancipação ambiental, construída ecopedagogicamente¹ com a comunidade escolar da Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro em Itaporanga d’Ajuda/SE.

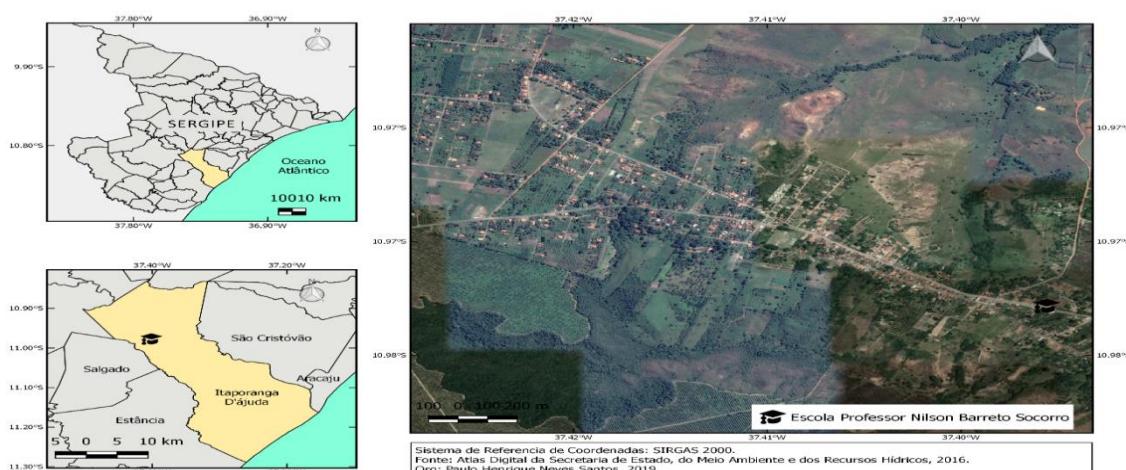
Desse modo, o referente estudo propiciou trabalhos pedagógicos e ambientais na escola e na região, visando ao empoderamento da população circunvizinha, e envolveu os moradores, estudantes e professores do entorno com a apropriação das informações colhidas, analisadas e discutidas nas escolas e espaços que veiculem informações conhecimentos e saberes (LEFF, 2006) para defenderem a natureza e o lugar em que eles habitam. Henrique Leff, em *Racionalidade ambiental*, aborda a Teoria da *Ação Comunicativa* de Jürgen Habermas. A abordagem utilizada foi para substanciar o seu pensamento em que, através do saber comunicativo e o mundo da vida, leva à construção de um saber a partir do empoderamento da população na resolução dos problemas. Na

¹ Ecopedagogia está ligada a uma pedagogia direcionada à sustentabilidade, para além da economia e da ecologia. Relacionada a uma educação para o futuro.

luta contra a poluição das águas, do ar, da terra e do espaço, é preciso criar estratégias que levem a disseminar no ambiente o sentido de ser parte da natureza, compreendendo seu papel como sujeito transformador.

Nenhum trabalho nesta linha de pesquisa, foi ou tem sido realizado no município de Itaporanga d'Ajuda, cuja população é de 30.414 habitantes, com uma área territorial de 739,371 km², cuja bacia hidrográfica é do Rio Vaza-Barris², e apresenta abrangência de 1.112.093,06 km² (CONCEIÇÃO, 2015)³. O rio, a escola e os povoados, os quais estarão presentes na área de estudo, fazem parte desta Bacia hidrográfica, portanto, ela é de fundamental importância para a abrangência deste trabalho. O Rio Morto, que tem sua nascente dentro do Lixão, deságua no Rio Vaza-Barris. O município de Itaporanga d'Ajuda, localizado a 29 km da capital, Aracaju, possui 01(um) espaço de depósito dos resíduos sólidos localizado no povoado Morena. Todo o resíduo sólido produzido na cidade, diariamente, bairro por bairro e em mais 08 (oito) povoados maiores são recolhidos e depositados neste espaço. Cerca de 90% da população da cidade tem seus resíduos recolhidos por caminhões e depositados nos mesmos. O município produz cerca de 06 (seis) toneladas diárias de materiais (orgânico e sólido), segundo dados da Secretaria de Meio Ambiente do Município, no ano de 2018; devido não terem tratamento adequado, acaba tudo chegando ao mesmo espaço, considerados como se iguais fossem.

Figura 1 Mapa representando a área da Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro



Fonte: Paulo Henrique N. Santos

² O vaza Barris é um rio que não é utilizado para o consumo interno, por conta da quantidade de sal em suas águas.

³ Sabriny Sueley Oliveira da Conceição desenvolveu uma pesquisa sobre o Rio Vaza Barris. Os dados, apresentados por essa pesquisadora, foram extraídos.

A Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro localiza-se no povoado Sapé, município de Itaporanga d'Ajuda, com uma matrícula em média de 700 (setecentos) alunos e recebe estudantes dos povoados: Morena, Sapé, Moita Formosa, Saco, Tapera, Tinga, Telha, Colônia Sapé, Gravatá e Chan. A escola possui 08 (oito) salas de aula, um anexo com mais 03 (três), e ainda possui cozinha sem refeitório; funciona os três turnos, a saber: o matutino, com o público que se inicia da educação infantil a primeira etapa do ensino fundamental; o vespertino do 6º ao 9º ano; e o noturno com a EJA (dados de 2018⁴). A unidade escolar fica a 3,5 Km (quilômetros) da lixeira. Todo o resíduo produzido na escola é despejado dentro deste espaço. Assim, é preciso trabalhar na comunidade escolar, discutindo paradigmas de responsabilidade, um tema bastante trabalhado na obra publicada (em alemão em 1979, e em inglês em 1984), *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*, de Hans Jonas (1903-1993). Trabalho este, que visa aos problemas éticos sociais criados pela tecnologia. Assim, toda essa discussão, que versa sobre os novos paradigmas da responsabilidade, e de mudanças nos padrões culturais. Logo, respeitar os espaços ecológicos é uma chave para construção de novos paradigmas ambientais (JONAS, 2006).

Figura 2. Área externa da Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro



Fonte: do pesquisador tirada em 2019

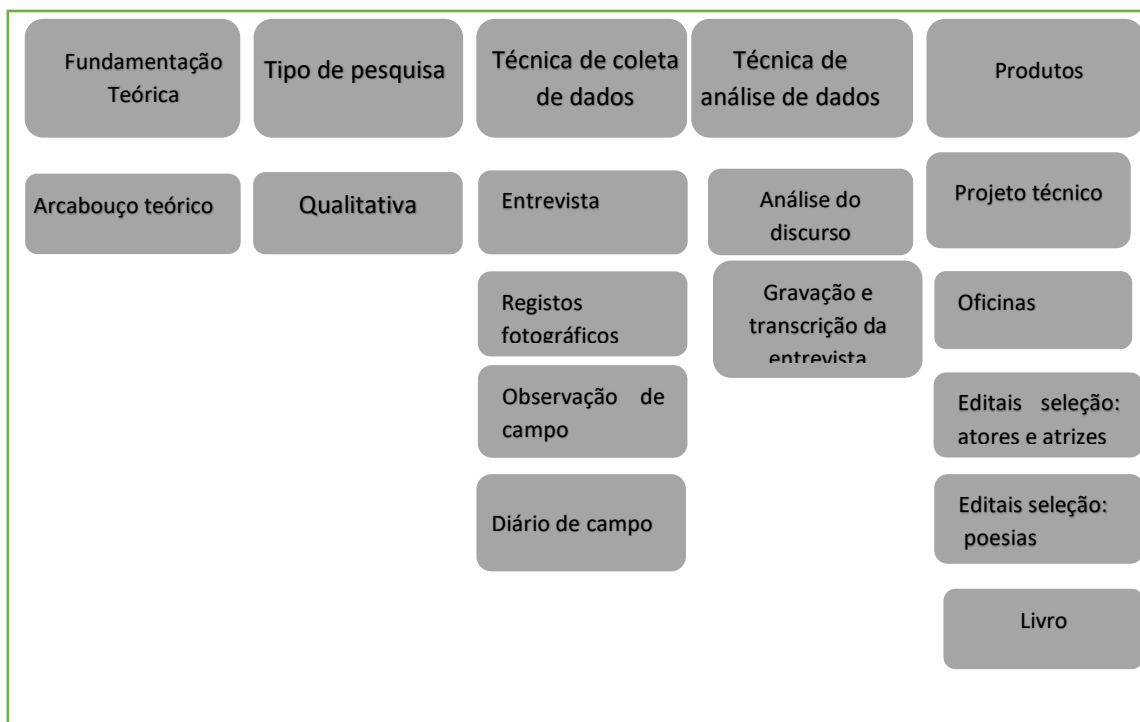
⁴ Em 2019, o município fechou o anexo, onde funcionava as turmas Pré-Escolar da Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro, e inaugurou uma nova unidade escolar: a Escola Municipal José dos Santos, passando a funcionar do 6º ao 9º ciclo final do ensino fundamental. Atualmente, a Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro ficou com a Educação Infantil, Pré-Escola, Ensino Fundamental inicial do 1º ao 5º e o EJA.

O povoado Morena possui aproximadamente 200 (duzentos) habitantes (dado da SMS, agentes de saúde 2017), e é atravessado pela rodovia Arnaldo Rollemberg Garcez que liga ao povoado Sapé. Sua população sobrevive, prioritariamente, da agricultura familiar. Alguns moradores do povoado retiram seu sustento coletando materiais recicláveis da lixeira. Os estudantes desse povoado, matriculados no ensino fundamental, parte deles, estudam nesta unidade escolar, enquanto que uma outra parte é distribuída em outro povoado. Deste, vários estudantes, movidos pelas discussões já travadas em seus lares sobre os danos produzidos pelos resíduos depositados no lixão e os que são provocados a nascente do rio, que está dentro deste espaço. Visão essa que era concentrada, basicamente, mais pelos estudantes do referido povoado. Assim, surgia a necessidade de envolvimento dos estudantes e da comunidade escolar em produzirem trabalhos pedagógicos que levem à população destas localidades a construir mecanismos em defesa da vida e da sobrevivência dos seres vivos.

O povoado Sapé fica em torno 3,5 km (quilômetros) do povoado Morena e do lixão, e com uma distância de cerca de 9 Km (quilômetros) da sede do município. Esse povoado possui cerca de 2 mil habitantes (dado da SMS, agentes de saúde 2017), o qual, abriga a Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro e relaciona-se, diretamente, com o povoado Morena, devido aos estudantes que estão matriculados na unidade referida e pelo depósito de todo seu resíduo sólido e orgânico jogados no lixão. É um dos povoados de Itaporanga D'Ajuda que possui uma maior diversidade econômica, com pequenos comércios de renda familiar, agricultura familiar e a pecuária de corte.

Neste agir, a referente pesquisa teve como objetivo geral produzir na comunidade escolar da Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro, a importância de um olhar diferente na construção de paradigmas que respeitem a natureza, abordando os impactos socioambientais gerados pelo aumento dos resíduos sólidos, fruto do consumismo implantado pelas ações capitalistas. Comunicativamente, a pesquisa especificou através dos objetivos: a) aprimorar o conhecimento de forma emancipatória sobre os problemas ambientais, construindo novos caminhos para a formação de novos paradigmas ambientais; b) trabalhar na comunidade escolar os problemas ambientais ocasionados por uma sociedade de risco, ampliando o entendimento do cenário atual; c) apresentar, conjuntamente com a comunidade, ações enquanto um sujeito ecológico, no qual a concepção de sustentabilidade é o foco; d) formar um grupo de teatro que use a transmissão poética, levando o conhecimento emancipatório no diálogo de construção coletiva racionalizada.

Tabela 1. Procedimentos metodológicos da dissertação



Elaboração Uilson de Meneses Hora, 2019.

A proposta metodológica da pesquisa da dissertação baseia-se no materialismo histórico e dialético, servindo como suporte de análise da apropriação da natureza e como é feita por parte do capital, e como os preceitos éticos ambientais são inseridos nesse contexto. Ao escolhermos o método, aplicamos uma visão centrada na concepção do mesmo, buscando sempre a relação no valor de uso e troca que é dada a natureza pela apropriação capitalista neste processo. Assim (NETO PAULO, 2011), caracteriza o método:

O método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto. Alcançando a essência do objeto, isto é: capturando sua estrutura e dinâmica, por meio de procedimentos analíticos e operando sua síntese, o pesquisador a reproduz no plano do pensamento.

A concepção e o processo visam a empregar a teoria marxista, dando poder ao sujeito pesquisador da reprodução do movimento real do objeto. Essa reprodução não é mecânica, e sim apoderando o sujeito em pesquisa. Contudo (Id.Ibid, 2011, p.25), discorre que Marx diz:

O papel do sujeito é essencialmente ativo: precisamente para apreender não aparência ou a forma dada ao objeto, mas a sua essência, a sua estrutura e a sua dinâmica (mais exatamente: para apreendê-lo como um processo, o sujeito deve ser capaz de mobilizar um máximo de

conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação.

Neste parâmetro, a estrutura do trabalho caminha conforme a organização contextual que o método exerce na pesquisa, intermediando todo contexto a ser pesquisado. O trabalho versa na apropriação da natureza, como fonte de produção de riqueza e a relação final consumo (FOSTER, 2012). O crescimento do consumo alimenta um ciclo de produção também crescente, e todo o processo é alimentado em uma visão de uma acumulação cada vez maior. Discorre,

Por isso, é correto assumir que para solucionar o problema ecológico é necessário intervir para desacelerar, parar, reverter e eventualmente dismantelar o moinho, particularmente no centro do sistema. Não obstante, a perspectiva padrão do moinho, se tomada por si própria, tende a reduzir o problema ecológico a um problema *quantitativo*, retirando a ênfase dos mais *qualitativos* aspectos da dialética, representados hoje pela promoção de valores de uso especificamente capitalistas e, assim, do desperdício econômico (FOSTER, 2012, p. 98,99).

Esse caminho é um ponto de diálogo que sustenta a discussão de uma nova forma de ver a natureza, de estar nela, de ser parte dela, de como a técnica é usada e de como todo esse processo tecnológico tem sido usado para o processo de acumulação, produção e consumo. A teoria qualitativa e quantitativa do valor trabalhada em Marx e citada por (FOSTER, 2012), (LEFF, 2006), mostra como é feito para a produção do valor e associada à sua eficácia no processo produtivo, dependendo do processo científico que produz o desenvolvimento econômico, e o trabalho que é feito para alimentar a roldana das descobertas e o uso incessante da natureza como fonte de matéria-prima, ocasionando todo processo degradativo.

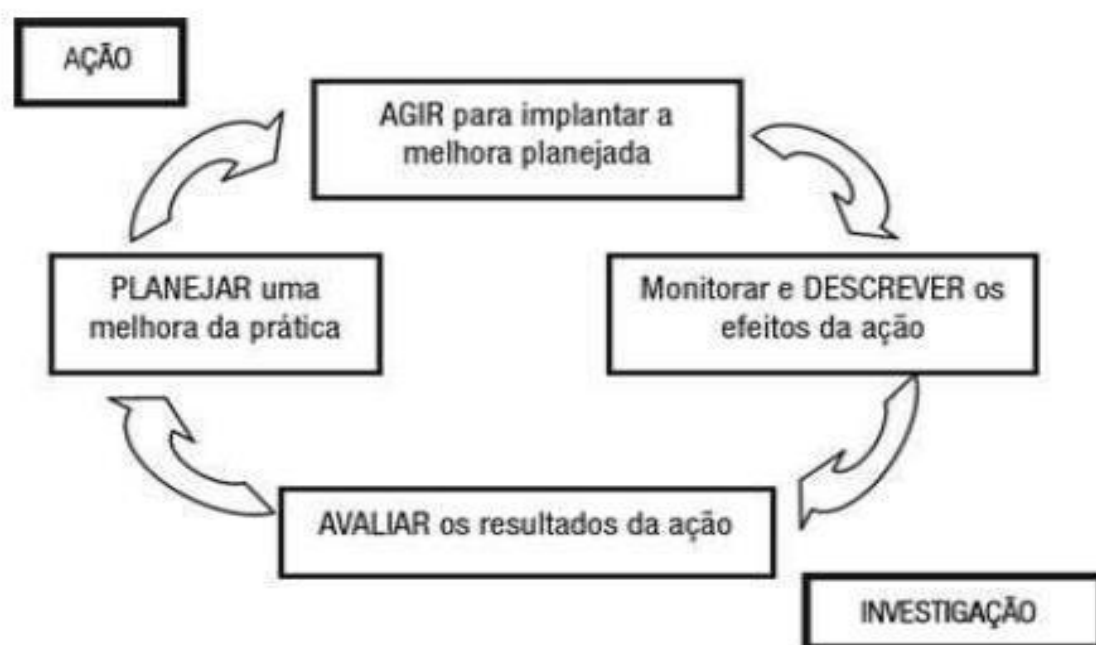
O processo ainda conta com o auxílio na metodologia trabalhada da Investigação-Ação. A ação Apreciativa, que interage com os estudos de implicações práticas, versando sobre a ação comunicativa na proposta de educação ambiental e na perspectiva de uma ética ambiental proposta no estudo em questão. Essa ação metodológica conta com alguns ciclos de processos e a conjuntura do trabalho caminhará com Investigação- Ação e denominado como ciclo, assim

[...] investigação-ação, que é um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para

a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação (TRIPP, 2005, p. 445,446).

O uso da investigação vai proporcionar ao método escolhido uma maior facilidade de diálogo em todo processo de construção. Esse ciclo proposto pela investigação também tem ligação com os instrumentos e as técnicas de pesquisa utilizadas na construção do trabalho.

Figura 3: Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação



Fonte: Tripp (2005, p.446).

As quatro fases da investigação-ação embasarão o processo ciclo, desempenhado no trabalho de produção de sujeito emancipado com voz capaz de defender a natureza a partir do conhecimento a ele facultado. Essa interação da investigação-ação que, alimenta a metodologia, fornecerá dados cíclicos a todo momento para o andamento da pesquisa, podendo através da coleta de dados, de sempre direcionar às ações que devem ser trabalhadas no transcorrer para sustentar a emancipação deste sujeito.

É importante salientar que toda a trajetória da pesquisa trabalha o contexto da ação comunicativa na vertente materialismo histórico e dialética da investigação- ação, aliada à visão qualitativa crítica para a compreensão das ações frente à natureza. Assim, as

informações serão analisadas na base qualitativa crítica, ou seja, todos os dados serão trabalhados para uma visão ampla da situação,

[...] “a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentada pelos entrevistados, em lugar de produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos” (RICHARDSON, 2011, p. 90).

O estudo de caso propiciará um embasamento complementar de recolhimento das informações em um detalhamento das ideias contidas no levantamento e nas entrevistas, com um cuidado com as questões teóricas levantadas. Além dessas, complementamos ainda todo o arcabouço metodológico utilizado na pesquisa com o estudo de caso aqui:

[...] pretende examinar eventos contemporâneos, em situações onde não se podem manipular comportamentos relevantes e é possível empregar duas fontes de evidências, em geral não utilizadas pelo historiador, que são a observação direta e série sistemática de entrevista. [...] sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidência – documentos, artefatos, entrevistas e observações (DUARTE, 2011p.219 *apud* Yin, 2001, p.27).

A apropriação das características utilizadas pelo estudo de caso vai viabilizar na tipologia e nas características essenciais para engrandecer o trabalho em desenvolvimento. É oportunizar a investigação da ação comunicativa do sujeito.

A coleta dos dados baseia-se nas entrevistas individuais abertas que propiciará uma qualidade ao trabalho a partir das falas, das ideias, e na visão de sujeitos que estão envolvidos ou de alguma forma têm uma relação direta com o objeto de estudo. Por isso, identifica-se na entrevista, um recurso utilizado no recolhimento de informações, experiências fornecidas livremente pelos entrevistados para, enfim, auxiliar ao pesquisador num diálogo no entendimento real do fato. Neste caso, “O uso da entrevista permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos” (DUARTE, 2011, p. 63). O método aplicado no trabalho exige uma entrevista aberta, deixando o entrevistado livre para definir as suas respostas, de acordo com seu conhecimento sobre a realidade ou vivência do que está sendo pesquisado. Contudo, “É essencialmente exploratório e flexível, não havendo sequência predeterminada de questões e respostas (Id.Ibid, 2011, p. 63)”.

O uso de equipamentos técnicos como gravador e celular foi utilizado como auxílio na coleta de dados. As observações para com o ambiente e os sujeitos se deram

de forma livre e participante, e as mesmas se deram nas idas em campo através de um diário de campo (vide apêndice). O ato de ir ao campo abre um leque de oportunidades e de conhecimentos, tanto do sujeito quanto do espaço em uma sensação de sentimento e percepção. O contato com os moradores e os estudantes oportuniza uma gama de conhecimentos, a partir de evidências do objeto/sujeito pesquisado. Nessa direção, as entrevistas abertas foram divididas em dois momentos: atingir aos moradores da comunidade e aos estudantes da escola.

No primeiro momento, foram entrevistados 10 (dez) estudantes da Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro, que explanaram sobre o seu entendimento nas questões ambientais e a lixeira; alguns alunos/as que iriam dar as entrevistas, no momento, desistiram por medo de represália ou vergonha. O público-alvo foram os estudantes da EJA (Educação de jovens e adultos) no turno noturno.

No segundo momento, foi a vez da comunidade do povoado Morena. Tivemos, como público-alvo, as pessoas que moravam próximas à lixeira. As entrevistas aconteceram em lugares diferentes da comunidade. Por isso, aproveitamos a própria residência dos moradores em suas dependências. As entrevistas foram abertas e com algumas questões norteadoras, o sujeito foi comunicado que estava livre para falar o que desejava e o sigilo seria mantido. Foi solicitada a gravação da entrevista que nos possibilitou revisar e transcrever as falas na íntegra, auxiliando-nos na interpretação e análise dos resultados. Foram feitas 08 (oito) entrevistas com os moradores; destas, 03 (três) com ex-catadores que trabalhavam diuturnamente na lixeira.

O primeiro campo foi no dia 18 de abril de 2018 na Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro, norteado por um contato inicial para uma breve explanação e observação. Mesmo sendo meu espaço de trabalho, agendei com a direção para falar do meu trabalho para estudantes dos 03 (três) turnos. O segundo campo aconteceu no dia 02 maio de 2018 na lixeira municipal. As observações livres do ambiente e com registros fotográficos de todo amontoado de resíduo sólido. Para isso, adentramos a mata para termos o primeiro contato com o Rio Morto, percorrendo um pouco de seu leito.

O terceiro Campo foi novamente na lixeira. Desta vez, foi a partir de um projeto com os estudantes em uma Ação Pedagógica por exigência do curso. A união da Ação Pedagógica com o trabalho, que vinha sendo desenvolvido, ampliou horizontes e conhecimentos que nos proporcionou acrescentar destas visitas muitos substratos e ideias na continuidade do desenvolvimento do trabalho.

O quarto momento dedicamos para a leitura e divulgação de dois editais: um para seleção de atores e atrizes para a formação do teatro na escola. As pessoas selecionadas passariam por oficinas de formação; em um outro edital, para seleção de poesias, a formação de uma peça teatral e a construção de um livro de poesias que sairiam das mesmas. Dialogamos com professores para que nos auxiliassem nesta tarefa.

O quinto momento, já foi para conversar com as pessoas e essas apresentarem às suas poesias já selecionadas para o livro; e as demais para a formação de uma peça teatral. A tabela abaixo mostra como se deu as oficinas e delas às intervenções realizadas:

Tabela 2 Atividades realizadas na Intervenção Pedagógica

Oficinas para implementação e realização do teatro, projeto e as datas	Atividades realizadas na Intervenção Pedagógica	Carga horária
1º Oficina 28/09/2019	Depois da seleção, o primeiro encontro para a apresentação e para conhecer a estrutura do projeto, tirando as dúvidas, e de como será toda a formação do teatro. Para explicar a todos/as que não é uma formação esporádica, e sim a formação de um grupo teatral nesta estrutura e que é uma forma espontânea de construção de identidade em uma visão emancipatória.	02 horas
2º Oficina 05/10/2019	Jogos teatrais para libertarem o sujeito na construção histórica, com exercícios trabalhando a sensibilidade e a mente. História do teatro, onde se busca o reconhecimento e a formação.	02 horas
3º Oficina 12/10/2019	Jogo do espelho: em uma caixa, cada participante se observa, e se descreve oralmente com os pontos positivos e negativos de sua própria personalidade, e relação a sua própria pessoa, em busca de um reconhecimento como sujeito. Exercício de voz, mímica, etc.	02 horas
4º Oficina 19/10/2019	Exercício de fixação de texto: trabalhos com expressões corporais, vocais e gestuais. Distribuição de um texto para trabalhar na próxima oficina. Trabalho com trava-língua.	02 horas
5º Oficina 26/10/2019	Representação de um texto que foi distribuído. Divididos em dois grupos: entre artista e público em que ambos se interagem com jogos de palavras e exercícios.	02 horas
6º Oficina 09/11/2019	Nesta data, a discussão foi com relação à escolha de personagens. O nome de lugares para as primeiras apresentações, e o figurino adequado para a estrutura do teatro.	02 horas

7ª Oficina 16/11/2019	Formação e discussão de improviso de uma peça de teatro para atuar em uma escola de educação infantil.	02 horas
8ª Oficina 22/11/2019	Ensaio e apresentação.	02 horas

Elaboração: Uilson de Meneses Hora, 2019.

O produto é fruto deste trabalho que surgiu com as poesias, perfazendo um total de mais de 350 (trezentos e cinquenta) produzidas por estudantes na unidade escolar, sendo que dessas, a Poeta Luciana Celi selecionou 51 (cinquenta e uma) que representavam com mais força a temática natureza. E daí surgiu a ideia por um estudante de representá-las com desenhos. Levados para as discussões com os estudantes, a ideia foi acatada e a incorporação passou a dar mais vida ao livro, que passou a compor 51 (cinquenta e um) desenhos representativos. O quantitativo de poesias e desenhos para a formação do livro baseou-se em diálogos com os estudantes. As poesias foram entregues aos estudantes que já têm o dom de desenhar, sendo assim, esses fizeram a interpretação do texto e produziram os desenhos.

O levantamento da bibliográfica que, segundo (LAKATOS e MARCONI, 2010, p. 12), aponta que “um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”. As fontes proporcionaram uma visão mais ampla do tema trabalhado. Pode-se considerar uma fonte inesgotável de conhecimento, interagindo com o pesquisador na contemplação dos dados estudados. “A pesquisa bibliográfica é por excelência uma fonte inesgotável de informações, pois auxilia na atividade intelectual e contribui para o conhecimento cultural em todas as formas do saber” (Ibid, 2006).

O apanhado bibliográfico levantado nas fontes pesquisadas forneceu subsídios para trabalhar o referenciamento e ampliar o conhecimento da literatura pesquisada, compondo uma etapa do processo de formação do conhecimento do que está sendo trabalhado.

Utilizamos no trabalho a análise de discurso para uma melhor orientação das ações descritas dos fenômenos postos pelos entrevistados. Assim, analisando toda organização retórica e leitura crítica exposta nos fatos postos, pois, a linguagem é um composto diferenciado de variedades e diferentes enfoques sobre um tema, é necessário que: [...] “uma rejeição de noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de referir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social” (GILL, 2011, p. 244).

A caracterização da Área de Estudo: a lixeira fica às margens da Rodovia Arnaldo Rollemberg Garcez, no povoado Morena, em uma área de Mata Atlântica. Já a Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro, localizada no povoado Sapé, município de Itaporanga d' Ajuda/SE, funciona nos 03 (três) turnos da educação infantil (pré-escola) até o 9º (nono) ano da Educação Fundamental, sendo composta por 07 (sete) turmas e com uma infraestrutura precária.

A Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro, com o referente projeto, terá a implantação de uma Educação Ambiental contínua, pois ainda é inexistente até o prezado momento. Isso culminará na elaboração de outros trabalhos que possam sempre despertar no conjunto da comunidade escolar, e o desenvolvimento de projetos socioambientais.

Com a constância de apresentar o transcorrer da construção e os frutos da pesquisa, desde a fase inicial, contamos com a dedicação dos estudantes da Escola Professor Nilson Barreto Socorro no projeto, nas oficinas e entrevistas abertas. Algumas tabelas foram construídas por meio do aplicativo Word; e outras em fontes bibliográficas inseridas na pesquisa. As fotografias foram extraídas de uma câmera digital do aparelho celular. As gravações das entrevistas foram feitas também no gravador do aparelho celular, formatada de uma pasta, depois de transcritas e analisadas às informações. Quanto aos mapas, houve o contato com um profissional para a sua construção.

A dissertação foi constituída a partir da Linha de Pesquisa – Ambiente e Sociedade, referente ao Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais - PROFCIAMB/UFS, Universidade Federal de Sergipe (UFS) – Campus São Cristóvão. O mestrado profissional, na área de concentração – Ensino de Ciências Ambientais - busca interagir diretamente com a sociedade, construindo patamares que ligam às questões ambientais. E ainda com o objetivo de proporcionar a formação continuada de educadores/ras a partir da transversalidade a uma outra construção que leve a um sujeito emancipado e a conciliar a formação formal e informal, em um contexto que busque um outro viés para as questões ligadas à natureza. E é uma fonte didática e metodológica para a construção de novas pesquisas, mesmo após a conclusão deste trabalho, pois estaremos ligados à rede por 05 (cinco) anos na construção, elaboração e apresentação de novos trabalhos.

A organização desta dissertação é composta por quatro capítulos e um produto. O primeiro intitulado, A ação comunicativa dialogando com a pesquisa, compreende os elementos da formação da pesquisa: problemática, objetivo geral e específicos, método e

os procedimentos metodológicos, os quais foram organizados em: pesquisa investigação-ação, pesquisa qualitativa, estudo de caso, coleta de dados, observação livre, entrevistas abertas, levantamento bibliográfico, análise do discurso e caracterização da área de estudo.

O segundo capítulo discorre sobre sujeito social emancipado e um ambiente sustentável em um processo reflexivo que busca dialogar com o corpo do trabalho, transcorrendo a partir do contexto social a chegar a uma visão de sustentabilidade. O suporte teórico norteador para a formação diversificada de conhecimento para entender a racionalidade econômica, em face da racionalidade ambiental, é de fundamental importância para se chegar à percepção do momento que passa o planeta em um processo de crise ambiental que o coloca em risco. Compreendendo este percurso, é tentar buscar a formação de novos paradigmas e novas construções baseados na formação de uma ética que difere da que vem sendo utilizada.

No transcorrer do terceiro capítulo, Educação ambiental e sustentabilidade em faces das dimensões: natureza, economia, cultura e sociedade, vêm exigindo novas formulações da educação ligadas à educação ambiental para enfrentar os desafios, que sejam capazes de se contrapor ao modelo atual de vida da humanidade, se constituindo no enfrentamento a crise e que busque o equilíbrio, respeitando a sustentabilidade ecológica. É um processo que busca formar uma educação emancipadora, onde se possa trabalhar a educação formal e informal na construção de um processo libertário do sujeito. O sujeito livre, este passa a ter voz, e a construir novos paradigmas com a oportunidade da compreensão da racionalidade dominante e trilhar caminhos na construção de uma nova ética ambiental.

O quarto capítulo traduz a essência em uma reflexão sobre a escola, o rio e a lixeira: racionalidade comunicativa e visão ambiental discorre sobre os problemas ambientais sofridos por uma lixeira implantada no povoado Morena. É um ambiente cercado por um resquício de Mata Atlântica e por uma nascente de um rio. A população, que mora nas proximidades, busca no agir comunicativo a retirada da lixeira daquele ambiente; a forma utilizada, surgido da manifestação popular, ecoou sua voz para além do povoado e atingiu os órgãos ambientais, fiscalizadores e políticos, os quais perceberam o mal que produziu ao implantar a lixeira naquele ambiente. Este também faz uma ponte com a Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro e seus estudantes e em qual o patamar de conhecimentos e de como os problemas ambientais são tratados por aquela instituição de ensino.

O produto feito é um livro “A arte rompe barreiras: poesias emancipatórias e a escola” é uma exigência para a conclusão do mestrado a apresentação de um produto didático. O livro é constituído de 51 (cinquenta e uma) poesias e desenhos representativos, todos elaborados e produzidos por estudantes do ensino fundamental do 3º (terceiro) ao 9º (nono) anos. Este trabalho é fruto de um edital para selecionar poesias tanto para o livro como para um grupo de teatro formado na escola, a partir deste projeto. Assim, a escola virou uma ebulição cultural com dois novos projetos que foram lançados como: o grupo de dança e o coral, ambos partidos desta mesma ideia do teatro. A repercussão do trabalho abre outras frentes de projetos na escola.

2. SUJEITO SOCIAL EMANCIPADO E UM AMBIENTE SUSTENTÁVEL

A importância de refletir sobre as práticas dos seres humanos nos colocamos em um contexto marcado pela degradação ambiental, que vai exigir de todos um campo mais avançado de entendimento que necessita de um esforço para articular sua produção com a Educação Ambiental. Esse entendimento nos põe em uma diversidade de produção de conhecimento que vai além da simples visão e envolve uma condução do conhecimento interdisciplinar, contemplando às relações da natureza com o meio social. Nesta direção, a formação do conhecimento deve interferir no processo em que o homem tenta sobrepor a natureza e determinar o social como mais importante que o natural, e isso faz com que se crie condições de entender a visão deste desenvolvimento em uma perspectiva que dê ênfase à sustentabilidade do planeta.

O entendimento acerca da compreensão como o processo de racionalidade pode pender tanto para a preservação como para a degradação. Este vai depender da lógica como a racionalidade é dirigida, e a qual fim ela atenderá, assim é um contexto de cautela.

Tomando como referências os problemas ambientais vividos em várias partes do planeta, onde se observa uma crescente degradação ambiental e da vida, refletindo em uma profunda crise ambiental. Essa realidade se faz necessária uma mudança drástica na forma de agir e de pensar referente às questões ambientais. Essa reflexão é de mudanças profundas no sistema de conhecimento, da ética, das racionalidades dominantes, que se sustentam nos parâmetros econômicos. Temos nas questões educacionais um caminho a ser trilhado na construção da contracultura que vai construir caminhos para a sustentabilidade ambiental. Esse caminho vem a partir da intercessão da EA - Educação Ambiental-, que busca levar a este mecanismo de apresentar outros parâmetros e racionalidades que vão de encontro à econômica e possam abrir o diálogo na construção de sujeitos capazes de formular construções de romper com o processo de degradação existente e reorientar o processo civilizatório na humanidade. A crise ambiental vivida nos apresenta parâmetros para questionar essa realidade e que pode construir uma nova racionalidade em que os conceitos vejam o todo.

2.1. Racionalidade ambiental⁵ versus racionalidade econômica⁶ e a vida no planeta

A dualidade mostra o quanto é difícil compreender às questões a respeito da racionalidade ambiental *versus* a racionalidade econômica. Assim, a interferência do econômico sob o ambiental sempre produz grandes transformações, que leva à desarmonia as questões ambientais no planeta. Porém, adentra por um viés em jogo que tem reunidos pesquisadores, populações tradicionais, ONG'S, que avaliam e estudam os impactos sobre a vida e a sobrevivência harmônica, e a partir destas transformações que vêm ocorrendo há séculos e nas últimas décadas com enorme intensidade, na qual está tentando modificar esse desarranjo produzido pela racionalidade dominante.

Toda esta problemática vem sendo trabalhada pelo sociólogo ambientalista mexicano Henrique Leff já há algum tempo. Buscar respostas para as problemáticas ambientais não é uma tarefa fácil, pois envolve uma série de causas e consequências. A discussão trazida em seus livros produz inúmeras observações em que é visível como o sociólogo vem em um crescente desenvolvimento nos saberes ambientais e na busca para mostrar como se apresenta,

a categoria de racionalidade ambiental internalizada a incomensurabilidade dos processos que a constituem (potencial ecotecnológico, diversidade étnica, significado cultural), como um princípio epistemológico e político, rompendo com a ordem homogeneizante e dominante, incluindo os enfoques críticos da economia ecológica (LEFF, 2008, p. 74).

O contexto em que se depara esta nova ordem mundial econômica, no papel da racionalidade econômica ganha peso neste cenário catastrófico apresentado na atualidade.

⁵ Racionalidade ambiental em Leff é um processo em que implica na transformação de conceitos e métodos das ciências e dos campos disciplinares do saber, de valores e de crenças sociais. Tais transformações ideológicas e epistêmicas não são efeitos traçáveis a partir do posicionamento de diferentes classes sociais, mas implicam na análise de processos complexos que colocam em jogo os interesses de diferentes grupos de poder em relação à apropriação dos recursos naturais, interesses institucionais de uma administração pública setorializada e interesses disciplinares associados à identificação e à apropriação de um saber dentro do qual se desenvolvem as carreiras científicas e profissionais. Nesse sentido, é possível propor que a emergência do saber ambiental abre uma nova perspectiva para a sociologia do conhecimento. Considerando que o meio ambiente não é, inicialmente, um resultado da ação humana, mas com o tempo torna-se tal, por fazer parte dessas relações humanas, usar ou preservar algum bioma torna-os reconhecidos os ecossistemas pela sociedade (CEMBRANEL, 2015).

⁶ Racionalidade econômica “é o processo que acelera a apropriação destrutiva da natureza e a degradação entrópica do planeta...estabelecendo um crescimento econômico de crescimento em escala a longo prazo, em nome do desenvolvimento econômico” (LEFF, 2006).

O rastro de destruição apresentado por esta ação fica evidente, no contexto de se fazer jus ao ditado: o dinheiro pode tudo, até mesmo alterar estruturas do sentido de incomensurabilidade existente em povos defensores da racionalidade ambiental. A luta constante para defender visões ecológicas mistura-se com a visão da economia ecologicamente correta. No transcorrer do tempo, mostra que tudo isso se torna *lobbies* empresariais para que, gradativamente, ganhe terreno e adquirirem certificações. Porém, por trás, deixa seu rastro de destruição e que, rapidamente, o pensamento dominante ganha força e sufoca os demais. É uma luta que concentra de um lado, o poder do capital; e do outro, a epistemologia da razão de uso; sustentados em alterar os padrões sociais de produção existente. Duas posições completamente distintas da dominação, que é uma superestrutura com poder e fluxos de influência; e do outro lado, os que tentam se emancipar um levante contra os ditames dos poderosos.

Várias passagens marcam lutas deste tipo e muitas vidas são ceifadas. Existem muitos defensores do meio ambiente, mas o ritmo de produção e alteração das condições que permitam a vida, tal qual conhecemos, continua a avançar. É uma guerra covarde porque os ambientalistas que possuem são a minoria e o avanço sobre a fauna e flora não retardam. Então, é preciso problematizar, questionar a razão de não haver um freio. Dessa forma, você pode colocar o problema econômico do capitalismo que traz consigo vertentes anticientíficas que negam os danos causados pela produção econômica ao planeta e, por fim, tentar compreender a luta travada contra essas forças da devastação (no âmbito social, político e científico), bem como a relação com o estado que, na maioria das vezes, está loteado entre a pequena burguesia e outra, a burguesia comercial e financeira. É preciso contar com a ajuda do estado para proteger o meio ambiente? De que forma o estado pode ser um aliado na conservação das condições ambientais?

O confronto contra os padrões instituídos perdura e a tendência é que a quebra de braço possa ter mais resistência com o estado, defendendo o desenvolvimento socioeconômico, no qual governos que apoiem a racionalidade econômica, como motriz do desenvolvimento sustentável a qualquer custo, sendo porta-voz dos interesses das grandes empresas detentoras do poder de degradação ambiental, decidindo sobre a vida planetária.

Perante a discussão do sociólogo Henrique Leff sobre a ecotecnologia⁷ trabalhada nesta passagem acima, trazemos à lume associada ou, por trás desta terminologia, duas outras muito mencionadas por governos e economistas, a saber: a *econosfera*⁸ e a *tecnosfera*.⁹ Terminologias que servem para escamotear a primeira. Países ditos desenvolvidos escancaram com o *slogan*, ambas como usufruto de um aparelhamento para alimentarem o crescimento econômico das suas nações. A racionalidade ambiental a utiliza em um patamar muito grande e como papel principal no convencimento popular de que sem ambas não existem desenvolvimento e o melhoramento da qualidade de vida no planeta.

A defesa do ecotecnológico é usada para escamotear as duas outras. Assim, diminuir as pressões advindas da racionalidade ambiental, dos povos tradicionais e de instituições em defesa da natureza. O que está em jogo é como não barrar o desenvolvimento industrial e o consumismo desenfreado, mesmo que para isso, faça o jogo mercadológico. A natureza funcionando como pano de fundo do mercado, ou seja, como *marketing* de suas gloriosas vendas e do ativo consumo, expondo o espaço feliz e próspero. As questões econômicas sempre estão associadas às questões ambientais, configurando em uma plataforma de especulação midiática e, conseqüentemente, a venda de seus produtos, assim:

O pensamento especulativo, do ponto de vista econômico constituía sem dúvida um luxo que, numa sociedade baseada na dominação coletiva, só uma classe de pessoas isentas de trabalho pesado podia se permitir os intelectuais, dos quais Platão e Aristóteles foram os primeiros grandes porta-vozes europeus, devem a sua própria existência, e o seu tempo disponível para entregar-se à especulação, a um sistema de dominação do qual eles próprios tentaram se emancipar intelectualmente (HORKHEIMER, 2000, p. 107)

O que Max Horkheimer apresenta na tese, na verdade, consiste em dizer que uma razão eclipsa a outra. Há um imenso desenvolvimento da racionalidade instrumental¹⁰, típica das sociedades industriais contemporâneas. No seu livro *Eclipse da Razão*, 2000, Horkheimer define mais amplamente o conceito racionalidade instrumental. Ele

⁷ Ecotecnologia é o uso de tecnologias limpas, com o intuito de minimizar os impactos da ação humana no meio ambiente.

⁸ O mundo econômico, no qual produz concentração de bens e riquezas, corresponde à racionalidade econômica.

⁹ O mundo criado pela tecnologia que opera transformação na superfície terrestre para satisfação humana, corresponde à racionalidade tecnológica.

¹⁰ Razão instrumental é um termo usado por Max Horkheimer no contexto de sua teoria crítica para designar o estado em que os processos racionais são plenamente operacionalizados (Escola de Frankfurt). À razão instrumental, Horkheimer opõe a razão crítica.

distingue duas formas de razão: a razão subjetiva (interior) e a razão objetiva (exterior). Tratando-se disso, o autor define a razão subjetiva (instrumental) como a faculdade que torna possível as nossas ações. É a faculdade de classificação, inferência e dedução, ou seja, é a faculdade que possibilita o “funcionamento abstrato do mecanismo de pensamento”. (HORKHEIMER, 2000, p. 11) Essa razão se relaciona com os meios e fins. Ela é formal, abstrata e lógico-matemática. Seguindo esse raciocínio, “A razão subjetiva se revela como a capacidade de calcular probabilidades e desse modo coordenar os meios corretos com um fim determinado” (Id.Ibid, p.13.)

O avanço da técnica traz consigo um aparato de dominação do homem e da natureza, bem como o eclipse da objetiva expõe que precisa construir uma defesa contra a racionalidade econômica e que, para isso, o rompimento contra as amarras dominantes deva acontecer. Esse rompimento acontecerá quando o sujeito for capaz de se emancipar, e só depois, livrar-se dessas amarras impostas pelo sistema de dominação. A emancipação deve se dar a partir do conhecimento e da formação de novas construções racionais da realidade, buscando entender como se configura a intelectualidade e de qual lado ela vai servir, colocando em análise o poder do conhecimento científico, pois este serve para a dominação. A superestrutura montada pelo poder econômico em todo planeta tenta manter seguro o modelo atual, mas os gritos que emergem são de socorro, de ajuda e de construção de um novo modo operante,

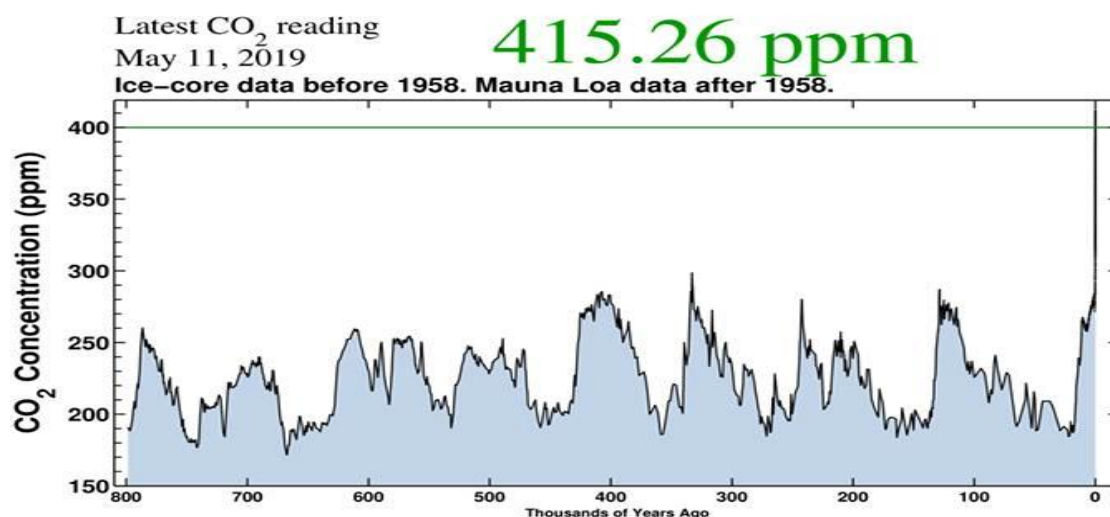
exatamente porque toda a vida de hoje tende cada vez mais a ser submetida à racionalidade e ao planejamento, também a vida de cada indivíduo, incluindo-se os seus impulsos mais ocultos, que outrora constituíam o seu domínio privado, deve agora levar em conta às exigências da racionalização e planejamento: a autopreservação do indivíduo pressupõe o seu ajustamento às exigências de preservação do sistema. E não tem mais possibilidade de escapar do sistema. E na medida em que o processo de racionalização não é mais o resultado de forças anônimas do mercado, mas é decidido pela consciência de uma minoria do mercado, mas é decidido pela consciência de uma minoria planejadora, também a massa de sujeitos deve ajustar-se: o sujeito deve, por assim dizer, dedicar todas as suas energias para estar “dentro e a partir do movimento das coisas”, nos termos da definição pragmatista. Anteriormente a realidade era oposta e confronta ao ideal que era desenvolvido pelo indivíduo presumivelmente autônomo; presume-se que a realidade se conformasse a esse ideal. Hoje tais ideologias são desacreditadas ou omitidas pelo pensamento progressista que assim facilita involuntariamente a elevação da realidade ao *status* de ideal. Portanto o ajustamento se torna o modelo para todos os tipos imagináveis de comportamento subjetivo. O triunfo da razão formalizada e subjetiva é também o triunfo de uma realidade que se confronta com o sujeito como algo absoluto e esmagador (HORKHEIMER, 2000, p. 100, 101).

Os frutos das ações da dominação técnica produzidas pela exploração desenfreada do grande capital se refletem diretamente ao processo esmagador na mudança, na estrutura e o funcionamento da natureza, assim provocando desarranjos no sistema natural. Um entre outros, que vem sendo muito discutido é o aquecimento global, que produz um desarranjo no clima do planeta, prejudicando toda a vida. Os níveis de CO₂ na atmosfera vem aumentando consideravelmente, e isto é devido a quantidade dessa substância que é produzida com a produção industrial, causando um desarranjo no clima do planeta.

O planeta atingiu seu nível mais crítico de concentração de poluentes na atmosfera. É isso que indica um levantamento feito pelo Observatório Mauna Loa, localizado no Havaí. A concentração de dióxido de carbono (CO₂) hoje na atmosfera é de 415 miligramas por litro (mg/L). O número representa a maior concentração do composto químico na Terra desde os primeiros registros de existência humana no planeta. A emissão de CO₂ está relacionada à queima de combustíveis fósseis e ao desmatamento (CURY, 2019).

É apenas um exemplo, porém, fato que custa muitas vidas e produz grandes desastres ambientais como: enchentes em certas áreas e secas extremas, e em outras, chuvas ácidas. Esses são alguns sinais de como a natureza é afetada e pode produzir acontecimentos imensuráveis. Casos assim, abrem um caminho para a construção de outras racionalidades que se contrapõem a econômica. O gráfico abaixo mostra o comportamento dos gases jogados na atmosfera.

Gráfico 1 Concentração de CO₂ no espaço.



Fonte: Gráfico de concentração de CO₂ (Instituto de Oceanografia Scripps/Divulgação)

Na construção da racionalidade ambiental implica em um “processo de racionalização” (LEFF, 2006), seguindo a lógica de que precisa frear a forma como está projetada a racionalidade econômica e na interferência das tomadas de decisões. Esse processo necessita de ser, aos poucos, alterado para um outro patamar de desenvolvimento que distingue do modelo atual. Henrique Leff aponta que este processo é de construção histórica e de legitimação, e não pode ser rompido abruptamente para uma outra racionalidade. Em resposta, fica clara a defesa da construção de um processo de transição para chegar a outro patamar. A hegemonia conquistada pela racionalidade econômica dificultará o máximo essa transição, pois se caracteriza em ir de encontro a todo poder formado até a atualidade. Portanto, o pensamento da construção da racionalidade ambiental se torna um pensamento utópico para o momento, tendo em vista como se apresenta toda essa estrutura montada pelo poder econômico. No entanto, as luzes no fim do túnel começam a aparecer, quando os sujeitos começam a se emancipar e darem um outro tom a esta luta. Mesmo parecendo complicado, a libertação das vozes, das ações por parte da sociedade, e a luta contínua. Isso demonstra que essa geração inicia a traçar caminhos para serem trilhados, em busca de uma construção que nos levem a um outro viés, ou seja, dos que tratam a natureza como um todo orgânico.

A estrutura dominante não possui toda a solidificação necessária para se perpetuar, e começa a apresentar falhas a ruírem, pois são nestas que novas construções racionalizantes aparecem de forma a se sobrepor as que estão em debates, apresentações culturais, protestos, encontros, eventos direcionados, disputas pelo território, e manifestações. Com isso, eles vão criando um ambiente de formação ideológica, sustentado no processo de transformação dos interesses de uma sustentabilidade racional e dos valores ambientais, contando com,

a construção da sustentabilidade a partir da racionalidade ambiental implica a desconstrução da racionalidade dominante, a desobjetivação do mundo instituído. Isso não significa que emergja *ex nihilo*, como um ideal montado em uma tábua rasa. A disposição desconstrucionista busca desfazer o mundo coisificado para rearticulá-lo a partir das potencialidades do real e os sentidos e criatividade das culturas. Esta construção se dá no confronto, hibridações e reconstruções com o mundo da modernidade (LEFF, 2016, p. 66).

O caminho apontado por Henrique Leff, para alcançar a sustentabilidade, possui alguns obstáculos que criam reflexões críticas acerca de esquemas direcionados a alguns princípios da lógica e do repensar que tudo não têm que girar em torno da racionalidade econômica. Factual rompimento do que já é instituído que destrói, que mata e no qual,

poderia ser uma arma para quebrar com as amarras dominantes. Porém, para muitos, passam despercebidas e cega, produzindo medo, angústia e é mantido pela lógica de mercado do consumo. O patamar reflexivo que a todo momento chama para discutir sobre a crise ambiental provocada, vem conseguindo cada vez mais adeptos que conseguem, aos poucos, destruírem essas amarras.

O mundo funciona dentro de uma lógica que não pode destruir um modelo estruturante, sem ao menos, construir uma base para colocar outro no lugar. O preenchimento cabe a construção de uma ética diferente da que está imposta neste momento. A ética ambiental propõe substituir a que já existe, dando um novo sentido, uma nova visão da natureza, criando uma sustentabilidade ecológica, tratando a natureza como um conjunto.

O processo híbrido entre as duas lógicas deve acontecer em uma passagem ou transgressão de modelo em uma construção e em um outro contexto, na sua lógica e em um tempo. O confronto entre as duas racionalidades, ambiental e econômica, é inevitável. Ambas defendem visões diferentes e que não se completam, e elas buscam ver a natureza como fonte importante, ou seja, uma da vida e a outra, de acumulação. A estrutura dominante que coisifica o mundo precisa perder o poder e a força para que uma outra assuma um lugar nesta história.

A base está sendo montada a partir da formação de um sujeito que começa a enxergar o que antes era obscuro, levado pela racionalidade econômica a criar uma paralisia no tempo que o impedia de ver, ou mesmo de intervir, nos problemas provocados pela racionalidade dominante. Essa construção possui em sua mecânica o acordar; na reflexão de implementação de um novo modo de compreensão do mundo (LEFF, 2016), sob o uso de outra forma do conhecimento adquirido.

A amplitude que se encontra o processo econômico não permite que, de um momento para o outro, tudo possa alterar. Pois, produziria um *blackout*, impactando em todo conjunto já existente. É notório que a racionalidade econômica dominante crie todos os obstáculos possíveis para manter sua estrutura sem ser abalada. Mas, o surgimento aponta para uma visão totalitarista da natureza na outriedade (ou alteridade) de um mundo, sob a égide do respeito ao planeta. Nesta perspectiva, há a possibilidade da construção de um novo paradigma de introdução ecológica do pertencimento da humanidade para com a natureza, buscando a construção de uma outra ética ambiental.

As práticas individualistas crescentes na mente humana constroem a visão totalitarista de algumas nações. É a partir do empoderamento cultural e do

desenvolvimento econômico embutidos nas ações que visam o eu como onipotência, alimentam o ataque a humanidade diretamente a sua própria natureza, ocasionando o caos entre si e o poder forte sobre as massas oprimidas. A esse respeito, vemos que:

os padrões da visão da natureza pela humanidade refletem e determinam em definitivo a representação dos humanos na mente humana e eliminam a última finalidade objetiva que poderia motivar o processo. A repressão do desejo que a sociedade realiza através do ego torna-se cada vez mais insensata não só para a população como um todo como para cada indivíduo. Quanto mais alto se proclama e se reconhece a ideia de racionalidade, mais fortemente cresce na mente das pessoas o ressentimento consciente e inconsciente contra a civilização e seu agente dentro do indivíduo, o ego (HORKHEIMER, 2000, p. 112, 113).

As amarras do antropocentrismo fazem parte do conjunto da racionalidade mercantilista trabalhada por Carlos Valter Porto Gonçalves, em sua obra *Os (des)caminhos do meio ambiente*, na qual o pesquisador elenca os possuidores de todo mundo. Em sua trajetória da história, sempre esteve na mão de alguns grupos dominadores, consagrando a capacidade humana de dominar a natureza. Contudo, as ideias de uma natureza-objeto, sustentada pelos seus paradigmas de conhecimento monopolizante, que são fortalecidos pela dinâmica da acumulação, não se sustentam mais. O sentido de sobrevivência, principalmente humana, sobrepõe e tenta inverter os padrões, criando em si mesmo o processo de resiliência, resgatando por processos culturais que vêm crescendo enormemente em sociedades tradicionais, dando sustentabilidade a padrões de convivência através de processo de resistência que sobreviveu na luta até a atualidade. A situação limite em que deixarão à natureza a sua escassez, em vários dos seus recursos, produz em muitos a resistência e o sentido de racionalidade ambiental com o planeta.

A racionalidade ambiental convida o ser humano a mudar a estrutura a partir dele mesmo, onde possa atribuir o papel principal de todas as transformações, as causas e os efeitos a tudo que vem acontecendo a uma invenção humana. Ao desalinhar parte de nós mesmos e começarmos a entender que precisamos nos libertar e defender a vida na construção de um sujeito que possa ser capaz de se representar na formação de sua própria identidade.

Hoje o ser submetido se aferra à vida a partir de seus desejos de vida, a partir do limite da existência, de uma luta pela sobrevivência; a partir dos direitos de ser do ser cultural e de seus imaginários de sustentabilidade. A partir daí o sujeito sujeitado pelos aparatos ideológicos do estado, o sujeito célula do partido, o sujeito alienado pela soberracionalização da vida, busca libertar-se: não em seu ensimesmamento, mas a partir do desejo de ser que chama a pensar e

move a atuar no sentido da vida. O diálogo de saberes não é um diálogo entre seres configurados por seus saberes, abertos a outros saberes, a outros saberes a outros imaginários, a outras crenças; a sua redefinição com a natureza (LEFF, 2016, p. 422).

A complexidade ambiental produz um jogo nas mudanças de olhares. As ciências sociais passam a olhar não só para o humano, e sim para a vida em seu contexto planetário. O sujeito, ao se libertar, constrói ao seu redor uma onda em que contagia ou abre trincheiras para outros sujeitos buscarem a emancipação. Logo, o sujeito é parte do processo. Não basta um querer para o outro, pois o outro precisa estar inteiramente aberto também a querer; e não só isso, suas ações e suas práticas têm que estar intimamente ligadas e associadas à prática de libertação. É um esforço enorme enfrentar o processo de libertação das amarras do opressor, a visão cabalística imposta pela ação dominante, tentando quebrar a lógica da ação reflexão, no qual este sujeito se segura para conseguir se libertar.

As visões se fundem quando a emancipação parte do sujeito para com a sua prática e vivência de mundo, produzindo mecanismos para construção de saberes e a busca de uma nova construção para colocar no lugar daquela que é prejudicial. A politização dos sujeitos inicia com suas ações. Somente assim, eles criam uma racionalidade diferente de onde todas as transformações nas ações começam a aparecer, sem pressionar e sem autoritarismo. Todo esse mecanismo depende da conjuntura e do sujeito querer realmente as mudanças que se apresentam, sendo uma construção nova a transgressão de um patamar para outro, não é de se esperar, nada é fácil.

2.2. Crise ambiental: sociedade de risco

A preocupação com a crise ambiental vem aumentando consideravelmente em todo mundo. As raízes desta inquietude vêm sendo analisadas, estudadas, monitoradas já por algum tempo, por pesquisadores e estudiosos da área. Porém, com o progresso da tecnociência¹¹, o homem passa a deter o poder das transformações em grau muito elevado, transformando tudo em seu caminho, produzindo um processo de degradação na biosfera em proporção gigantesca sob ameaça de caos (MORIN, 2011). As críticas alçadas ao modelo vigente de produção conduzem a um substrato de intensidade e de desafios rumo a construção de uma outra racionalidade, e nos chamam a repensarmos os mecanismos

¹¹ É um conceito amplamente utilizado na comunidade interdisciplinar de estudos de ciência e tecnologia para designar o contexto social e tecnológico da ciência.

utilizados para se construir um substancial de vida que só uma pequena parte tem direito a ela, e que nem todos os homens podem usufruir.

No seu livro *Rumo ao abismo: Ensaio sobre o destino da humanidade*, Edgar Morin trabalha esta questão do caos em uma sociedade em risco, no qual aponta quatro eixos norteadores: ciência, técnica, economia e lucro. Como motriz, produzindo o melhor e o pior dos mundos. A relação homem- natureza produz uma dicotomia, na qual o ser humano se apropria e sobrepõe a ela e a transforma ao seu uso, de uma forma que as produções realizadas estão levando ao processo de modernidade que chega à violência e agressão ao planeta.

A Terra é uma totalidade complexa, física- biológica- antropológica, em que a Vida é uma emergência da história da vida terrestre. A relação do homem com a natureza não pode ser concebida de forma redutora nem de forma disjunta. A humanidade é uma entidade planetária e biosférica. Simultaneamente natural e sobrenatural, o ser humano deve ser criado na natureza viva e física, mas emerge e se distingue dela pela cultura pelo pensamento e pela consciência (MORIN, 2011, p. 57,58).

A disjunção entre humanidade e natureza conduz ao homem o sentido de dominador e ser dono de tudo. Os artifícios criados são imensos e sempre tentam levar a crer que tudo que é feito ou produzido é em benefício do crescimento e de que será bom para o conjunto e até para a natureza, em nome do desenvolvimento econômico, que é uma forma de apropriação dos bens naturais para constituírem fama e riqueza. A racionalidade tecnoeconômica¹² produz um contexto, no qual sua existência não depende de mais nada, a não ser de estar no controle. A apropriação da vida natural dá ao homem a sensação de controle, e que tudo é parte de seu uso, independentemente do que vai se produzir e onde será descartado. O fracionamento do pensamento na tecnociência que divide o conhecimento em caixinhas específicas em áreas e produz, neste contexto, uma individualidade antropocêntrica. No entanto, o que deixa a transparecer é que o pensamento universalizado, em sintonia planetária, e que está ao alcance de todos. Mesmo que tudo isso seja uma ilusão fabricada pela racionalidade instrumental para se manter no controle, produzindo uma sensação de bem-estar. Uma sociedade que busca na tecnociência a tentativa de conceber um olhar diferenciado do mundo mecanizado que lhe ofereça os prazeres internos. Ver tudo o que está acontecendo, mas é incapaz de analisar a realidade, ou seja, age apenas para satisfação pessoal (HORKHEIMER e ADORNO, 1985). Este parâmetro produz a sensação de que o não pertencimento ao

¹² Termo usado por Edgar Morin para caracterizar a junção entre a técnica e a economia e poder de transformação do espaço natural, determinando o interesse pessoal e cego, produzindo pelo grande capital.

conjunto da natureza reproduz a saga da onipotência endeusada desta pequena parcela da população que vê a natureza como recurso na produção de riqueza material.

O conhecimento da tecnociência e tecnoeconômico, (MORIN, 2011), age produzindo um cenário de mudanças profundas, porém, a reflexão nos permite produzir pensamentos de construção de uma nova sociedade que avalie o risco, que possa pesar os efeitos da produção em um contexto diferente do existente. A racionalidade instrumental (HORKHEIMER e ADORNO, 1985), que utiliza o emprego técnico do conhecimento humano atrelado à produção. Uma razão meramente instrumentalizada utilizada na visão biótica pode provocar uma cadeia de efeito oposto ao que é apresentado. O desenvolvimento tecnológico, científico e econômico, na atualidade, tem um caráter de buscar o bem-estar de uma parcela social e produzir um contexto de separação para os demais. A racionalidade usada produz um abismo muito grande entre os que acham que podem tudo e os que não têm quase nada. Enquanto isso, as contradições produzidas entre os próprios seres humanos conduzem a uma lógica perversa dicotômica sustentada na relação de poder.

As ambições, o gosto desenfreado pelo lucro, a produção do novo, conduzem a uma sensação de que não se pode barrar estes tipos de ações. Nos posicionamos contrários ao apego a tudo que é material, como forma de dominar, de controlar, torna-se cada vez mais veloz, assim causando problemas que se tornam difíceis de entender, portanto,

como resultado final do processo, temos de um lado o eu, o ego abstrato esvaziado de toda substância, exceto da sua tentativa de transformar tudo no céu e na Terra em meios para a sua preservação, e do outro lado uma natureza esvaziada e degradada a ser um simples material, simples substâncias a ser dominada, sem qualquer outro propósito do que esse de sua própria dominação (HORKHEIMER, 2000, p. 102).

A razão instrumental criticada por Max Horkheimer está relacionada com a crise ambiental, e todas as transformações que acontecem estão intimamente ligadas ao parâmetro da visão do leque de consumo, impostas pela modernidade, e das exigências de sustentação dos padrões de poder, provocando um grande investimento por mais tecnologia e em um nível cada vez mais elevado e de exigência cada vez maior, fazendo com que aconteça essa corrida pela transformação, degradando em nome de um propósito que é o da dominação dos bens naturais.

Max Horkheimer chama a atenção para o esvaziamento do significado e do sentido de natureza, e pondo no “eu” o sentido de autopreservação do controle e no centro, as ações e decisões, tornando-as dependentes da velocidade do seu conhecimento. O poder de descartar-nos das emoções que nos cercam e de não diminuir as exigências de autoprocamação. Neste emaranhado, a modernidade oferece-lhe uma velocidade na transformação de bens de consumo para a sustentação do ser humano, como agente uno. Essa velocidade faz com que o tempo se torne fracionário, ou seja, sendo fragmentado em partes cada vez menores na busca da satisfação.

O processo da tecnociência encurta cada vez mais este tempo na (re)produção de equipamentos que produz satisfação para alguns, e danos para outros, nos quais podem custar a própria vida. A satisfação pessoal está além do todo, e sendo assim, as transformações não têm controle; foge à lógica natural da conservação da vida, o bem maior, neste caso, é o individual. As transformações produzidas pela tecnociência encurtam a sobrevida dos produtos para sempre surgirem uma necessidade nova, ou seja, a de sempre estar se reinventando, e que isso custa muito caro para o natural, pois é daí que parte toda matéria-prima e a todo momento, novos espaços se tornam dominados por máquinas para extração de alguns recursos para construir equipamentos ou produtos, em algo que sirva para este processo. O momento é de avanços tecnológicos, econômicos e da ciência para alguns; e para outros é somente uma questão de cautela. Essas transformações na velocidade em que acontecem, fazem com que nos questione: quanto tempo o planeta suporta essas transformações? Na velocidade em que acontecem às transformações, o que poderá nos ocasionar no futuro?

Este processo provoca grandes transformações na natureza, sugando dela toda energia produzida. O uso das racionalidades produtivas faz com que o monopólio do conhecimento produza o bem e o mal para uma sociedade doentia que busca na sua satisfação econômica, a glória, produzindo até mesmo, entre seus semelhantes, distinções de uso e de sobrevivência.

O desenvolvimento traz certamente progressos científicos, técnicos, médicos, sociais, mas também destruição da biosfera, destruição culturais, novas desigualdades, novas servidões em substituição às antigas escravidões em substituição às antigas escravidões. O desenvolvimento desenfreado da ciência e da técnica traz consigo uma ameaça de aniquilamento (nuclear, ecológico) e poderes assustadores de manipulação. O termo desenvolvimento estável ou sustentável pode retardar ou atenuar esse curso destruidor, mas não pode modificá-lo. De agora em diante, trata-se não tanto de retardar ou de atenuar, mas de conceber um novo ponto de partida (MORIN, 2011, p. 79).

A partilha que deve se iniciar é a forma de como conceber uma forma diferente de ver a natureza, de dar um outro sentido de uso, uma nova partilha centrada na racionalidade ambiental (LEFF, 2016), que freie o processo em curso. Os diversos acontecimentos produzidos ocasionam grandes desastres ambientais e, com o passar do tempo mostra o quanto é devastador, em que se retira do seu seio uma infinidade de vida; coloca em cheque a biodiversidade, tudo em nome do crescimento econômico. O sociólogo Henrique Leff vem coroar os debates travados acerca dos problemas produzidos à natureza pelas racionalidades: científica, econômica e instrumental, construindo uma ligação com a racionalidade ambiental. Em seus estudos, a caracterização da importância de apostar na vida e na natureza como ponto de partida para uma outra construção.

O envenenamento das águas, do solo, a destruição das áreas verdes, os esgotamentos de dejetos jogados diuturnamente nos rios, o ataque aos reinos animal e vegetal, tudo isso produzem um cenário, no qual a degradação se apresenta com o tom de fim, ou seja, de uma encruzilhada sem direção. Estamos diante de um momento crítico da história do planeta nas últimas décadas em que o processo de degradação tem aumentado, consideravelmente, pondo em cheque toda existência da vida. É um futuro tenebroso e ameaçador por todas as transformações que estão acontecendo por toda parte. Essa busca por alteridade de ver a natureza como parte e que ainda temos a opção de mudar, de transformar, de construir a racionalidade ambiental é de apostar na vida, como aponta o sociólogo.

A crise ambiental emerge do modelo econômico aplicado, de modo como é produzido ou configurado este mundo (LEFF, 2016). A concepção de mundo na atualidade e de servidão aos padrões estipulados pelo mercado em tudo que pode gerar um viver bem. Da crise ambiental emerge quatro esferas: “substantiva, teórica, instrumental e cultural. Este processo de articulação de esferas de racionalidade vai legitimando a tomada de decisões, dando funcionalidade à racionalidade ambiental”. Campos da racionalidade ambiental que buscam salvar o planeta, porém, se confrontam com as existencialistas que almejam a individualidade, a atração do monopólio, e a concentração em si e *per si*. O choque destas forças cria um abismo nos processos sociais nas leis da natureza e nas condições de vida (LEFF, 2016). O ponto crucial nesta caminhada é de cautela, de construção de padrões que possam produzir mudanças neste sistema e que a introdução nas mudanças contemple o todo.

O momento é de preocupação em relação ao desenvolvimento desenfreado do modo de produzir, e ao mesmo tempo, rever a racionalidade econômica que produz todo

este modelo de vida. A enorme quantidade de danos ocasionados em nome da acumulação financeira poderia ser evitada se o reconhecimento da responsabilidade (JONAS, 2006) com a vida planetária e as que virão fossem levadas em conta. O que tem pesado muito é o mercado financeiro e a ganância desenfreada pelos recursos que a terra pode oferecer-lhes. O preço pago pelas transformações ocorridas, até o momento, é gigantesco. Porém, em nenhum momento, percebe-se um mínimo de compreensão por parte dos detentores do poder econômico. O que se percebe é o aumento, cada vez mais, nos países produtores do uso da tecnociência para aumentar a produção e a produtividade. O investimento¹³ nesta área é enorme e a cada dia novos programas e novas tecnologias são lançadas no mercado, e as exigências de refinamento se tornam a bandeira econômica, diminuindo o tempo e aumentando a produtividade. A qualidade e perfeição são estudadas, minuciosamente, para esse refinamento da técnica. Contudo, a quantidade de resíduos e poluentes¹⁴ representados adiante aumentam consideravelmente. E muitos deles são extremamente nocivos para a natureza e, mesmo assim, são colocados em contatos diretos com os diversos ambientes.

Gráfico 2-Investimento na produtividade brasileira



¹³ O gráfico de investimentos das empresas é do ano de 2015. Porém, representa uma ascensão dos investimentos para com o desenvolvimento tecnológico e produtivo.

¹⁴ O quadro refere-se aos 10 (dez) maiores produtores de resíduos sólidos (plásticos) em pesquisa feita pelos Banco Mundial e contou com uma análise de dados feita em 200 (duzentos) países. Com relação aos poluentes, não foram encontrados dados precisos, pois estão pulverizados e difíceis de catalogá-los em tabelas.

Quadro 3 Produção e reciclagem de plástico no mundo em número e em tonelada

País	Total de lixo plástico gerado*	Total incinerado	Total reciclado	Relação produção e reciclagem
Estados Unidos	70.782.577	9.060.170	24.490.772	34,60%
China	54.740.659	11.988.226	12.000.331	21,92%
Índia	19.311.663	14.544	1.105.677	5,73%
Brasil	11.355.220	0	145.043	1,28%
Indonésia	9.885.081	0	362.070	3,66%
Rússia	8.948.132	0	320.088	3,58%
Alemanha	8.286.827	4.876.027	3.143.700	37,94%
Reino Unido	7.994.284	2.620.394	2.513.856	31,45%
Japão	7.146.514	6.642.428	405.834	5,68%
Canadá	6.696.763	207.354	1.423.139	21,25%

Fonte: WWF / Banco Mundial (What a Waste 2.0: A Global Snapshot of Solid Waste Management to 2050)

* Valor total de lixo plástico descartado em resíduos sólidos urbanos, resíduos industriais, resíduos de construção, lixo eletrônico e resíduos agrícolas, na fabricação de produtos durante um ano.

O panorama econômico produzido, neste cenário, em que se encontra a natureza, apresenta como conflitantes entre a diferenciação desigual dos padrões de transformações e do poder acumulativo,

face à economia convencional que pretende internalizar as externalidades através da atribuição de direitos de propriedade e preços a bens e serviços ambientais, a economia ecológica reconhece a distribuição econômica (da riqueza e da renda) como determinante da valorização da natureza as categorias de distribuição ecológica incorpora assim o conflito gerado pela distribuição desigual dos custos ecológicos do crescimento e sua internalização através dos movimentos sociais em defesa do ambiente e dos recursos naturais. Os conflitos de distribuição ecológica expressam desta maneira a politização do campo das externalidades (LEFF, 2008, p. 68).

A autopreservação deste modelo instituído configura em choque de realidades distintas, porém, determina a racionalidade econômica como a motriz do processo de distribuição desigual e apropriação da natureza. Conflitos que se apresentam, cada vez com maior intensidade e força; e isso se justifica como o produtor de fato e de direito em que repassa toda a problemática ambiental para quem nem direito tem de usufruto, e todo o custo para quem retira o seu quinhão de sobrevivência dessa natureza degradada pela técnica de exploração dos recursos naturais advinda de um conhecimento que é produzido pela ciência moderna. A visão é que essa mesma ciência que produz esse conhecimento destruidor possa nos levar às saídas desta crise, de uma forma que apresente caminhos concretos para serem trilhados, mudando o foco de sua atuação e auxiliem os movimentos de libertação deste modelo perverso de conceber a história da natureza.

Os movimentos de resistência cada dia ganham mais força e presença nas disputas pela equidade de direito à vida em todo ambiente terrestre. O enfrentamento da injustiça,

do autoritarismo do poder dos poderosos revela uma disputa de proteção e de reexaminar o nosso olhar sobre o conceito de natureza. O que se vê é a extinção de espécies vivas no planeta com a interferência direta da mão humana. Todo este cenário só aumenta a angústia dos povos que têm a natureza como fonte de existência. Todo o movimento é válido para frear o apropriar-se da natureza e dela tudo que possa virar recursos e matéria-prima para ser transformado em lucro econômico. Dessa forma, é inevitável que os recursos naturais estejam em disputa pelas nações. No entanto, o grande problema é o que se pretende fazer com elas, qual a política seguida...

A construção de um estado de crise caracteriza-se pelo indiscriminado exercício de poder do homem sobre a natureza, de tal modo que a anômala destruição da biosfera indica o desequilíbrio originado fundamentalmente pelo afastamento do homem da natureza, assim como pela sua consideração desta como depósito e matéria de uso domiciliar (BARRETO, 2010, p. 77).

Na concepção atual, o antropocentrismo está cada vez mais forte pelo jogo mercadológico, principalmente quando se discute sobre países que vem se destacando no desenvolvimento industrial e com um número populacional considerável vem se somar aos que já faziam parte deste mercado produtor e consumidor em que cada vez mais se amplia. Estas forças denominadas como potência mundial influenciam, diversas vezes, nas transformações de dentro e fora dos países. O contexto é muito preocupante: o ar, que se tornou quase irrespirável em certa parte do dia; a terra, que antes era produtiva, hoje não se produz mais; e a água que não serve mais como fonte de vida. Isso tudo demonstra que a situação ainda pode causar prejuízos, pois países que antes não havia um grande desenvolvimento industrial, começam a se sobressair e, demonstrando seu poder de competição com as grandes potências.

A geração de novos ambientes devastados produzidos pela ação antrópica tem a visão do bem-estar humano. Toda ela gira em torno da satisfação de uma beleza momentânea, porém, o rastro de transformação que vem por trás nunca é mensurada, e até mesmo é escondida, causando desastres que afetam a flora, fauna, o ar, a água e terra. O contexto é devastador, observando os acontecimentos. E o mais preocupante é que não se observa a construção de uma nova ética por parte dos capitalistas que não seja a da exploração. O antropocentrismo provoca uma cobiça sobre a natureza e sempre tenta dominá-la e transformá-la em objeto embelezado para quantificá-la, de forma abrupta como fonte de beleza, assim atraindo alguém que possa adquirir, sem questionar como,

a natureza é reduzida à condição única de objeto manipulável pelo sujeito humano autoerigido em referencial ontológica do universo. Por isso, pode-se afirmar que a história do mundo é a história da procura de mais e mais poder, na medida em que o ser humano entende sua humanidade na razão direta de sua capacidade de tudo dominar. Mas a afirmação do homem como absoluto, a negação de qualquer horizonte de transcendência, redundando no nihilismo em que a própria humanidade do homem é negada, na medida em que também é transformada em mais um objeto da vontade de poder. A busca da superação de tal situação implica repensar esta postura. Se o ser humano não é fundamento de toda realidade e valor, se não é o senhor da natureza quem é ele? Qual é o nosso lugar no universo (UNGER, 2010, p. 63)?

Nancy Mangabeira Unger faz questionamentos de extrema importância para saber o papel do homem perante a natureza e o universo. O que parece, muitos não sabem ou não têm certeza, em qual posição estar. Isso se concretiza quando a racionalidade desenvolvimentista transforma a natureza em objeto. Movimentos têm tentado dar sentido à unidade entre natureza e humanidade em que ambos estão ligados e que se completam. Portanto, o tratamento pelos seres humanos com ou para a natureza deve mudar e tomar um novo sentido na convivência harmoniosa entre ambos. A humanidade precisa entender que está ligada, intimamente, à natureza, que faz parte dela e que dela retira sua sobrevivência e que é importante a manutenção do *status* natural da natureza para a formação e continuação da vida. O mal e as transformações que vêm ocorrendo devem ter correção, enquanto que as ações antrópicas e os procedimentos que vêm sendo utilizados para propiciar a satisfação de grupos sejam reavaliados e reestruturados em visões e ações que possam reverter a degradação ambiental antes que não dê tempo. O fato de que estamos em um momento sem saída não é real. E então, precisamos produzir um outro sentido e de existir como fonte de percepção desta realidade para fazer a união entre as partes, e assim enfrentar a conjuntura que passa o planeta em relação aos problemas ambientais.

O sentido de competição lançada pela humanidade para com a natureza é hostil e sem sentido, pois, só há superposição de um lado, produzindo uma separação ou uma unificação contrária a lógica natural em que humaniza a natureza. Em vista disso, a humanidade vem depois da natureza, assim:

Pode ser defendida a posição de que a natureza não tem valor fora do seu uso pelo homem, sua finalidade consiste em atender à satisfação humana. Esta posição se apoia na concepção de que, para algo poder ter valor, precisa de um sujeito que é o valorize. Já que, entre seres que

compõe nosso planeta, só o homem parece ser capaz de avaliar, defende-se que ele deve decidir sobre o uso da natureza e que é lícito que a utilize em seu favor. Esta posição ainda foi mais reforçada pela tradição judaico-cristã, como já o mencionamos, sustenta a crença de que Deus colocou o homem presidindo a natureza por ser o único criador dotado e livre arbítrio (VITAL, 2010, p. 133,134).

É inegável que o ser humano tem o poder de articular as racionalidades dominantes, e diante disso, ele a usa para sufocar todos os outros seres vivos e os torná-los subservientes às suas vontades e desejos. Racionalidades essas que, ao mesmo tempo que apoderam, deixa-os vendados. Assim, toda técnica desenvolvida não é utilizada para resolver os problemas, sendo incapazes de cuidar bem do planeta sem destruir o espaço de sobrevivência. Eles ainda não perceberam que toda esta transformação poderá levá-los para *rumo ao abismo*, como configura Edgar Morin na sua obra, em que a natureza sempre cobra um preço muito alto por tudo que vem passando. A cobiça, por muitos, é chamada de desastre natural, porém, de fato nos encontramos em uma sociedade de riscos constantes. Mesmo que alguns acontecimentos estejam ligados a fatores naturais e outros, às transformações ocasionadas pelas mudanças. Esses acontecimentos preocupam a muitos pesquisadores e estudiosos da área, pelas consequências que poderiam ser evitadas. Eles são veiculados pela grande mídia como natural, sendo o que importa, neste caso, é a notícia a ser vinculada e o crescimento do Ibope.

A humanidade percebe o que pode acontecer, se a permanência do modelo atual de exploração da natureza persistir. Mas quem poderá deixar de existir é o próprio ser humano. Existe um hiato entre essa percepção, uma mudança de ações e práticas em que às últimas vêm exigindo do ser humano uma atenção especial, pois, a partir delas, acontecem as transformações e o respeito pela natureza. O ataque a toda estrutura que dá a vida aos seres humanos pode levar à extinção dos mesmos, visto que estamos nos digladiando há algum tempo. Atos contínuos provam isso, como a produção de bombas devastadoras, produtos radioativos, substâncias químicas e tóxicas misturadas a água e a contaminação que levam à morte de milhares de pessoas anualmente, em nome de uma produtividade incontável e sem contar que este sistema fabrica uma produção de uma extrema pobreza que cerca o planeta,

A pior ameaça e a maior promessa chegam, simultaneamente, ao século. De um lado, o progresso científico-técnico oferece possibilidades de emancipação, até então desconhecidas, em relação às exigências materiais, às máquinas, às burocracias, às constrições biológicas da doença e da morte. De outro, a morte coletiva por armas nucleares,

químicas e biológicas, pela degradação ecológica estende sua sombra sobre a humanidade: idade do ouro e a idade do horror se apresentam ao mesmo tempo a nosso futuro. Elas talvez se combinarão em um nível sociológico novo, na continuação da idade de ferro planetária e da pré-história do espírito humano (MORIN, 2011, p. 91).

Construímos a era dos extremos: de um lado, quistos de pessoas que vivem no máximo de luxo possível – este grupo são os que carregam em seus ombros o maior rastro de destruição e possui um poder muito grande de controle da técnica e a ciência destrutiva; já na outra ponta, fica a massa, fruto da imagem que carrega o peso da miséria, da fome, de condições precárias sublocados em espaços de riscos e que, por alguma razão, sofre pela ação desenfreada do primeiro grupo. A dualidade não é um mero acaso; essa é certamente planejada e executada de forma magistral, usando o preâmbulo da riqueza acumulada e a distinção de concentração de poder e que a natureza da riqueza lhe conserva o direito de ser diferente dentro da própria natureza, detém o conhecimento, um fato que os diferenciam dos demais.

A história tem mostrado com o passar do tempo que o ataque aos seres humanos à sua própria espécie vem cada vez mais afunilando e pode chegar um tempo que pode não ter mais volta. O apelo e os desafios andam juntos nesta construção. Edgar Morin menciona ambas as expressões na construção de uma metamorfose humana, na qual nós, os seres humanos, possamos passar por uma reforma interior, de mudar seu sentido de produção e produtividade. Pensando em como lidar com a natureza de uma outra forma de que não seja a retirada de proveito e de acumulação financeira e lucro fácil a qualquer custo, de uma forma desnecessária, pondo em constantes mudanças e transformações internas o que a racionalidade ambiental possa se sobressair perante ao fator econômico e que novas eras e bons frutos apareçam.

2.3. Ética ambiental

A problemática ambiental emerge de uma crise de identidade do ser humano perante a natureza. Toda a problemática advém de um marco civilizatório introduzido para a dominação e a humanização da natureza. Cabe lembrar que este estágio é recente e que a sintonia destrutiva é incalculável perante a tudo que já perdemos e a que estamos a perder. O complexo emaranhado que estrutura o interesse de domínio sobre a natureza orienta ações que degradam espaços naturais e devastam espécies da fauna e da flora. Transformações do relevo na construção do cinza das cidades e empreendimentos imobiliários que dividem as pessoas em grupos econômicos. O desprezo valorativo pelo

ambiente e pelas espécies, incluindo o próprio homem, é um fenômeno que torna a natureza humanizada e distingue os que podem e os que não podem dela sobreviver.

Por sua vez, toda essa dominação só é factível por meio do conhecimento aplicado ao desenvolvimento de novas técnicas, através das quais, o ambiente é feito refém de um sistema exploratório que visa ao deleite de uma pequena parcela de seres humanos. Essa espécie de apropriação movimenta a engrenagem da problemática ambiental, ao ponto que, se não houver uma transformação desse modelo degradante, poderá ocorrer um grave esgotamento dos recursos necessários à vida. Ou seja, a humanização do planeta poderá levar o extermínio de diversas espécies de seres terrestres, inclusive da espécie humana. É difícil acreditar em um convívio harmônico entre a apropriação degradante dos recursos e a estabilidade biológica do planeta, devido aos interesses do capital, se sobrepõem na forma de dominação e exploração.

A ganância de acumulação vem se sobrepondo à continuidade das condições de existência. Élisée Reclus, em *Do Sentimento da natureza nas sociedades modernas* (2010), no século XIX já refletia acerca da admiração e do sentimento pela natureza *pari passu* à angústia da apresentação das trevas marcada pelo que se denomina “profanação da natureza” e “enfeamento da terra”, causados pela apropriação degradante empreendida pelas sociedades modernas. Nesse viés, os recursos naturais viram mercadorias de troca quantificáveis pelo mercado consumidor, apropriando-se de tudo, sob a lógica do desejo e do bem-estar de uma parcela diminuta da vida no planeta. Não existe uma orientação para o bem comum desta e das próximas gerações. Ao contrário, parcela enorme da população está excluída do direito de partilhar os bens naturais, que vêm cada vez mais se tornando propriedade privada dos detentores do poder econômico. Portanto,

Quando a saber que na obra do homem serve para embelezar ou, então, contribui para degradar a natureza exterior, pode parecer fútil a espírito pretensamente positivos: ela deixa de ter uma importância de primeira ordem. Os desenvolvimentos da humanidade ligam-se da maneira mais íntimas com a natureza circundante. Uma harmonia secreta estabelece-se entre a terra e os povos que ela nutre, e quando as sociedades imprudentes permitem-se erguer a mão contra o que faz a beleza de sua região, elas acabam sempre por arrepender-se (RECLUS, 2010, p. 90).

Na demonstração de amor à natureza, as palavras de Élisée Reclus soam e dão sentido a todas as transformações produzidas na natureza. O contexto retratado é de como a humanidade vem demonstrando a falta de sentimento e produzindo mortes, no desaparecer de civilizações no transcorrer da história e a brutal violência como é tratada

a terra que nutre toda a população. Seus relatos, para a época, serviram como denúncia para todas as transformações que passavam a natureza pelo avanço das revoluções tecnológicas. O processo de degradação que já existia para alimentar a brutalidade que se fazia com a natureza. Seus escritos evocam o despertar para as questões ambientais, ainda na modernidade no século XIX. Aprofundado por suas palavras que demonstraram como o homem estava se apoderando da natureza e produzindo todas as transformações, e com isso, embrutecia sua visão para com ela.

Por se tornar humanizada, a bela diversidade que impera na natureza selvagem é substituída pela padronização geométrica, fruto do emprego de técnicas, voltadas à apropriação capitalista. O humano, ao implementar essa padronização técnica, consegue redimensionar por completo a natureza às suas necessidades e ao seu bel-prazer, alterando o clima, enfeando a terra e comprometendo gerações e gerações da vida presente e futura. Segundo Hans Jonas (1903-1993), o filósofo alemão de origem judia, em sua reflexão sobre a reponsabilidade ambiental,

o que quer que pertença à plenitude do homem fica eclipsado em prestígio pela extensão de seu poder, de modo que essa expansão, na medida em que vincula mais e mais as forças humanas à sua empresa, é acompanhada de uma contração de conceito do homem sobre si próprio e de seu ser (Id.Ibid, 2006, p.43).

O poder alienante da acumulação econômica leva o ser humano a cometer um suicídio programado, reinando sobre a lógica da produtividade, o que extirpa o poder de povos tradicionais que têm na natureza o seu único vínculo de sobrevivência. Neste sentido, constroem-se ações que segregam a maior parte da população, desde então marginalizada, que perde o direito de intervir na construção de um planeta digno de sobrevivência. Essa retirada de bens naturais de forma excessiva e sem controle reflete no cenário atual de catástrofe que se encontra a natureza.

As transformações que vêm passando as sociedades conduzem os pensadores a se aprofundarem ou a discutirem sobre a questão da ética ambiental. Isso porque, também, todo este processo de transformações vem ganhando peso e suas ações novos contextos, em face a velocidade e a intensidade. Assim, a cronologia textual mostra bem esse transcurso.

O desejo de libertação desse aprisionamento em que vivem as sociedades conduziu os pensadores ambientalistas à reflexão sobre a busca constante da construção de uma vida sustentável, como mecanismo de libertação (LEFF, 2006). Esse é o tom dos

escritos de Henrique Leff sobre a racionalidade ambiental como a tomada de consciência do sujeito, discute-se o limite do crescimento e a necessidade de um freio na degradação do ambiente, alterando as forças econômicas que produzem a grande diferenciação entre os humanos e os demais seres. Para o sociólogo, o sujeito precisa transformar-se, e consequentemente, emancipar-se, discutir e interferir sobre os problemas ambientais na luta por um ambiente sustentável (Id, 2008), quebrando a lógica da degradação atual existente.

Objetivo difícil porque as forças impositivas mercadológicas atuam contra a união dos sujeitos na formação desta libertação. Porém, as barreiras poderão ser ultrapassadas com a união de todos, e deste modo, quebrando as amarras da opressão. Concatenando com as ideias de Henrique Leff, nesta libertação do sujeito, Paulo Freire diz que,

somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, encorajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita, em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sérios empenhos de reflexão, para que seja práxis (FREIRE, 2017, p. 72).

A luta inicial é do indivíduo consigo mesmo, de identidade e de reconhecimento. O ato de reconhecimento liberta e proporciona a reflexão-ação, perante as suas necessidades prementes. O sujeito emancipado, ciente do que o rodeia e como é feito esse cerco tem em sua mente o poder de articular e levar a este conhecimento a outros, e assim, o círculo só aumenta porque a oportunidade da fala ética, orientada pela racionalidade comunicativa, leva ao contexto libertário e à visão consensual de dias melhores (HABERMAS, 2012).

Esse encadeamento de ideias apresenta um contexto em que a ética ambiental vem ganhando uma articulação no conhecimento em várias áreas do conhecimento para propiciar a ação-reflexão- ação, e tentar encontrar saídas para o modelo implementado de vida na sociedade contemporânea. O princípio que a ética ambiental exerce é em um contexto de alterar toda a estrutura montada pelas racionalidades dominantes para apropriação da natureza e dela produzir riquezas a qualquer custo, seja ela sobre a égide da preservação do *status quo*. No entanto, esse é o desafio na construção de um outro entendimento, a partir de uma outra visão de mundo e de natureza em que a vida é importante, e que para isso, as estruturas existentes têm que mudar.

2.3.1- A emancipação e sustentabilidade ambiental

O modo de vida pelo qual vivem as pessoas diz muito sobre elas. Essas ações formam o seu cotidiano e, conseqüentemente, produzem a necessidade da sociedade refletir sobre esse contexto social e intelectual. O ser humano cria e recria dentro do seu ambiente de vivências e situações que podem ter reflexos positivos ou negativos. Este movimento tende a ser consciente ou inconsciente e, muitas vezes, conduzido por forças maiores de aprisionamento ou de libertação. Várias são as prisões produzidas ideologicamente e que interagem com o modo de vida de um povo. No contexto ambiental, a atualidade retrata uma triste verdade de desprezo pelo saber, de rompimento ideológico com as bases razoáveis de sustentação da vida e interação com os meios que permitem a vida.

Assim, o meio ambiente, compreendido como o conjunto das condições pelas quais a vida é possível, vem sendo moldado artificialmente por meio da ação humana sobre a geografia física (RECLUS, 2015). Com isso, perde-se a interligação entre as suas partes e criam-se prisões nas quais a vida está limitada. Em benefício de uma exigência momentânea, dilui-se uma estrutura perfeita e construída há milhares de anos para atender às necessidades de satisfação atual da produção capitalista, produzindo um contexto exclusivo de existência de uma única espécie em detrimento de todo o restante. Para a resolução dessa situação, vislumbramos o caminho do esclarecimento por meio da educação ambiental. A emancipação do sujeito passa pelo reconhecimento do ser sujeito. Por isso, é preciso entender estando no mundo; condicionar a consciência para a razão de estar, ser capaz de direcionar a sua existência, e de condicionar sua consciência para o estar.

A possibilidade de o entendimento transpor limites que lhes foram impostos e criar possibilidades de imersão neste mundo tem que ser formado conscientemente. Esse sujeito tem que ser capaz de quebrar as amarras deste contexto de afastamento do mundo natural em que atualmente ele se encontra. Em vistas dessas transformações, a educação ambiental (EA) desempenha um papel fundamental porque poderá auxiliar no trabalho de formação do sujeito emancipado (CARVALHO, 2005), capaz de reivindicar seus direitos, entre os quais o direito a uma vida sustentável para todas as espécies deste planeta. Para tanto, os princípios da ética ambiental buscam a necessidade da construção de um novo

sujeito, de um novo pensamento livre, rompendo as amarras existentes entre os homens e a natureza.

O modo operante da dominação sobre a natureza tem contribuído decisivamente para uma alienação, eliminando da vida humana a qualquer possibilidade de reflexão e escolha de tipos práticos de vida. A dominação pela técnica é facilitada pelos aparelhos culturais, pelos meios de comunicações atuais, pois a cultura se tornou uma mercadoria produzida para fins de repetição automatizada e distração irrefletida, o que os tornam, de certa forma, os homens idiotizados por esses. Perde-se o diálogo, a conversa, a interatividade, e a humanidade é completamente reificada na ideia de automatização das máquinas, dos lucros, tudo a serviço da dominação.

Apesar desses fatos, os opressores esbarram na força dos povos tradicionais e comunidades que defendem seu território de sobrevivência e que sempre estiveram ali, retirados do sistema excludente e, por isso, resistentes. Esses povos, aos poucos, têm conseguido ser ouvidos por pequenas parcelas da população, a saber: estudiosos, estudantes, ambientalistas dentre outros, que ecoam seus gritos de ajuda e de união para a salvação do planeta. Segundo Henrique Leff, a recuperação dos sentidos, o reviver do ser, a recuperação da racionalidade está cada vez mais forte. Observa-se um crescimento nas ações, nas vozes; isso faz com que o desejo da vida, de futuro melhor alcance um número maior de pessoas e que elas construam outras racionalidades como, a ambiental (LEFF, 2006) e a comunicativa (HABERMAS, 2012), transcendendo o sistema de dominação vigente.

A crise ambiental, o jogo de mercado e a exclusão têm feito com que ressurgam a vontade de unidade entre essas comunidades tradicionais para aprofundarem a racionalidade de pensamentos na orientação de lutar para libertar-se da razão colonial, imposta por uma minoria dominante que busca aprisionar o pensamento, as falas e as ações de combate a tudo que é colocado. Assim,

a emancipação não é uma distribuição do poder, dos meios e estratégias políticas para prover condições de produção, decisão e participação em uma política de equidade e democracia. A emancipação vem mais de dentro, da vontade de poder que suas raízes no ser e não na ordem jurídica da justiça e na ordem econômica da distribuição. O “empoderamento” com o qual se pretende dá voz aos sem-voz, não lhes devolve a palavra própria. A emancipação do ser é a libertação da palavra e do pensamento para exercer o direito de Ser, que está além das reivindicações por uma distribuição ecológica de justiça ambiental (LEFF, 2006, p. 339).

Ecoa a vontade de libertação do sujeito. É uma luta ferrenha de buscar o que está sendo retirados pela ação da minoria que aprisiona o direito de erguer a cabeça, a fala do cidadão e as garantias para a continuidade da vida. É uma configuração difícil e, em muitos casos, eles chegam a extirpar a vida para que ela não se apresente entre seus semelhantes. O que vemos é uma luta incessante pelo direito a viver dignamente, sem estar submetido ao poder alienante dos poderosos. A resistência é fruto da mudança de atitude e de postura perante o sistema. Os povos tradicionais, que foram dizimados em nome de um colonialismo predador e arrancados do seio da “Mãe Terra”, nos ensinaram que é preciso resistir à música alienante do colonizador. Eles não se renderam e suas ações de defesa não devem morrer e nem serem esquecidas.

A luta pela emancipação do sujeito tem por objetivo solapar o poder que aprisiona, ou seja, os nós que são complicados de desatarem, pois, a todo instante se renovam por meio do investimento maciço pela manutenção deste poder. De várias partes, surgem novos horizontes, luzes e caminhos que podem conduzir à libertação dos sujeitos. O sujeito emancipado precisará lutar e, deste modo, levará os mesmos exemplos para outros se libertarem também. Pois é a partir de uma coletividade de pensamentos, que as ações vão se engrandecendo. Por sua vez, o medo da ideologia dominante é que a coletividade comece a compreender que os sujeitos unidos são fortes o suficiente para poderem ampliar as reivindicações de suas necessidades.

Por essa razão, há um investimento grandioso para aprofundar o individualismo e a concorrência entre as pessoas em todos os campos possíveis, sobretudo, na educação, cuja força emancipadora pode fazer a diferença e promover a libertação. A educação, centrada em preceitos colonialistas, beneficia o monopólio da conservação do opressor. O modelo educacional dos países colonizadores é adaptado, simplificado e implantado em países pobres com a finalidade de solidificar os vínculos coloniais e manter a ideologia perversa do dominador.

As amarras são as ideologias que visam fixar sobre o sujeito toda carga exploratória e a manutenção do vínculo do opressor sobre o oprimido. A tarefa de mudar esta estrutura dominante é muito difícil, haja vista a petrificação dos mecanismos ideológicos implantados pelos dominantes. Seguindo essa orientação,

“a construção coletiva do seu mundo, em um espaço eminentemente ético, necessita dar conta de uma sociedade de risco que vem progressivamente incorporando-se de forma impiedosa ao seu cotidiano” (RUSCHEINSKY, 2002, p. 65).

O paradigma pregado é o de acumulação pelo trabalho, a produtividade na concentração de lucros, mesmo que para isso, possa matar pessoas que se rebelarem contra o sistema exploratório, por exemplo, a extinção de espécies da flora e da fauna. A essência da ação é manter o poder de dominação e de controle sobre o sujeito. Uma fonte de máxima importância é a sobreposição do humano sobre todas as outras vidas aqui existentes:

Compreende-se, paulatinamente, a inviabilidade do estilo de vida dominante. O crescimento material sem fim poderia culminar em suicídio coletivo. A concepção— equivocada— do crescimento baseado em inesgotáveis recursos naturais e em um mercado capaz de absorver tudo o que for produzido não tem conduzido nem conduzirá ao desenvolvimento. Pelo contrário. O reconhecido economista britânico Kenneth Boulding, ao encontro do matemático romeno Nicholas Georgescu-Roegen, tinha razão quando exclamava: “Qualquer um que acredite que o crescimento exponencial pode durar para sempre em um mundo finito ou é louco ou economista” (ACOSTA, 2011, p. 34).

Não é fácil sair desse encanto imposto pelos países intitulados industrializados e desenvolvidos, pois esses se apresentam com o *slogan* do progresso e do desenvolvimento. No entanto, há vários interesses ocultos como a dominação do espaço de vivência e tudo que nele pode retirar em benefício de outros povos, em outras localidades. É uma interferência enorme no contexto estrutural de um país por meio da cultura, religião, língua, referência do outro sobre si, etc. É um conjunto de ações que leva ao aprisionamento do ser. Essas ações constroem ambientes que anunciam a morte de tudo que os rodeiam, apresentando um estágio de putrefação da vida. A injustiça ambiental reina porque é produzida por esse mesmo conjunto de dominadores, os quais tentam sugar tudo o que eles avaliam que possam gerar lucro.

Todo esse labirinto do jogo mercadológico apresentado como uma arapuca para aprisionar o sujeito é de difícil resolução, pois estão arraigados de poder controlador e a cada dia com maior força.

2.3.2 Nutrir-se de experiência e existência: Princípio da ética ambiental

O modelo ocidental de ver a natureza como objeto de riqueza, de culto ao consumismo e à exploração, tem criado situações complicadas para a vida no planeta. Romper com esse estilo de desenvolvimento, que é produzido pelo modelo econômico vigente na maior parte dos países ocidentais, exige uma transformação profunda na concepção racional do humano. A desconstrução que rompe com esse modelo deve

defender um outro mecanismo de produção econômica que seja centrado na construção harmônica entre os seres, no respeito, e na solidariedade entre os povos. É necessário ultrapassar barreiras e desconstruir conceitos para que, enfim, seja formada uma nova racionalidade ambiental.

A mudança exige uma transformação no modo de vida atual para um estágio centrado na cooperação que produza o suficiente para a permanência da vida, sem degradar a natureza. Nesse mesmo viés, a racionalidade ambiental é a ponte desta transformação, do rompimento de barreira e da construção de uma nova sociedade em transição. Como afirmava Freire,

não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através do hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente. Temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos (2011, p. 42).

O ponto de partida aqui apontado é a resistência contra todo esse aparato colocado pelas forças conservadoras deste sistema e ela produzirá os passos para a mudança, na formação dessa transição do ontem para o hoje. O que se observa é a luta por um amanhã melhor, por mudanças na maneira de ver a conjuntura atual e, a partir de outras lentes, ver a natureza, não como objeto, e sim como o todo (CARVALHO, 2012). A chave da transformação está na superação das desigualdades, na quebra das amarras do colonialismo empregado no escravismo do sujeito de forma física e ideológica, no respeito aos territórios dos povos originários. A chegada é incerta, pois é uma luta que não é decidida por vitórias, mas por uma soma de desejos por um mundo melhor com outro desfecho, no qual a vida possa ter dignidade e as disparidades entre os seres desapareçam. É preciso eliminar os valores mercadológicos que coisificam a natureza e a transforma em mera geradora de capital.

Lembramos, ainda, que não podemos ficar esperando mais. Recriar um novo mundo, através dos movimentos já existentes; dar forma e força às ações que os povos e comunidades isoladas já vêm buscando insistentemente. É preciso quebrar a separação existente entre natureza e humanidade, compreendendo que somos únicos nesta constituição vital. O contexto exige união de todos por uma causa maior porque o que está em jogo é a defesa da vida no planeta. Segundo Acosta,

as pessoas devem organizar-se para recuperar e assumir o controle das próprias vidas. Contudo, já não se trata somente de defender a força de trabalho e de recuperar o tempo livre para os trabalhadores – ou seja, não se trata apenas de opor-se à exploração da mão de obra. Também está em jogo a defesa da vida contra esquemas antropocêntricos de

organização produtiva, causadores da destruição do planeta (2011, p. 27).

Superar desafios é uma das metas constituídas para trilhar novos caminhos. Para tanto, é preciso aprofundar as avaliações do que a natureza vem sofrendo, superar o tecnicismo produzido pela ciência moderna, e a visão consumista entrelaçada nas mentes dos homens. A efetivação das políticas para ações ambientalmente sustentáveis encontra-se totalmente atrelada a uma nova racionalidade, que vise superar os caminhos tortuosos vividos até então. É preciso que a educação ambiental busque construir uma ética da responsabilidade para com as nossas e com futuras gerações, promovendo mudanças de atitudes nos atores sociais contemporâneos, clareando os caminhos onde se devem chegar (TRISTÃO, 2004).

Se nada for feito, se demormos em mudar nossas formas predatórias de apropriação, pode-se imaginar um prognóstico futuro bem desolador para as condições vitais do planeta. No contexto de acelerada degradação ambiental e mudanças climáticas, é de extrema necessidade repensar o modo pelo qual nos relacionamos com o meio ambiente para que seja possível frear o processo de eliminação das condições de permanência da vida terrestre. A situação apresentada de descaracterização da natureza traz um alerta de como o desenvolvimento tornou-se aniquilador. A técnica, em seu sentido, tem um uso dubio, haja vista poder ser utilizada para o bem ou para o mal. O julgamento está no momento de seu uso. A visão ética também dependerá do contexto em que a técnica está sendo empregada, da forma de apropriação e de quem avalia seu uso. O desenvolvimento econômico defendido em nossos tempos parece ter virado obsoleto por ser destruidor, sendo contestado por comunidades e povos que vêm perdendo e muito com esse uso tecnológico degradante. Hoje, questionamos se é necessário este avanço todo em razão dos efeitos sofridos nos dias atuais. Várias são as indagações, pois todo este avanço não é capaz de solucionar os problemas vividos pelas pessoas, ampliando as desigualdades sociais e destruindo o ambiente vital da terra. Observa-se que é preciso uma inversão de valores, pois os problemas vão se avolumando e multiplicando-se em outros novos dilemas. Sobre isso,

A racionalidade ambiental reconstrói o mundo a partir da flecha do tempo e da morte entrópica do planeta, mas também a partir do poder da neguentropia e da ressignificação da natureza pela cultura. A condição existencial do homem se torna mais complexa quando a temporalidade da vida enfrenta a erosão de suas condições ecológicas e termodinâmicas de sustentabilidade, mas também de poder, da criatividade da diversidade, do encontro com a outriedade e da fertilidade da diferença (LEFF, 2006, p. 18).

Dessa forma, o funcionamento deste sistema econômico, corrompido pela ideologia desenvolvimentista, retira do seio da natureza a condução da vida.

O que estamos defendendo, ao longo dessa investigação, não é uma defesa pelo retrocesso, mas sim, ressaltando como toda essa engenharia desenvolvimentista está orientada pela contração do direito, do respeito, da identidade, eliminando outros conhecimentos que nos trazem à vida e à diversidade. Tudo isso é abandonado devido à contradição do viver presente, em como se apresenta os espaços e o quanto isso poderia ser diferente, senão estivéssemos subordinados a essa técnica. A esse respeito,

como desativar um processo que tem em sua estrutura originária e em seu código genético um motor que o impulsiona a crescer ou morrer? Como levar a cabo tal propósito sem gerar como consequência uma recessão econômica com impactos socioambientais de alcance global e planetário? [...] Isto leva a uma estratégia de desconstrução e reconstrução, não para implodir o sistema, mas para reorganizar a produção, desvencilhar-se das engrenagens dos mecanismos de mercado, restaurar a matéria usada para reciclá-la e reordená-la em novos ciclos ecológicos. Neste sentido, a construção de uma racionalidade ambiental capaz de desconstruir a racionalidade econômica implica processos de reapropriação da natureza e reterritorialização das culturas (ACOSTA, 2011, p. 116).

A capacidade de reflexão tem demonstrado os vários processos da existência e o visível desastre dos modelos atuais de produção econômica e apropriação dos bens naturais. É chegada a hora de impor uma nova racionalidade ambiental sobre a racionalidade econômica e cientificista tradicional, na perspectiva da construção de saídas para o que se apresenta neste contexto de degradação.

3. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

Os desafios que se apresentam em face das dimensões: natureza, economia, cultura e sociedade vêm exigindo novas formulações para o cenário que passamos, e assim, vêm se configurando em novas formulações da educação que busquem atender a preceitos ligados a tais dimensões relacionadas à educação ambiental e à sustentabilidade. A necessidade de reestruturação educacional mostra que essas dimensões sejam postas em debates constantes e que estejam nos currículos educacionais.

A educação ambiental passa também por reformulações. E nela a necessidade de que possa atender a mecanismos, críticos e inovadores, e que possa levar às transformações sociais em curso a partir de uma ação política centrada na sustentabilidade ambiental do planeta, na qual a humanidade construa novas maneiras de se relacionar com a natureza. Portanto,

o desafio que se coloca é formular uma educação ambiental que seja crítica e inovadora, em dois níveis – formal e não-formal. Assim a educação ambiental deve ser acima de tudo um ato político voltado para a transformação social. O seu enfoque deve buscar perspectivas de ação holística que relaciona o homem, a natureza e o universo, tomando como referência que os recursos naturais se esgotam e que o principal responsável pela sua degradação é o homem. Os grandes desafios para educadores ambientais são de um lado, o resgatar e o desenvolvimento de valores e comportamentos (confiança, respeito mútuo, responsabilidade, compromisso, solidariedade e iniciativa) e, de outro, estimular uma visão global e crítica das questões ambientais e promover um enfoque interdisciplinar que resgate e construa saberes (TRISTÃO, 2004, p. 20).

Nesse ensejo, encontra-se uma forma de colocar que o modelo de educação posta não está atendendo às necessidades de se contrapor ao modelo de sociedade existente. Estamos em um momento de conflitos e contradições, entre os pensamentos de ver a natureza como um todo e ela, como fonte de poder e riqueza. O grande desafio para educação ambiental é de resgatar os valores, as crenças, os costumes, o respeito, e a responsabilidade com o planeta. A educação tem a premissa de analisar um contexto amplo, na qual englobe todo o sistema biótico e não biótico que possa discutir um avanço na qualidade de vida, porém, com prudência, para que possamos respeitar a vida e construir parâmetros que possam nos levar a uma sustentabilidade ambiental.

3.1. A educação como fonte de desafios na sustentabilidade

A educação tem um papel fundamental na formação do conhecimento formal e na inserção do informal, pois é por esses caminhos que vêm se estruturando alguns desafios que possamos enfrentar o modelo atual de vida da humanidade. Assim, seguindo essa estrutura, a luta pela EA em se inserir nas práticas escolares e, a partir de sua transversalidade discutir às transformações que vêm acontecendo, tornou-se primordial para tal mudança. O processo educacional vem sendo eivado pelo modo de produção que reproduz a dominação do homem sobre a natureza. Por isso, precisa ser entendido e a todo momento debatido. Os efeitos deste modelo mostram que precisam modificar o processo de produção e alterar todo o sistema em visão de uma sociedade que busque o equilíbrio, respeitando a sustentabilidade ecológica. Assim,

A educação ambiental, na sua complexidade, configura-se como a possibilidade de religar a natureza e a cultura, a sociedade e a natureza, o sujeito e o objeto, enfim. Entretanto, baseada na relação do ser humano com o meio ambiente, da sociedade com a natureza, das sociedades entre si, encontra-se em construção e em debate (TRISTÃO, 2004, p. 25).

Essa ligação entre esses pontos funciona como denúncia aos padrões de consumo que se tornaram insuportáveis, principalmente nos países industrializados, e que agravam a pobreza, a descaracterização natural, ou seja, desrespeitam a diversidade biótica, as quais caracterizam as condições de existência da vida no planeta. Portanto,

todos os dias nós estamos destruindo mais e mais riqueza pública – ar, água, terra, ecossistemas, espécies – na busca por riquezas privadas, que tornam o consumo um mero adjunto da acumulação, assim tomando formas mais desordenadas e destrutivas (FOSTER, 2012, p. 101)

Um dos desafios da humanidade é encontrar saídas e de como enfrentar essas alterações, causando destruições provocadas pela população elitizada que tem no consumo o ponto-chave do desenvolvimento econômico (RUSCHEINSKY, 2002). Viés defendido por países em encontros com líderes mundiais, como: Estocolmo 72, Eco-92, Rio+10, (PENTEADO, 2003) que apontam na direção no debate destas saídas. No entanto, na prática, a visão do desenvolvimento econômico aniquila qualquer aspecto referente ao meio ambiente de proteção ou preservação, quando se trata de acumulação de riqueza. Países que utilizam o termômetro do crescimento econômico como base para extrair do ambiente todo tipo de matéria-prima para a produção de capital, que do processo industrial estão na ponta do *ranking* econômico, porém, os mesmos permanecem na mesma ponta, quando se tratam das questões ambientais. Isso mostra que, o modelo atual de desenvolvimento econômico/industrial versus a sustentabilidade não é compatível.

O debate da sustentabilidade levanta uma discussão de criar uma enorme polêmica entre a defesa do conservadorismo¹⁵ e o preservacionista¹⁶ da natureza. A ideia defendida pelos capitalistas do uso dos recursos de forma sustentável tem ganhado destaque na corrente conservadora. Por um outro lado, a natureza intocável é vista como impossível e na visão de exclusão do ser humano e do uso para sua sobrevivência.

O homem é parte do processo. Agora, o que precisa ser revisto é a questão do consumismo. O desenvolvimento das cidades produz milhões de toneladas de matéria (sólida ou orgânica), que de forma aleatória vão parar em espaço aberto sem tratamento e de forma desordenada. O ser humano, na sua condição de servilismo do capital, produz a morte do espaço natural “coisificando” ou pondo valor econômico em espaço da natureza. O meio ambiente absorve toda essa carga de material que é jogada no ambiente e a poluição é inevitável. O solo, as águas e o ar são os espaços que sofrem, com toda produção dessa matéria.

O descarte de matéria sólida em local inadequado produz um efeito danoso a vários seres vivos. E esse descarte é feito sem nenhum tratamento, o que provoca danos irreversíveis à natureza. Esses tipos de materiais, jogados nas águas, no ar e na terra produzem impactos, o que prejudica toda uma cadeia da vida, levando à morte de inúmeras espécies. Os impactos geram aos rios e aos lençóis freáticos alterações na composição da água, deixando-a imprópria para o consumo e a sobrevivência de espécies em que habitam. A política adotada de consumo exacerbado, produzindo no planeta nos espaços construídos pelos seres humanos, deixam os ambientes inóspitos para a vida no planeta. O grau de degradação está no processo incontrolável que a discussão versa pela extinção por completo de espécies que antes povoavam em grande quantidade a natureza.

Medidas simples podem diminuir os impactos sofridos ao meio ambiente. Os resíduos sólidos podem ser tratados antes de chegarem aos espaços destinados de forma colaborativa, através de ações de mudanças e práticas do sujeito frente a natureza no uso sustentável, trabalhando com a diminuição dos desperdícios e do consumismo a partir de uma visão ambiental, que tenha como fonte de análise a vida. O foco na diminuição do consumo é fundante. Dificilmente, se a população do planeta não rever seu poder de consumo, a estrutura planetária não estará para a vida humana, tendo em vista inúmeros

¹⁵ Conservadorismo, fundado por Giffora Pinchot, considerava que o ser humano poderia utilizar da natureza de forma controlada.

¹⁶ Preservacionista, fundado por Jonh Muir, é considerado mais radical, por acreditar que a influência humana é, essencialmente, nociva ao meio ambiente.

recursos que nos dias atuais já estão exauridos. Recursos esses que são essenciais para manutenção da vida presente e futura, mas a face da acumulação financeira é totalmente explorar e exaurir. A este respeito,

a sustentabilidade é uma maneira de repensar a produção e o processo econômico, de abrir fluxo do tempo a partir da reconfiguração das identidades, rompendo o cerco do mundo e o fechamento da história impostos pela globalização econômica (LEFF, 2010, p. 31).

A visão que tem que ser discutida a partir do conceito de uma reconfiguração econômica e de desconstrução de olhares sobre a natureza que devam ir além do que é entendido sobre sustentabilidade, atuando na forma de vê-la como o todo e não de como parte integrante do processo de construção de riqueza. Assim, um novo viés de construção de uma outra racionalidade deve servir como parâmetro de construção, diferentemente, da econômica implementada no modelo capitalista atual, que é tão defendida pelo processo de globalização social e política¹⁷ (DANNER, 2014); (LUBENOW, 2017). Toda essa visão global nos põe em rota de colisão e fruto de cobiças dos bens naturais e que possam ser explorados para servir de alimentos para a economia financeira dos países desenvolvidos, em especial os europeus.

Os termos que acompanham as racionalidades: econômica, social, política, são difíceis de serem conceituados pela transversalidade de seu uso a depender de como ou para quem é aplicada. Podendo ter sentido dúbio, porém, o rompimento de paradigma propõe a construção de outro modelo de vida sobre o planeta, e deve ser aplicada de forma complementar a esse rompimento. Um deles é a sustentabilidade, a qual precisa ser re-politizada, compreendendo seu sentido nas dimensões: ambientais, sociais, políticas, econômicas, culturais e afetivas (DOURADO, BELIZÁRIO e PAULINO, 2015). Todo esse processo não acontece rapidamente, pois, o que está em jogo é a transformação do sujeito, no qual possa dar sustentação a esta mudança. É um conjunto de crenças e tabus financeiros que os direcionam para o consumo direto, ligando todo ao conjunto de crescimento na base a natureza. Em uma sociedade, na qual a apatia de muitos soa como derrocada e que é difícil fazer às transformações necessárias para a construção de um outro modelo de vida.

¹⁷ Leno Francisco Danner, Doutor em Filosofia, professor de Filosofia e de Sociologia na Fundação Universidade Federal de Rondônia; e Jorge Adriano Lubenow, Pós-Doutor em Filosofia, professor de Filosofia do Departamento de Fundamentação da Educação e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ambos os professores, desenvolvem trabalhos em pesquisas ligadas à área econômica em Jürgen Habermas.

A educação ambiental desenvolvida nas escolas é vista como um dos caminhos que poderá ajudar a levar à formação de cidadãos críticos, que defendam o ambiente de forma igualitária para todos e para as futuras gerações. Muitos problemas ambientais atuais podem estar na ordem do dia, das discussões, quando teses forem abraçadas e defendidas, e assim, produzindo uma nova práxis em relação à sustentabilidade ambiental. Dá-se o início de uma nova identidade a este sujeito, combatente, dialógico, que busque questionar ou ser questionado sobre as transformações ambientais e os danos provocados. “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo” (Marx.11tese sobre Feuerbach). Fechando seu foco de visão somente em um único ser, impedindo de ver que a natureza é constituída por diferentes formas de vida, e que cada uma com sua importância na formação do planeta. Neste sentido, a ponte com a educação ambiental poderá levar a uma transformação da práxis, na construção da racionalidade ambiental. Isso porque somos parte de um conjunto, intimamente, ligados e dependentes um do outro, no qual a natureza é o todo, e o ser humano parte dela. Então, a percepção ou conhecimento nos levará a outro patamar na história vivida, ou seja, a de um reconhecimento e de entendimento.

A sociedade, conhecendo os impactos ocasionados pelas alterações produzidas nos espaços naturais, focará em meios e mecanismos na construção de uma nova história, e de mudanças estruturantes na forma de pensar e de agir, na qual a voz, as lutas, as ações, saem das comunidades, ganham novos espaços e novos sujeitos começam a aparecer, a partir da desconstrução das amarras impostas pelo capital. Levando às comunidades a defenderem de imediato as ações que proporcionem a diminuição dos impactos ambientais, contaminando novos sujeitos envolvidos no processo de produção industrial. Foco este, que busca forçar a ciência e a tecnologia repensar sua forma de atuação e apresentarem novos modelos em que a sustentabilidade ambiental possa emergir na sua produção. O que é posto são as mudanças nas ações, na produção, nos hábitos, levando todo este processo a se desafiar em construir um outro patamar para o modelo existente.

O desafio parte da construção de forças de enfrentamento a essas transformações, principalmente quando envolvem escolas, associações, populações tradicionais, dentre outros, na formação de pessoas emancipadas, com vozes e conhecimentos de causa, que neste contexto há uma construção na defesa do ambiente como o todo. São nesses espaços coletivamente que se configuram um futuro diferente que terá como base uma outra forma de tratar a natureza. A ideia seria de construir uma pedagogia que habilitasse os sujeitos sociais a transformarem a sociedade por meio de práticas comunicativas(HABERMAS,

2012). Pois é neste sentido que emanam ações urgentes, as quais exigem uma redução do consumo nos países capitalistas e a construção de resistência e respeito ao espaço.

A escola é um celeiro de diálogo e troca de aprendizagem, onde as ações diretas podem ser desenvolvidas, partindo do pressuposto que é dali que teremos uma grande quantidade de pessoas em busca de conhecimentos, além de outras tantas auxiliando-as como: pais, estudantes, professores, equipe pedagógica e a comunidade escolar. Essa escola tem que ser libertadora, na perspectiva defendida por Paulo Freire, voltada para formar o cidadão libertário. Isso propiciará na construção de uma outra sociedade com mais criticidade, desfazendo a dominação imposta pelo sistema. Assim, o conhecimento abrange um raio maior. Como trata Boaventura, não há um conhecimento válido, o que há é uma soma de conhecimentos e de práticas que podem ser somadas e construídas e dali é que vai se gerar uma sustentação. Esta construção resulta em novos papéis e novos direcionamentos em que isso não é fácil. São grandes as mudanças, e o que temos hoje é uma visão impregnada a partir do modelo existente, a escola e toda sua comunidade escolar servem a ela. Assim, a escola deve passar também por transformação; sofrer as alterações para que possam dar uma outra formação, interferindo na construção da liberdade do sujeito.

A construção de novos paradigmas ambientais em que a natureza tenha seu valor cultural, social e de berçário de vidas, apresenta-se, a partir do que Inês Barbosa de Oliveira chama atenção em consonância com o pensamento de Boaventura. Na concorrência epistemológica é que acontecerá a formação de diferentes conhecimentos e de lutas emancipatórias. O desenvolvimento de trabalhos ligados ao tema pode abranger a esses públicos e auxiliarem no melhoramento do espaço em estudo, visando sempre aos conhecimentos locais em detrimento de um conhecimento complexo.

Na atual conjuntura, não é fácil reverter qualquer situação em relação à preservação e manutenção da natureza, se não for criado nas pessoas sentimento de mudanças de hábito e de luta por uma nova conjuntura ambiental e que, o ser humano não é o dono da natureza, e sim que ele é mais um neste espaço. Porém, a saída não está com toda a humanidade. Assim, é preciso acentuar a quem cabe a responsabilidade da revolução ecológica, quais classes sociais, e as razões pelas quais devemos manter a vigília por um planeta melhor e com equilíbrio.

A educação ambiental nas escolas deve assumir este papel: de levar os agentes da sociedade o dano ocasionado pelo impacto de suas ações no meio ambiente. Porém,

precisa-se pensar como essas mudanças de ações e comportamento devem chegar. No modelo educacional atual, não tem como as escolas cumprirem o papel mencionado, pois essas estão estruturadas para desenvolver o papel oposto: do desenvolvimento econômico e na formação de um processo alienante. A quebra desta estrutura vem ocorrendo de forma isolada com pouca intensidade, jogando a carga da quebra de paradigmas. A educação ambiental tenta romper esta estrutura e propiciar um outro pensamento na estrutura educacional, apresentando cenários desafiadores e relacionando-os a formação de sujeitos que possa replicar nesta estrutura. Neste contexto,

A educação em geral e a educação ambiental em particular, nesses tempos pós-modernos, não tem pretensão de dar respostas prontas, acabadas e definitivas, mas sim instigar questionamento sobre as nossas relações com a alteridade, com a natureza, com a sociedade em que vivemos, com o nosso presente e com o nosso eventual porvir (SILVA, CARVALHO, *et al.*, 2016., p. 145).

A educação ambiental deve funcionar como elo de ligação entre o saber advindo da comunidade escolar e a transversalidade de saberes no ambiente da escola, sendo uma fonte de apropriação da visão ampla do sistema ambiental como questão de estudo. Neste cenário, a educação tem papel principal na condução de formação de educadores ambientais nas comunidades em uma perspectiva emancipatória¹⁸ (ADORNO, 1995); (FREIRE, 1996), visando a uma educação participativa. A educação ecopedagogicamente (RUSCHEINSKY, 2002) introduz uma nova construção de valores diferentes daqueles movidos pelo capital.

A escola deve funcionar como acolhimento dos saberes com um direcionamento às colocações na produção de conhecimento e espaço de transformação dos mesmos. Professores, estudantes e comunidades devem estar inseridos, permanentemente, nesta construção do saber e valorizar os conhecimentos trazidos por eles. O “senso comum” tem sua importância como o científico, e ambos auxiliarão em uma construção ampla, envolvendo a todos. A construção ocorrerá de forma coletiva, na qual todos possam interferir na formação do conhecimento e em novo mecanismo de aproveitamento das ideias para juntos construírem uma nova vida e espaço em mutação na visão ambiental,

sendo assim, a EA tem o papel de despertar no educando o senso crítico e reflexivo relacionado aos valores morais e sociais fundamentais, a fim

¹⁸ Theodor W. Adorno e Paulo Freire são estudiosos que ligam o processo educacional de emancipar o sujeito, a uma educação libertadora, construída a partir deles mesmos, percebendo como o sistema dominante atua sobre eles.

de planejar a melhor maneira de desenvolver o potencial cognitivo dos alunos e implementar ações pedagógicas relacionadas à sensibilização ambiental. No entanto, percebe-se que as escolas não incentivam e deixam a critério do professor, muitas vezes sem capacitação adequada, opção de incluir discussões sobre o meio ambiente no contexto escolar (SILVA, CARVALHO, *et al.*, 2016., p. 28).

Para isso, é de extrema importância que todos os sujeitos estejam envolvidos no sistema e que possam vislumbrar um futuro melhor para o meio ambiente. A proposta de engajamento da escola e do sistema educacional no desenvolvimento dá uma luz maior, pois cria possibilidades de obter mais pessoas engajadas e do conhecimento ser ampliado para fora dos muros escolares. A educação poderá dar uma amplitude enorme ao conhecimento ambiental, produzindo um sistema de transmissão frente à comunidade escolar na liderança da formação de sujeitos que libertem das amarras impostas pelo sistema, assim replicado e atraindo as mudanças.

O papel da escola na transformação de uma sociedade é grande. Por isso, a possibilidade da informação circular com mais intensidade é ainda maior. Cabe também a educação ambiental ser incorporada pela unidade escolar e ser fonte da interdisciplinaridade (ASSIS, 2000), em um processo de reflexão crítica permanente de análise e construção de novos conhecimentos. A base interdisciplinar possibilitará à educação ambiental navegar em outras ciências e apresentar um conhecimento mais apurado para a escola, referente ao enfrentamento dos desafios relacionados à educação em questão. Para se ter êxito no processo educacional, deve mudar de foco, pois o conhecimento ambiental deve partir do conjunto, tentando entender o todo e deixando para trás a forma compartimentada do conhecimento, no qual só favorece o modelo individual monopolista.

No campo pedagógico, deve-se analisar e estudar todas as ações que levem à diminuição dos impactos ambientais, visando à construção de mecanismo de libertação do sujeito e de conscientização das comunidades envolvidas, construindo uma concepção de que o meio ambiente não é propriedade única e individual, e sim coletiva. O sujeito tem a oportunidade de começar a criar na sociedade o senso de coletividade, porém este, não deva ser somente visando ao humano. O entendimento deve partir em toda a lateralidade; a vida importa, o ser tem valor e que as ações humanas praticadas têm que se relacionarem a esta construção e ao conjunto da natureza. A EA tem papel de intermediação entre o conhecimento tradicional e a ciência formal de aglutinar o

conhecimento nas comunidades, ampliando o poder de luta por esta libertação do sujeito na defesa da natureza,

poder-se-ia dizer que, como herdeira do conhecimento ecológico e da inspiração contracultural, a EA quer mudar todas as coisas. A questão é saber como, por onde começar e os melhores caminhos para a efetividade desta reconstrução da educação. Diante de um projeto tão ambicioso, o risco é o da paralisia diante do impasse do tudo ou nada: ou mudar todas as coisas ou permanecer à margem, sem construir mediações adequadas (CARVALHO, 2005, p. 59).

Não é fácil o caminho a ser tomado, pois exige uma decisão em que a racionalidade ecológica¹⁹ tenha na EA o caminho mais próximo de mudar as histórias das gerações que a seguem. A EA tem como organizar os povos a perceberem como o processo está acontecendo e ao mesmo serem chamados a tomarem uma posição. Pode até estar demorando a reação e ficarmos mais encurralados ainda com o progresso técnico e suas transformações, em prol do consumo desenfreado. Mas, o caminho é de formação de sujeitos que possam construir uma outra visão de ver o mundo diferente da acumulativa e destrutiva. Porém, o objetivo é romper com esse círculo que beneficia sempre a classe dominante.

3.2. Caminhos de transformação do sujeito

As mudanças de posturas dos seres humanos são construídas a partir de sua identificação com o meio em que vive; o humano tem que se encontrar e toda essa força deve partir das massas dominadas (FREIRE, 2011). O processo de conhecimento, fruto de uma educação emancipatória posta em Freire e Adorno, dialoga nessa construção de identidade, na qual rompe com o medo e exigindo um pensar diferente daquele que o aprisiona e deixa refém das massas dominantes.

A quebra ideológica da força empregada para tirar proveito do ser humano inicia sua resistência nos povos tradicionais e nas camadas mais pobres desta sociedade, resistindo às amarras dominantes. Deve ser através do conhecimento que a sustentação da luta em defesa de uma educação emancipatória produz a libertação do ser. Uma

¹⁹ Racionalidade ecológica é todo o exercício da razão que privilegia as formas impuras e periféricas do pensamento, desde formas argumentativas, empíricas, e procedimentos indutivos para a indagação e compreensão da realidade socioambiental, privilegiando a intuição e a emoção, identificando-a com a relação substantiva natureza/cultura, imanente em todo o vínculo presencial biótico/abiótico (MOLINARO, 2006).

educação libertadora que busque no sujeito sua transformação perante a tudo que lhe é posto, em um conjunto de ações que configura o elo do equilíbrio entre a razão e a emoção, a parte e o todo, o individual e o conjunto nas forças desmistificadoras da natureza aprisionadas pelo conhecimento.

Esse papel de reconstrução de identidade é um processo que não é apenas da somatização de saberes, e sim a busca do saber emancipatório que quebra a ordem econômica, que alimenta o sujeito e transforma sua identidade, personalidade, rompendo com o velho fruto de submissão de uma ordem sustentada pelo capital.

A percepção da realidade não é algo fácil de ser incorporada, pois se configura como um estágio avançado de libertação e de autoformação. O efeito disso é a completa desvinculação do estágio de dominação e da visão do desenvolvimento sustentável que passa, ideologicamente, a ideia de que tudo está na perfeita ordem. A sua dependência emocional inautêntica gera uma formação inautêntica (FREIRE, 2017) do mundo que é aproveitada por todo esse sistema para construção de uma rede que impunha suas ações, suas visões de que o que fazem estão sempre ligadas ao vínculo de prosperidade e sua ação política sobreponha a todo o seu conhecimento da natureza.

A formação de consciência de sujeitos ecológicos (CARVALHO, 2012) passa por uma transformação de visão no movimento de defesa ecológica. Encontra-se regradada no movimento de defesa do meio ambiente e de uma construção, em que os sujeitos se vejam como partes deste processo. As mobilizações na defesa, na formação de movimentos e com ações que deem visibilidade e que possam ganhar força e, nesta interface, apareçam as conquistas de adeptos no processo de defesa ecológica. Este movimento tem como motor a educação emancipatória, levantando a bandeira de transformar a maneira de pensar, de enxergar o outro e construir um levante que busque um ideário de autorreconhecimento e conhecimento do outro e de todas suas relações com a natureza.

A EA fomenta sensibilidades afetivas e capacidades cognitivas para uma leitura do mundo do ponto de vista ambiental. Dessa forma, estabelece-se como mediação para múltiplas compreensões da experiência do indivíduo e dos coletivos sociais em suas relações com o ambiente. Esse processo de aprendizagem por via dessa perspectiva de leitura dá-se particularmente pela ação do educador como interprete dos nexos entre sociedade e ambiente e da EA como mediadora na construção social de novas sensibilidades e posturas éticas diante do mundo (CARVALHO, 2012, p. 79,80).

A construção de identidade libertária e emancipatória traz no sujeito o combate a degradação ambiental, abrindo caminhos para a re-apropriação da natureza de que o

campo de uso seja diferente do mantido hoje e que, aos poucos, a harmonia venha se estabelecendo e a vida entre os seres seja de uma outra ordem, ou seja, de respeito, amor, sensibilidade, os quais possam emanar pelo outro e que se tenha uma outra conotação diferente do que é mantida hoje. O que se vê é um rastro de destruição, de exploração e mortes.

A visão de emancipação do sujeito tem que estar associada a um patamar de defesa da vida independentemente, seja humana ou não, e que os ciclos naturais de sobrevivência sejam mantidos com a quebra das amarras capitalistas. Essas deixem de interferir com tanta força na formação dos parâmetros de comportamento e de vida na terra. A partir do momento do reconhecimento dos problemas ocasionados por sua força desmedida em vista de dominar tudo o que está pela frente, abre-se um leque de visões e pensamentos que antes estavam obscuros. Portanto, caminhos diferentes se abriram para este novo ser com a capacidade de formular identidade, perante a si e aos demais. Mesmo porque a exigência de novas construções se apresenta, na forma de como está sendo manipulado, as pessoas e a natureza chegaram ao nível de esgotamento, o que se torna impossível de suportar. Assim,

O problema que se impõem nesta medida é saber se por meio da educação pode-se transformar algo de decisivo em relação à barbárie. Entendo na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação à sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentando a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na tecnologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza (ADORNO, 1995, p. 155).

Aqui um ponto importante é colocado em exposição: o perigo que é exposto a civilização se o patamar de barbárie continuar. É um controle exercido sobre o outro que se põe em um jogo extremista, que configura uma sociedade do caos, como expor ao fascismo de um, que quer o fim do outro, sem se importar com o outro (MORIN, 2011), expondo a fragilidade do jogo de poder e tudo isso em nome da contemplação das suas riquezas e prosperidades a partir do empobrecimento e escassez do outro, produzindo cenários catastróficos de plena alienação, submetendo-se a construção de prisões mentais ou de dependência do capital em prol de vidas que vegetam em busca de simples migalhas de alimento para conformar a sua existência no planeta. A submissão de todo o conhecimento e técnica para manutenção desta desigualdade, configurando em múltiplas

crises, que só fazem agravar a situação de dependência, e consequentemente, o entrelaçamento de dominação política, subtraído a racionalidade das estratégias de libertação do monopólio da técnica sobre às relações sociais, “ apenas as situações de emprego da técnica e exige, por isso, um tipo de ação que implica dominação quer sobre a natureza ou a sociedade” (HABERMAS, 1968, p. 46). O homem utiliza a técnica como ferramenta de controle e dominação de si e da natureza amparado pela retirada da ação da racionalidade do sujeito, em que prevaleça a dominação. Esta só é possível, graças a estrutura de controle exercida sobre a sociedade, que a todo momento se renova. A racionalidade da dominação exerce a função de manter no controle todo o sistema e capitanear a seu favor tudo que é necessário para continuar a possuir o controle da dominação da sociedade e da natureza.

A acção que implica racional dirigida a fins é, segundo a sua própria estrutura, exercício de controlos. Por conseguinte, a racionalização das relações vitais segundo critérios desta racionalidade equivale à institucionalização de uma dominação que, enquanto política, se torna irreconhecível: a razão técnica de um sistema social de acção racional dirigida a fins não abandona o seu conteúdo político (HABERMAS, 1968).

A subordinação ao sistema político e econômico dominante impede qualquer ação dirigida a liberdade do sujeito em qualquer direção, bloqueando seu sistema racional de avançar em uma direção oposta da qual ele se encontra, “a própria organização da cultura, portanto, é manipulatória dos sentidos dos objetos culturais, subordinando-os aos sentidos econômicos e políticos e, logo à situação vigente” (ADORNO, 1995, p. 21). Desta forma, a ação passa a ser institucionalizada e a dominação tem novos capítulos se tornando cada vez mais intensa e, assim, passe a demonstrar o seu real sentido. Essa institucionalização parte dos sistemas sociais ligados diretamente ao ser associada ao conjunto, e desse modo, a dependência sempre vai parecer uma ação normal do sistema. Para toda as direções, o sistema social tem um ponto que liga o sujeito às suas necessidades, dificultando o processo de emancipação.

A estrutura social é montada para manter tudo no mesmo patamar e que tudo continue seguindo aos padrões desejados pela classe dominante. O sociólogo Henrique Leff explica que nenhuma revolução pode dissolver a estrutura social, mas que a revolução pode modificar a estrutura de classe. Aqui o jogo não é da destruição, e sim de transformar as estruturas de classe, em que desate o nó que, ao invés de aprisionar, ofereça respostas, sem que se tenha de destruir. A mudança é fundamental de como vai se dar, como é apontado pelo sociólogo, só através de uma revolução social, em que esta poderá

acontecer e permitirá uma outra construção. O embate travado leva à discussão da dominação social da mulher, porém, se estende a toda a relação de dominação, seja de gênero ou ainda mais ampla.

Este sistema social de aprisionamento da mulher tem uma carga histórica de dominação que rompe as gerações. Todo o processo de produção e reprodução do pensamento feminino é levado a acreditar que tudo isso é normal, porém, as revoluções pequenas vêm acontecendo, com exemplos claros em que o empoderamento da mulher, perante a todo este sistema que os movimentos feministas vêm conseguindo dar voz e ação, assim, transformando em sujeito capaz de produzir sua própria racionalidade.

O processo discutido da dominação feminina tem tudo a ver com o que temos discutido no transcorrer do trabalho. A submissão da mulher aos ditames masculinos é um exemplo claro de como o controle vem sendo posto por uma sociedade dominadora, de tudo que está a seu alcance. A mulher é uma vítima de um processo de submissão inserido neste conjunto de controle em que possa ser manobrada, em favor dos benefícios de categorias dominantes. Quebrar com as contradições implantadas pelas mesmas não é tarefa fácil. Tudo o que eles almejam é de formar mais contradições, mantendo seus posicionamentos de que uns possuem de direito e de fato o poder de explorar, e o outro de ser explorado, formando uma diferenciação que beira ao inacreditável, de destruir todo o sistema que propicia a vida no planeta.

A esperança centra em lutas que vem rompendo barreiras para se perceber o quanto é contraditório todo este movimento, porém, com grandes dificuldades de afirmação. O enfrentamento das bases e pilares montados para conservar o monopólio do conservadorismo de manipulação é enorme,

a fim de que possa perceber as fortes contradições que se aprofundam com o choque entre valores emergentes, em busca de afirmação e de planificação, e valores do ontem, em busca de preservação. É este choque entre um ontem esvaziando-se, mas querendo permanecer, e um amanhã por se consubstanciar, que caracteriza a fase de trânsito²⁰ como um tempo anunciador. Verifica-se, nestas fases, um teor altamente dramático a impregnar as mudanças de que se nutre a sociedade. Porque dramática, desafiadora, a fase de trânsito se faz então um tempo enfaticamente de opções. Estas, porém, só o são realmente na medida em que nasçam de um impulso livre, como resultado da captação crítica do desafio, para que sejam conhecimento transformado em ação. Deixarão de sê-lo à proporção em que expressem a expectativa de outros (FREIRE, 2000, p. 53,54)

²⁰ Paulo Freire chama as mudanças que ocorrem na sociedade em que nasce um impulso livre, a partir da crítica do desafio no conhecimento da ação.

O choque de realidade, muitas das vezes, não aparece tão fácil, pois forças gigantes conservam seu modo de atuar, de defender sua permanência neste planeta; passa pela ação de mudar toda a relação existente e da vontade de passar por uma metamorfose, de construir outro tipo de estrutura diferente da existente que compreenda a importância de ser parte deste mundo não como servente, mas como construtor. A compreensão de substanciar o momento vivido é o ponto de partida. Ver a realidade, caracterizá-la e transpor para outros tempos é fundamental, o que apontará para uma nova formação capaz de capturar e formular novos desafios construídos, de forma coletiva, e que não tenham que se transformar ou se submeter a uma estrutura que explora, que manipula somente para a acumulação de capital, submetendo a um plano destrutivo das vidas que formam a natureza.

3.3. Educação e emancipação

O processo educacional em curso nos países tidos como subdesenvolvidos vem sendo eivado pelos princípios do capital para atenderem uma agenda no conjunto desenvolvimentista. Este processo tenta escamotear a realidade, submetendo aos seres humanos a uma educação que priva as pessoas de usarem as racionalidades em prol da construção de uma identidade, tratando-os como um objeto que podem ser manipulados. Nesta agenda, encontram-se programas educacionais presentes nos países, que são apresentados por grandes instituições privadas, as quais reservam dos seus milhões acumulados para uma parcela na construção destes programas, ideologicamente associados ao crescimento do patamar econômico, preparando a população para o mercado de trabalho na tentativa de anular qualquer tipo de disputa no campo racional.

Toda essa iniciativa tem um propósito maior: a escola precisa cumprir um papel fundamental, que não seja mais o de aprisionamento do ser, que é um papel que distorce a verdadeira essência da escola que deveria ser a de libertar, de transformar em um ser capaz de construir racionalidades que enfrentem àquelas dominantes, a de uma prática educativa defendida por (FREIRE, 2000). No processo de libertação, Paulo Freire em *Educação como prática da liberdade* coloca uma pedagogia de relevo, que busque quebrar este círculo de cultura, e que destrua a estrutura da escola que tenta aprisionar o sujeito. Segundo o autor, a educação não deve ser uma amarra ou o impedimento desta construção; ao contrário, ela tem como função básica formar e libertar. Caso contrário, auxiliará na construção de uma massa dominante, que tende a concentrar o poder em poucas mentes e usará como dominação do outro - ponto importante é de rever em que

base ou princípio ela quer atender -, pois o jogo dos poderosos é de manutenção do *status quo*.

Theodor W. Adorno, um dos expoentes da chamada Escola de Frankfurt, imputa a visão de que o “caminho tradicional para a autonomia, a formação cultural pode conduzir ao contrário da emancipação, à barbárie” (ADORNO, 1995). Neste expoente, ele chama a atenção sobre a dominação da educação por forças diversas e com interesses desenvolvimentista e mercadológico, em que busca a satisfação de uma parcela da sociedade e que o processo educacional foi desviado do seu real fim, o processo de emancipação, tendo como efeito os resultados catastróficos. Essa visão nos põe a refletir sobre fatos que vêm produzindo uma sociedade descontrolada, e a ciência como aliada na produção de conhecimentos, cada vez mais restritos a dominação do capital, e que neste parâmetro,

o essencial é pensar a sociedade e a educação em seu devir. Só assim seria possível fixar alternativas históricas tendo como base a emancipação de todos no sentido de se tornarem sujeitos refletidos da história, aptos a interromper a barbárie e realizar o conteúdo positivo, emancipatório, do movimento de ilustração da razão. Esta, porém, seria uma tarefa que diz respeito a caracterização do objeto, da formação social em seu movimento, que são travadas pelo seu encantamento, pelo seu feitiço. Por isto a educação, necessária para produzir a situação vigente, parece importante para transformá-la (Id.Ibid, p.12).

A educação emancipadora defendida por Adorno produz uma sociedade diferente que busca alternativas para uma outra construção com base em um sujeito capaz de criar suas próprias reflexões, produzindo conceitos positivos e que quebra paradigmas em que os mesmos possam levar ao movimento da construção de uma sociedade que possa decidir seu caminho, sem interferência de mecanismos externos manipuladores. A educação transformadora busca no sujeito a sua autoformação e a formação do outro para a construção do conjunto no ambiente inserido como papel de romper com uma educação autoritária e de conduzir o sujeito a construir a sua própria autorreflexão na formação de pilares coletivos para o bem comum de uma humanidade. Esta emancipação é a formação para autonomia, coletivamente, construída entre uma sociedade que busque às transformações necessárias à sua existência em todos os patamares. A educação deve funcionar como a ponte que liga ao sujeito e a emancipação, criando as condições necessárias para a libertação. Um caminho que busque pôr o homem como cerne deste problema, isto é,

a educação é uma resposta da finitude da infinitude. A educação é possível para o homem, porque este é inacabado. Isto leva-o à sua

perfeição. A educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode se o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém (FREIRE, 2011, p. 34)

O pensamento Freiriano coaduna com o de Adorno no que tange que a educação poderá levar à emancipação do sujeito e em pontos convergentes na busca de explicitar parâmetros de como se chegar a essa emancipação. No entanto, ambos são cépticos na colocação que não é a educação o ato libertário, e sim o próprio sujeito buscar essas transformações. Ele precisa sentir no processo transformador, desejar, isto é, buscar todos os caminhos para que possa acontecer. O processo educacional é um suporte que pode abrir caminhos para se chegar à emancipação, porém, não é o começo nem o fim, tem um papel preponderante no caminhar deste processo. Ambos os pensadores veem a questão de que a educação sozinha não constrói este processo de libertação do sujeito e que o homem é um sujeito inacabado, dentro de um processo social que a todo instante insere os preceitos dominantes para derrubar todo o caminho trilhado. Portanto, a todo tempo, forças contrárias ao processo emancipatório agem, contrariamente, interferindo ou dificultando a caminhada, ou seja, o inverso. Um dos papéis da educação é de estar dialogando sobre ações que quebrem as amarras. O que não pode acontecer é a educação ser um braço da continuidade ou agravamento da situação de dominação já existente. O processo de individualização, que a escola tenta implantar no conjunto educacional, tem como norte desconstruir o processo coletivo de construção emancipatória e funciona como um dos entraves para a construção do sujeito libertário.

O processo de emancipação não deve ser uma coisa isolada que funcione só com um sujeito, e sim precisa ganhar forma e contagiar. Porém, a ponte para isso é a escola, a qual deva implementar formas novas de encarar a realidade de mudanças de postura de formação deste sujeito, propiciando uma outra maneira de encarar a realidade. Desta forma, as práticas pedagógicas deixariam de ser instrumentos de aprisionamento e passariam a atuar na conscientização do sujeito (FREIRE, 1996). A educação é permanente, e com isso sempre está atingindo o sujeito de uma forma direta, portanto a base parte em que sempre haverá uma reconstrução da consciência. Portanto,

A seguir, e assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia se é permitido dizer assim, e uma

exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipada (ADORNO, 1995 p. 141-142).

Adorno denota duas coisas em sua passagem acima: a ligação com Freire, no que diz respeito à crítica da educação tradicional; e a questão da democracia que se faz, necessariamente, pelo diálogo. A educação é um dos pilares de extrema importância para uma sociedade. É nela que se baseia a implantação de um dos focos de dominação, mas não o único. A estrutura dominante usa diversas formas para manter a superestrutura da dominação e é através de mecanismos que alcancem grandes quantidades de pessoas. Tudo se concretiza, ou seja, eles detêm o domínio desses aparelhos que, ideologicamente, produz uma cultura dominante. Neste processo, o homem deixa de construir seu pensamento para usar o raciocínio do outro, de quem quer imputar o seu ideal, ou seja, o seu conceito de vida. Partindo deste entendimento, o conhecimento produzido é distorcido e apresentado como correto e, ao mesmo tempo, é entregue sem precisar de um mínimo de esforço racional para consegui-lo. Assim, o resultado é a falta de reflexão crítica e leva à passagem do sujeito a objeto.

A desconstrução é um aporte para uma ação muito maior: a emancipação do sujeito no conjunto da sociedade. Mas, caso permaneça a onda de aprisionamento, produz-se um efeito perverso como uma sociedade em vias da barbárie. É uma prova, pela qual o sujeito vencerá as trevas da ignorância (HORKHEIMER e ADORNO, 1985) e enfrentará as hierarquias montadas para conservação desta estrutura. Essa estrutura dominante vem sendo montada e conservada há séculos e não é fácil de ser rompida. Ela leva à criação de preguiça mental, de construir seu próprio pensamento, conservando o que o outro pensa por você.

A educação já não diz respeito meramente à formação da consciência de si, ao aperfeiçoamento moral, à conscientização. É preciso escapar das armadilhas de um enfoque “subjetivista” da subjetividade na sociedade capitalista burguesa. A “consciência” já não seria apreendida como constituída no plano das representações, sejam ideias oriundas da percepção ou da imaginação, ou da razão moral. A consciência já não seria “de”, mas ela “é”. Seria apreendida como sendo experiência objetiva na interação social e na relação com a natureza, ou seja, no âmbito do trabalho social. A verdade não seria condicionada subjetivamente, mas objetivamente. Afinal a formação da identidade passará, a partir de Hegel, a ser uma atribuição do “objeto”, e não mais constituída pelo sujeito (ADORNO, 1995, p. 16).

A ação prática de quebrar essas amarras impostas por um sistema que se sustenta em parâmetros condicionados pelo sistema capitalista é a partir da objetividade, ou seja, na prática social é que se inicia o processo e o reconhecimento de que se integra a um jogo mercadológico influenciado pelo processo científico e cultural de dominação. Porém, precisa-se levar em conta como encontrar o nível de subordinação ou de esclarecimento que se apresenta, pois, com a estrutura mantenedora da dominação solitariamente e com toda pressão existente, o estágio se torna difícil, e com o peso da construção, sem auxílio externo, tudo isso dificulta. Os auxílios externos aqui mencionados são sobre o contexto de que a educação a partir de formadores ou diálogos apresentados, possam esclarecer melhor a situação em que se encontram. O caso aqui não é de modelo ou moldura, e sim de conjunto a partir da dialogicidade (FREIRE, 2011) possa gerar o contraditório dentro daquele contexto e que, assim, o sujeito possa formular uma outra visão do que está apresentado.

As experiências formativas contribuem muito para a quebra deste processo de manipulação em que se apresenta esta sociedade. Esta não precisa ser formal, com os exemplos e as construções das visões tradicionais proporcionam um embasamento formativo da construção libertária. A formação de identidade passa, primeiramente, quando o sujeito percebe que é manipulado e a sua situação é de objeto perante a todo esse processo. O papel do esclarecimento é de neutralizar as forças dominantes que as cercam, cabe ao sujeito. Assim, fica difícil reverter a construção ou atacá-la sem que o sujeito possa se defender e mostrar o quanto a transformação é uma parte existente de uma construção executada por seu esclarecimento. O esclarecimento é de que, neste processo de dominação, o seu papel não é de construção, ou seja, transformou-se em um potencial consumidor para não pensar, e sim de consumir. O papel cumprido pela enxurrada de informações e diversões produzidas neste cenário desperta a idiotização das pessoas, ao mesmo tempo (HORKHEIMER e ADORNO, 1985), produzindo um contexto de estado, no qual a tomada de consciência é encoberta pela sensação de prazer.

A emancipação do sujeito perpassa pela dissolução dos entraves que é colocado pelo poder dominante em um contexto complicado, onde o cenário de sensação de que é cada um *per si* é enorme. A sociedade manipuladora busca sempre naturalizar e padronizar suas ações e suas racionalidades, aplicando-as como generalizações impedindo-os de ser construtores. Tudo é apresentado como uma coisa fácil e dada sem precisar de sacrifícios, e que pessoas bem preparadas para construírem tudo que a sociedade necessita. Toda a racionalidade, seja individual ou coletiva, padronizada no

modelo de dominação e eivada pelos meios de comunicação ou por aparelhos de dominação que querem atingir o maior número possível de pessoas. É importante, pois é desta forma que a implantação vai dar continuidade e se perpetuar.

O que (HORKHEIMER e ADORNO, 1985) expõem em um processo no qual o sujeito é capaz de tomar consciência de si e da sua relação com a natureza que o circunda em todas as suas dimensões. Em outras palavras, trata-se do sujeito ser capaz de conseguir se libertar, através de seu autocontrole não deixando a conservação do passado manipulado, e assim trocando-a por uma esperança construtiva, alinhando o ato de formação consciente na desconstrução do modelo dominante. Toda construção racional passa por uma quebra de barreiras, portanto, conforme demonstra Paulo Freire,

não posso investigar o pensar do outro, referindo ao mundo, se não posso. Mas, não penso autenticamente se os outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar pelos outros nem para os outros, nem sem os outros. A investigação do pensar do povo não pode ser feita sem o povo, mas com ele, como sujeito de seu pensar. E se seu pensar é mágico ou ingênuo será pensado o seu pensar, na ação, que ele mesmo se superará. E a superação não se faz no ato de consumir ideias, mas no de produzi-las e de transformá-las na ação e na comunicação (FREIRE, 1996, p. 140, 141).

A razão de se concretizar e seguir um caminho de dominação é a retirada da ação de pensar do sujeito e transformá-lo em objeto. O ato racional de não enxergar a sua própria realidade e a sensação é de que os olhos estão vendados, é de que existe uma força invisível impedindo-lhe de lutar. O fato de roubar-lhe o pensamento e de que há um alguém, que poderá pensar por você, proporcionando-lhe essas prisões. A desconstrução propicia o poder de construção de seu próprio pensar e, sem a construção do raciocínio emancipatório, não haverá libertação, e sim uma mera reprodução dos acontecimentos. Aqui não está em jogo se esse raciocínio representa uma sequência libertadora naquele momento, mas o fato de estarem exercitando seu pensar de forma contínua, sendo capaz de formular e interferir nas decisões por conta própria nos seus atos. Isso justifica um processo de descoberta e de encontro com um outro cenário diferente do que sempre lhe é apresentado. A questão lógica é o fato de que a visão de pensar atenda aos padrões de conscientização esperado para si e para outro, e é do simples ato de poder construir seu próprio pensar que lhe proporciona a liberdade de fazer, de construir e de ter a sua própria visão dos fatos e dos acontecimentos.

O ponto que não pode ser esquecido é o ato de libertar o sujeito para fazer suas próprias produções, de ser capaz de formular, de discutir, de ser produtor de sua voz e

como sujeito, defender perante seus iguais o poder de comunicar, de usar a voz como um processo de diálogo, mostrando os papéis e as facetas de como a visão capitalista consegue retirar a sua voz e o seu pensar. O pressuposto a advir é a queda das amarras e o aprofundamento da conscientização não de um só sujeito, mas de um coletivo, que sendo influenciado, desencadeia sucessivos sujeitos, compondo uma sociedade libertária.

A exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia. Para precisar a questão, gostaria de remeter ao início do breve ensaio de Kant intitulado “Respostas à pergunta: o que é esclarecimento?” Ali ele define a menoridade ou tutela e, deste modo também a emancipação, afirmando que este estado de menoridade é auto-inculpável quando sua causa não é a falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem (ADORNO, 1995, p. 169).

Adorno usa um ensaio de Kant para invocar a importância da emancipação na instalação de uma democracia. Neste contexto, ao retirar a emancipação do sujeito automaticamente, a democracia desaparece e o que é posto em seu lugar é a submissão e o controle. Um outro parâmetro é apontado, nesta passagem, em que ele diz que não é a falta de entendimento, é a coragem de tomar as suas próprias decisões. O aprisionamento está quando o sujeito se submete a deixar as decisões para um terceiro ou para um grupo, que venha a decidir por todos o medo de exposição. Isso produz um aprisionamento da racionalidade do ser, a tomada de decisão e a construção racional do seu pensar e agir não depende do outro, e sim do próprio ser.

Essas prisões são produzidas e não são fáceis de serem quebradas. A sociedade apresenta este estágio, desde muito cedo nas vidas do sujeito e, a condução de dependência é formulada no seio familiar desde o nascimento. Por isso, a família tem um papel de continuidade da função de dominação. Sem contar que a depender da localidade, o poder do patriarcalismo ainda é muito forte e não existe diferenciação ou modelamento de dominação. Ela exerce o mesmo poder com maior ou menor força, no entanto, há uma diferenciação no patamar de libertação, que dependerá o quanto aquele sujeito está exposto a mecanismos que possam produzir a orientação de libertação.

A emancipação aparece quando o sujeito começa a entender a ausência de sua liberdade, devido ao conflito de identidade, e a perceber que ele tem voz e poderá produzir mudanças em si e no contexto em que ele vive. A semente da racionalidade começa a brotar, quando ele procura respostas ou soluções naquilo que é apresentado e as explicações ou respostas não são satisfatórias aos seus anseios. O processo de metamorfose em que o sujeito passa contradiz a estrutura que o prendia, produzindo um

confronto de imediato a uma quebra de paradigmas é uma formulação nova, e que se apresenta a partir daquele momento. Isso se reflete em ações que dão embate ao novo caminho a ser trilhado que definirá em qual patamar o sujeito vai caminhar.

O caminho do sujeito reflete nas suas ações e no seu direcionamento em busca de trilhar novos horizontes que transformem o seu agir, a partir da interação de ideias é fundamental. Essa construção se dá a partir do entendimento do sujeito perante a si e aos demais. Assim, todos possam compreender que a razão do entendimento segue um fluxo de uma visão de que é como se encontra o mundo da vida.

3.3. A ação comunicativa e ética ambiental

A crise ambiental vivida nos dias de hoje produzidas a partir das modificações humanas perante a natureza, tentando saciar a sua sede de acumulação de capital, mostra um rastro de destruição em nome da racionalidade instrumental moderna (HORKHEIMER e ADORNO, 1985). Porém, outras racionalidades contrapõem as que estão expostas. A racionalidade cognitiva cria uma mobilidade social, na qual busca compreender outros cenários, novos caminhos, diferentes dos que são apresentados pela visão dos desenvolvimentistas. Cenários que vão de encontro à forma que hoje é conduzida às transformações produzidas na natureza e que, a partir desta mobilidade possam construir movimentos de resistência e de luta.

Os caminhos têm que ser trilhados de várias formas e por diversos sujeitos diferenciados. No entanto, o ser humano é o agente que traz dentro de si um rastro de construção e destruição, toda ela pensada em realização de desejos pessoais. O amor a posse faz com que tudo seja quantificado e cada coisa tenha seu preço, não importa quais serão as consequências futuras.

Nas últimas décadas, precisamente depois da Segunda Guerra Mundial, o processo de tecnodestruição vem se tornando catastrófico para a humanidade, produzindo um rastro de destruição e morte, a fim de construir o satisfatório, dando “passagem” a uma sociedade consumista. Os espaços naturais por completo já foram alterados, tornando-os um espaço artificial de concreto por todos os lados. Inúmeras espécies de seres vivos não existem mais, sendo extintas; florestas inteiras dizimadas, vários seres vivos perderam seu *habitat*, devido às transformações ocorridas em nome da racionalidade econômica.

A produção industrial e o consumo desenfreado constituem-se como destaque deste poder devastador sobre o espaço. O poder desempenhado nessas ações ligadas ao

grande capital visa, simplesmente, à produção de acumulação de capital e produzindo uma enorme crise ambiental no planeta (GUIMARARÃES, 2010), a tal ponto que a degradação chega a ser mútua, ou seja, nem a própria humanidade escapa, tornando-o objeto desta devastação (UNGER, 2010). A narrativa de Hans Jonas sobre o homem e a natureza contempla a explanação:

[...] essa angustiosa homenagem ao opressivo poder humano narra a sua irrupção violenta e violentadora na ordem cósmica, a inversão atrevida dos diferentes domínios da natureza por meio de sua incansável esperteza; ao mesmo tempo, narra o fato de que, com a faculdade autoadquirida do discurso, da reflexão e da sensibilidade social, ele constrói uma casa para sua própria existência humana – ou seja, o artefato da cidade. A violação da natureza e a civilização do homem caminham de mãos dadas (Idem, 2006, p.31, 32).

Ações dos povos tradicionais, de excluídos, de defensores da natureza, de sindicatos rurais, de moradores de florestas, entre outros, ecoam em vários ambientes e lutas em que estão sendo travadas em favor da natureza. É uma conjuntura difícil no parâmetro de uma ética ecológica, perpassando a ética tradicional²¹ na qual, todos os seres vivos deste planeta têm seu valor intrínseco. Porém, o que se vê é a usurpação da vida, o direito de ocupar seu *habitat*, a retirada do seu ventre, a chance de procriação, de frutificação do esplendor e da multiplicação dos seres.

A ação de embate que ocorre neste momento é originária de povos de comunidades tradicionais, escolas na formação de educadores ambientais na proliferação de ações ligadas a educadores e educandos em projetos, e de pessoas que lutam pelas causas ambientais. O movimento vem tomando forma e força e as cobranças por uma preservação e proteção do meio ambiente intensificam-se de modo gradativo. Porém, as ações governamentais precisam ser implementadas de forma a garantir a vida nos espaços.

Não basta pôr no papel ou em acordo, pois a exigência demanda a efetividade imediata e que possa impedir várias ações de degradações ambientais que estão ocorrendo e corrigindo outras que possam ser revertidas. A cobrança efetiva de muitos povos por

²¹ Hans Jonas (10 de maio de 1903 - 5 de fevereiro de 1993) foi um filósofo alemão de origem judia. É conhecido, principalmente devido à sua influente obra *O Princípio da Responsabilidade* (publicada em alemão em 1979, e em inglês em 1984). Neste livro, o filósofo esclarece o conceito de significação de ética em que diz respeito ao relacionamento direto de homem com homem, inclusive, o de cada homem consigo mesmo, ou seja, toda ética tradicional é antropocêntrica.

uma atuação dos poderes constituídos no cumprimento das leis e formulações de outras, e ações de intervenções diretas no que tange ao respeito ao meio ambiente.

As ações danosas que acontecem no meio ambiente, em sua grande maioria, estão ligadas à retirada de algum proveito por parte do ser humano na tentativa de individualizar ou humanizar o espaço. Corroborando com (CARVALHO, 2012), as agressões ambientais ferem o caráter coletivo e que é um bem que tem que ser tratado de outra forma, e o seu uso sustentável não pode ser destruído. Os conflitos configurados nas populações tradicionais formulam, organizam e deliberam como se manifestarem nas cobranças de barrarem os danos provocados pelo processo industrial, comercial e agroindustrial que acontecem em grande escala no meio ambiente.

As populações precisam ter voz para agir e ampliar seu conhecimento sobre os problemas e, desta forma, elas possam sustentar argumentos e formulações na defesa organizada do meio ambiente. Assim, atraindo novos sujeitos nesta defesa. É uma concepção teórica desenvolvida pelo filósofo alemão J. Habermas, cuja ideia de meio da comunicação levará aos agentes a aumentar o poder de suas ações. Portanto,

o agir comunicativo constitui, no entanto, uma forma altamente improvável de comunicação e de coordenação da ação, tendo em vista que a acoplagem das ações de um agente (Ego) às de outro (Alter) está ameaçada, a cada passo, pela rejeição de pretensões de validade criticáveis (Id, 2012, 2004).

O agir comunicativo desenvolvida pelo filósofo alemão J. Habermas cuja ideia emana das falas dos sujeitos na defesa de um no contraponto do outro, e ambos podem dialogar para defender sua visão sobre a do outro; o poder de convencimento das partes, a lógica da ação e a busca pelo melhor para o conjunto. Há uma troca de diálogos entre as pessoas, o que é visível é o fato participativo tornando-se real na troca de ideias.

A emancipação humana Habermesiana prevê um processo de entendimento mútuo que visa a um acordo que depende do assentimento racionalmente motivado a um conteúdo de proferimento (HABERMAS, 2003). Esse entendimento baseado no diálogo não poderá ser imposto e o uso do convencimento é ligado à formação democrática da vontade. Analisada em cima da tomada de decisão, deve-se a um acordo entre as partes negociáveis. O êxito depende do outro aceitar o que lhe foi apresentado. O processo de emancipação de Habermas centra no discurso de todos os envolvidos em que se busca uma racionalidade com papel crítico dentro da linguagem como convencimento. Contudo,

a tese de Habermas é que a emancipação humana não depende de qualquer tipo de determinismo transcendental ou técnico-instrumental. Esta só poderá realizar-se quando estiver vinculada à formação da vontade democrática por intermédio da esfera pública e de processos de libertação dos discursos de todos os indivíduos envolvidos. Para tanto, pondera o autor, a crítica deve lançar-se contra a ideologia reducionista da racionalidade humana através da destruição da ilusão objetivista, mostrando que todo o nosso conhecimento já se encontra sempre referido a um horizonte prévio de compreensão e de interpretação intersubjetivo no seio da linguagem comum presente no mundo da vida e que, além do interesse técnico, a humanidade age também motivada por interesses práticos e emancipadores (MUHL, 2011).

Os sujeitos têm que entender o perigo a sua volta e, desta forma, fazer a defesa da sobrevivência dos seres na construção dos saberes e conhecimentos subjetivos, os quais assimilem o entendimento da problemática; assim, poderão fazer a multiplicação de suas ações e de suas vozes. No diálogo com Habermas, no livro *Racionalidade ambiental e a reapropriação social da natureza*, Henrique Leff analisa esta questão da construção da ação comunicativa e como este tipo de racionalidade discute o “mundo da vida”, pondo a objetividade em constante ação. Assim,

A racionalidade comunicativa se constitui, assim, a partir do fundo de um saber, um saber que remete à consciência que se levanta acima da evidência do mundo da vida para colocar à prova sua objetividade, para ser fundamentado e questionado, tematizado e problematizado. O saber sai de sua interioridade para entrar no âmbito da norma, da objetividade da relação intersubjetiva, afastando da relação ser-saber, dos saberes comuns diferenciados dos seus dissenos (LEFF, 2006, p. 358).

A racionalidade comunicativa é uma maneira por meio da qual os sujeitos possam entender as coisas relacionadas ao mundo da vida. O que seria o mundo da vida? Tudo o que o homem consegue perceber e compreender, e que isso esteja relacionado à exterioridade que envolve o indivíduo. Assim, os temas ambientais é um entre os diversos já vistos que podem ser abarcados pela racionalidade comunicativa. Ao quebrar as barreiras expostas pela grande mídia, fazem com que os povos que não tinham a chance de alçar suas vozes, comecem a dialogar e a formularem sobre tudo isso o que foi imposto na sociedade em que vivemos. A partir do momento em que se tenha essa compreensão exterior e do seu envolvimento com ele, a comunicação é a arma e o seu agir e toda a sua racionalidade sai do seu interior para fundamentar a suas ações. Assim,

Eles têm de ampliar seu aparato conceitual para o que pode ser o caso, mas não precisam de pressuposições ontológicas mais ricas. Com a complexidade das entidades intramundanas, o conceito de mundo objetivo não se torna complexo. E também a atividade propositada que se diferencia e autonomiza como agir estratégico continua sendo um

conceito de mundo único, julgar por seus pressupostos ontológicos (HABERMAS, 2012, p. 170).

A dualidade entre a ação estratégica e ação comunicativa levam o sujeito a se basearem nos vícios desenvolvidos pelo alemão J. Habermas. O saber de fundo extraído do mundo da vida é usado de forma diversa e que na ação estratégica visa-se ao *êxito*, e na ação comunicativa, o *entendimento* entre as pessoas competentes para que se possam agir e falar. Assim, os sujeitos podem se utilizar de uma para conseguir o objetivo almejado na outra. O uso da ação comunicativa, através da comunicação entre os sujeitos, buscará um acordo, podendo chegar a estratificar, e seus desejos perante a sua força empenhada, a partir dos sujeitos envolvidos. Assim,

na medida em os falantes se orientam por pretensões de validade incondicional e supõem uns dos outros plena responsabilidade, seu alvo está além de todos os contextos e meramente locais. Mas esses pressupostos contrafactuais têm sua sede na facilidade das práticas cotidianas. Os sujeitos capazes de falar e agir aprendem no decorrer de sua socialização às práticas fundamentais de seu mundo da vida se reproduz, não desmorone, eles não poderão fazer idealizações. Mas o duplo solo de um gradiente normativo afeta os próprios fatos sociais (HABERMAS, 2004.)

O sujeito aqui retratado por J. Habermas é o falante, que se orienta a partir da compreensão entre eles e da sua responsabilidade com todos os contextos, a fim de colocar no rol das práticas vividas. “É preciso situar-se no horizonte contextualizador do mundo da vida, familiarizar-se com as certezas do mundo cotidiano, a fim de que os participantes da comunicação se entendam entre si sobre algo” (HABERMAS, 2012, p. 431). Este é um processo de descentralização das ideias, expondo uma conotação do mundo da vida. Assim, o uso comunicativo da linguagem na orientação pela validade incondicional em seu uso pleno da responsabilidade.

O papel da formação emancipatória é preponderante na construção ética de sujeitos transformadores e no agir da politização nas camadas sofridas pela sociedade, dando o poder de questionar o tratamento desigual que é aferido aos desfavorecidos e a condição de emancipação social numa visão da relação homem a homem para costurarem os demais, ideias. Pensar em mudar atitudes, comportamentos, é necessário para transformar as relações sociais, construindo novos pensamentos e valores em uma sociedade em que respeite o mundo da vida. Construção essa que tem que buscar as transformações necessárias para emergir o entendimento.

4 - A ESCOLA, O RIO E A LIXEIRA: RACIONALIDADE COMUNICATIVA E VISÃO AMBIENTAL

4.1- No caminho da escola tem um lixão

Muito tem se falado em sustentabilidade e muito pouco tem se feito para mudar este cenário de constante exploração em que vive o planeta. O consumo e o processo industrial têm dado às cartas na economia mundial e transformando a natureza em cenário de constante degradação e destruição, principalmente nos países ditos pobres. O que se observa é o aumento do consumo mundial e em proporção muito maior que é a produção de resíduo sólido e orgânico destinados a espaços (ditos) adequados ou não, ou ainda, jogados diretamente na natureza. Esta prática tem aumentado, consideravelmente, e o destino final é sempre a solicitação de criação de espaços para depositarem todos os resíduos, produzindo desafios gigantes para as nações, principalmente nas camadas mais pobres, pois o consumo mundial não para de crescer, devido ao respectivo aumento da população nestas áreas.

No Brasil, o gerenciamento da produção dos resíduos sólidos tem ficado a cargo de prefeitos e dos governos de estado. E o seu tratamento, muitas das vezes, não é o adequado. Este material é jogado em espaços conhecidos, como lixões ou aterros sanitários: públicos e privados, formando um grande negócio em que ainda se observa que uma boa parte dos resíduos não chegam neste destino esperado, ou seja, são descartados, em rios, lagos, lagoas, vias públicas, encostas, ou terrenos sem construções. A construção dos aterros sanitários²² em todo Brasil, que seria uma prática menos perversa de depósito dos resíduos sólidos, uma forma de acabar com os lixões. Porém, o que se observa, é que esta política está só no papel, porque na prática os grandes lixões só aumentam em tamanho, volumes e proporções.

Neste sentido, a implicação da gestão e gerenciamento ineficiente dos resíduos sólidos urbanos uma vez que grande parte é disposta inadequadamente. Isso ocorre devido a falta de preparo do Poder Público local (Prefeituras Municipais) para lidar com a situação e/ou até mesmo não possuírem recursos financeiros, técnico e operacionais para um gerenciamento eficiente (SILVIA, 2013, p. 43)

²² Aterro sanitário é um local destinado à decomposição final de resíduos sólidos gerados pela atividade humana. Nele, são dispostos resíduos domésticos, comerciais, da indústria de construção, e também resíduos sólidos retirados do esgoto.

Coadunado com a visão da professora Maria do Socorro Ferreira da Silva²³, no seu trabalho *Resíduos Sólidos Domiciliares e os múltiplos desafios ao seu Gerenciamento*, quando chama atenção do problema do gerenciamento e os desafios que se têm que enfrentar, quando se trata dos resíduos sólidos, uma vez que todo este processo é gerado e que ele só se avoluma em tamanho e em grau de degradação. Porém, o fato em dizer que faltam recursos não é a saída, nem tão pouco afirmar que o problema não foi criado na sua gestão. Sabe-se que as causas e as consequências desta falta de gerenciamento são sentidas na constituição de lixões abertos, os quais funcionam como depósitos para esses resíduos, e também uma forma mais “barata” para o poder público desta forma depositária.

Sabe-se que a caminhada não será fácil, pois o caminho a trilhar é muito difícil com todas as esferas de governos neste país não dando a devida importância à natureza. Com isso, o que se apresenta são desastres ambientais de grandes proporções que vão se somando ao grau de devastação que a cada dia aumenta e o que temos é um problema de caráter ambiental gigantesco. O grau de degradação e de poluição só aumentam em áreas consideradas de preservação, de encostas, manguezais, rios e córregos. E esses espaços “selecionados” viraram os depósitos de resíduos sólidos. Contudo,

Neste sentido, implica da gestão e gerenciamento ineficiente dos resíduos sólidos é refletida na degradação do solo, na poluição das águas e do ar e na saúde pública. Assim, não se podem considerar os reflexos da disposição inadequada dos resíduos sólidos urbanos nas questões sociais dos centros urbanos[...] (Ibid, 2013, p.43).

Os desafios postos exigem uma solução imediata, pois a crise ambiental que passa o planeta se manifesta de várias ordens: social, econômica, tecnológica, política, cultural e ambiental, e seus efeitos são danosos. As políticas públicas têm que rever o modelo e os padrões adotados de vida atual, pois todo esse processo fica cada vez mais irreparável. A crise posta mostra a ineficiência do poder público em gerenciar as questões ambientais e as sociais, pondo o caos na natureza.

As políticas públicas, em relação ao tratamento e ao destino dos resíduos sólidos, não são efetivadas. Isso porque, o que se observa é que as leis não são cumpridas. Essas são escamoteadas para não terem efetividade e, assim empresas e instituições poderem fazer o descarte de forma irregular, provocado por grandes processos de degradações ambientais.

²³ Resíduos sólidos domiciliares e os múltiplos desafios ao seu gerenciamento é um dos seus trabalhos nesta área. Ela tem dado grandes contribuições para o nosso estado com os seus estudos e pesquisas direcionadas nessa área.

Com relação aos lixões em todo território brasileiro, esses deveriam não mais existirem, seguindo a aprovação da Política Nacional de Resíduos Sólidos em 2010, no qual determina que todos os lixões do país deveriam ter sido fechados até 02 de agosto de 2014; e o rejeito (aquilo que não pode ser reciclado ou reutilizado) encaminhado para aterros sanitários adequados. Assim, o artigo 5º LEI Nº 12.305, DE 2 DE AGOSTO DE 2010²⁴, que institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, que já versava sobre a temática: as proibições têm em seu corpo mecanismos para fecharem os lixões. Assim,

Art. 5º A Política Nacional de Resíduos Sólidos integra a Política Nacional do Meio Ambiente e articula-se com a Política Nacional de Educação Ambiental, regulada pela Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, com a Política Federal de Saneamento Básico, regulada pela Lei nº 11.445, de 2007, e com a Lei nº 11.107, de 6 de abril de 2005 (CÂMARA, 2010).

Esta lei cria mecanismo para acabar com os lixões e construir aterros sanitários em todo Brasil até 2014. Estamos em 2019 e o que vemos? São modificações na própria lei (aquele famoso “jeitinho brasileiro” de empurrar com a barriga), expandindo o prazo. Isso fica claro que a lei já foi alterada, mais de uma vez, dando mais prazo para que estados e municípios se adequem. Agora, o prazo foi expandido até 2022, e o que vai acontecer até lá? E fica uma dúvida, será que quando chegar à data novamente, o prazo será, mais uma vez, estendido? Enquanto isso, a natureza vem sofrendo as consequências da produção e do consumo em escala gigantesca. Os aterros sanitários não vão eliminar em sua totalidade os impactos ambientais, porém minimizariam os seus efeitos, ou seja, poluem menos.

Porém, uma grande dúvida fica no ar: as políticas públicas relacionadas à construção de aterros sanitários são suficientes e eficientes? É correto atacar só os lixões? Ou temos que também atacar o consumo, que pelo visto não para de crescer, e ganham proporções cada vez maiores no cenário em que vivemos. O avanço da tecnologia e o desenvolvimento científico vem produzindo cada vez mais, e a junção dos bens de

²⁴ Há outras leis que regulamentam um ambiente saudável dos resíduos sólidos, no âmbito municipal tem fundamento nas seguintes legislações:

Lei nº 12.305/2010 e; decreto nº 7.404/2010

Lei nº 11.445/2007 e; decreto nº 7.217/2010

Lei nº 9.795/1999 e; decreto nº 4.281/2002

Lei nº 9.605/1988 e; decreto nº 6.514/2008.

serviços vêm deixando produtos com pouco tempo de utilização e o destino é o descarte, fazendo com que o período de uso seja cada vez menor. Gradativamente, a substituição de uma tecnologia por outra é movida por uma corrida pela criação (inovação), tornando-o, rapidamente, supérfluo. A velocidade não fica só na produção, também acontece no descarte e os locais que irão receber todos esses produtos que não servem mais. Dessa vez, é a natureza todo esse cenário produzido, tanto o descarte no lixão quanto nos aterros ou no próprio meio ambiente, onde acontecem em grandes proporções e produzem muitos malefícios para com ela.

Isso não é um fenômeno isolado das grandes cidades ou das capitais. É um fenômeno ligado ao crescimento tecnológico, econômico, ao melhoramento da renda familiar e a seu poder de compra. O município de Itaporanga d'Ajuda- SE não fica de fora desse crescimento e o reflexo do poder de consumo está na quantidade de toneladas de resíduos jogadas no lixão municipal²⁵ que, nos últimos dez anos, passou de 04 para 06 toneladas/dias (segundo dados da Secretaria de Meio Ambiente da cidade); e a sua população de 30.419 para 34.356²⁶. Isso demonstra um aumento em torno de 13% na sua população no mesmo período. Vemos como um grande problema os impactos ocasionados por esse crescimento no consumo e onde todos esses resíduos serão depositados.

Os lixões abrigam quase tudo do que é produzido, ferindo a legislação, e colocando em risco a fauna, a flora, as bacias e sub-bacias²⁷ hidrográfica, os lençóis freáticos e os seres humanos. No lixão municipal de Itaporanga d'Ajuda, a prática não é diferente, pois, os resíduos sólidos, orgânicos, animais mortos, móveis, eletrodomésticos, pneus, dentre outros. Como se parece que quase tudo é jogado no lixão municipal, produzindo um cenário de catástrofe, e com cenas fortes de caminhões entrando e saindo do local, depositando diariamente toneladas de todo tipo de resíduo.

Esta prática era uma constante e se repetia. Veja só o que os moradores disseram quando perguntados sobre o que era jogado na lixeira do município de Itaporanga d'Ajuda:

...Rapaz, como era foi como falei para você, tudo que não prestava, jogava aí. Era restos mortais²⁸ de gente, restos de caixões jogavam aí,

²⁵ O lixão Municipal de Itaporanga d'Ajuda até outubro de 2018 depositava em torno de 06 toneladas de resíduos sólidos todos os dias, de domingo a domingo. Agora, imagina o poder de degradação e a força do consumo em uma cidade de pequeno porte do estado de Sergipe?

²⁶ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/itaporanga-dajuda/panorama>.

²⁷ Nesta área tem outros rios que nascem próximos ao lixão que fazem parte da bacia do Vaza barris.

²⁸ Resto de caixão advindo do cemitério municipal, vindo da cidade.

remédios jogavam aí, aquele resíduo do matadouro, jogavam aí, animais mortais jogavam e era tudo aí a céu aberto... Depois queimavam. (morador 01) .

...quando tinha mortalidade de galinhas nas granjas, eram ali que jogavam, cavalo, gado, tudo aí jogavam²⁹ (moradora 04).

O ataque à natureza ocasionado pela lixeira da localidade era exercido de forma desordenada e desenfreada, pois o controle nenhum existia por parte do município. As declarações dos moradores abrem um leque de questionamentos: o que neste ambiente não era depositado? Pelo que se observa, recebia de tudo. Os moradores percebiam e viviam tudo isso e pouco podiam fazer alguma coisa.

A legislação que versa sobre a destinação dos resíduos sólidos estabelecia um prazo para que os estados e municípios construíssem seus aterros sanitários para a destinação destes resíduos. Porém, o que até hoje se observa, é a continuidade dos lixões. A morosidade do poder judiciário é clara e evidente, partindo do pressuposto que inúmeros lixões são clandestinos, ou seja, não têm licença para funcionarem, e provam que eles nunca deveriam ter existido; e uma outra forma de armazenamento, com menos poder destrutivo, terem sido construídos, a exemplo de alguns países desenvolvidos, que diminuíram e muito os impactos ambientais. Senão tem esta autorização, o que justifica seu funcionamento, questionado ao departamento ambiental do município de Itaporanga d'Ajuda sobre as documentações de licenciamento do lixão, a resposta foi que não existe.

As populações próximas aos lixões vêm denunciando os acontecimentos com esse tipo de depósito. Os danos provocados, os estragos causados à natureza, à saúde humana e animal, são irreversíveis. Algumas vezes, o que acontece é a extinção, a mortandade e o fluxo de doenças em grandes proporções. As cobranças das autoridades vêm ganhando com mais força e intensidade. Isso porque os problemas se agravam, mesmo em um cenário adverso com a alteração da lei para a construção de aterros sanitários e a retirada dos lixões para 2022. As populações vêm ganhando forças e se estruturando, estrategicamente, em manifestos que fazem com que sua voz e os problemas tematizados sejam ouvidos.

Outras forças podem atuar, como foi no caso do lixão de Itaporanga d'Ajuda, no qual o Ministério Público Estadual de Sergipe (MPE/SE), partindo de uma reclamação movida pelos moradores do povoado Morena ao MPE/SE. As leis e os danos provocados

²⁹ O lixão não tinha fiscais na entrada, então podia ser depositado todo tipo de resíduos até animais mortos.

pelo lixão municipal ao meio ambiente, juntamente com as constantes manifestações movimentadas pelos moradores, esses ganharam a ação e o município foi condenado a transferir todos os resíduos para um aterro sanitário. Em 1º de novembro de 2018, a prefeitura municipal de Itaporanga d'Ajuda foi obrigada a fechar o lixão³⁰. Porém, mesmo com a lixeira desativada³¹, os danos ambientais produzidos por eles vão estar presentes por décadas e o meio ambiente vai continuar contaminado.

O MPE/SE instaurou um procedimento administrativo sob o número 20.15.01.0047, em 10 de setembro de 2015, perante várias irregularidades existentes na lixeira Municipal no povoado Morena na eminência de inúmeras reclamações. Este processo tem algumas fases e contará com laudos de órgãos ambientais que possam auferir e contatar todo o processo de degradação existente na área e os males que o referido lixão vêm causando à fauna, à flora, às águas e aos seres humanos, os quais habitam em seu contorno. O processo está disponível no site do Ministério Público Estadual de Sergipe para quem quiser consultá-lo³².

O MPE/SE solicitou informações a ADEMA- Administração Estadual do Meio Ambiente -, partindo de um parecer técnico que foi realizado na área RFA- 12452/2016-3899 em 18/05/ 2016, de fls.116/126, concluindo que,

De acordo com os dados analisados, percebe-se que o lixão vistoriado no Povoado Morena, Prefeitura Municipal de Itaporanga D'Ajuda/SE é cenário de várias irregularidades tais como: disposição irregular de resíduo sólido de diversas naturezas, a céu aberto, acompanhada de queimada de resíduo reciclável da logística reversa (pneus). Esta condição favorece a proliferação de vetores de doenças e pode causar poluição do solo, ar e possivelmente dos recursos hídricos nas proximidades, além de trazer bastante desconforto para a população local. As práticas em questão estão em desconformidade com os parâmetros da gestão sustentável e integrada dos resíduos sólidos em vigor previsto nos dispositivos da lei federal nº 12.305/2010” (SERGIPE, 2015).

Os dados utilizados pelo MPE/SE na ação são superficiais e o reflexo do grau de degradação é muito maior que o representado. Os danos produzidos por anos e anos de resíduos são de uma proporção gigantesca e o que demonstra no processo é uma

³⁰ Os resíduos coletados no município de Itaporanga d'Ajuda vão para o aterro sanitário da Empresa ESTER, uma empresa particular que compra os resíduos de vários municípios sergipanos e a produção dos resíduos continua na casa das 06 toneladas ao dia.

³¹ A desativação do lixão vem sob pressão judiciária e o município é condenado a seguir a reparação da área, “a Secretaria de Meio Ambiente diz que vai reflorestar o ambiente”. Este se apresenta até o momento desativado e sem nenhum outro cumprimento da condenação posta.

³² <https://www.mpse.mp.br/>.

superficialidade e a menção é a da possibilidade de degradação ou de poluição. Não há uma afirmação, uma certeza, do que a área onde se encontra o lixão está poluída e degradada. Partindo do pressuposto de que a ADEMA- Administração Estadual do Meio Ambiente- fez um parecer técnico, e essa ainda visitou a área e constatou as alterações, esperava-se uma maior precisão³³ nos fatos.

Mas pelo que relata o processo, a ADEMA- Administração Estadual do Meio Ambiente- produziu dois pareceres técnicos: um em 2016 e o outro em 2017. Outra vez, a pedido do próprio MPE/SE para constatar se algo tinha mudado. O parecer atesta a continuidade e o funcionamento da lixeira em pleno vapor, deixando transparecer que foi depois de ouvir os representantes do município em uma reunião que aconteceu no dia 22 de julho de 2016, que ações mais enérgicas foram tomadas. Nesta interface, outros órgãos também se somavam para fecharem o lixão: MPF, MP de Contas, os quais solicitaram o imediato encerramento e que finalizasse a movimentação de resíduos sólidos naquele local.

O segundo parecer da ADEMA- Administração Estadual do Meio Ambiente - RFA 12452/2016- fls. 118/119, assim está retratado da seguinte forma:

Assim, o lixão continua operando, desobedecendo às normas e os princípios relativos à proteção ambiental, sendo utilizados para a colocação de resíduos industriais, pneus, entulhos resíduos de auto fossa, entre outros materiais, acumulando grande quantidade de lixo no local: tais resíduos, estão depositados de forma irregular pela municipalidade e permanecem no local a céu aberto (SERGIPE, 2015).

A leitura do parecer da ADEMA pelo MPE/SE, mais uma vez, remete à superficialidade dos danos sofridos, mesmo mostrando alguns efeitos provocados pelo depósito a céu aberto, e as causas e consequências que o primeiro já relatava: “E o retrato e a avaliação do órgão de proteção ao meio ambiente aos danos produzidos pela lixeira deixam a desejar, quando se refere ao rio e as florestas”. Observa-se uma omissão por parte do mesmo, que deveria ter ou ser um substrato maior para a peça jurídica movida pelo MPE/SE. O documento apresenta também o descumprimento da Gestão Municipal em não encerrar as atividades no local e ainda deixa a transparecer que o grau de poluição e de degradação aumentou do primeiro para o segundo laudo técnico, a partir da citação de novas substâncias e resíduos colocados no local.

³³ O parecer técnico da ADEMA- Administração Estadual do Meio Ambiente consta no apêndice deste trabalho.

O que chama a atenção é a atuação do órgão de fiscalização não ter feito outros pareceres, desde que a lixeira já funcionava naquele mesmo local há vários anos. Sendo assim, é de sua responsabilidade o monitoramento do local. Foi somente a partir de uma intimação do MP, que a ADEMA passa a fazer avaliação técnica da área para substanciar a ação movida pelo MPE/SE. Sergipe tem 75 municípios, logo, não é um estado grande, sendo que o município de Itaporanga D'Ajuda fica a aproximadamente 30 km da capital, o que impede que se detectasse toda essa destruição, poluição e degradação ao meio ambiente produzidos pelo lixão anteriormente? As perguntas e as inquietudes são necessárias, pois era isso que a população solicitava em suas manifestações e que, até o momento, não foram dadas. Como mostra a ação movida, as irregularidades vêm desde sua abertura pela gestão municipal.

A ação foi aberta em 2015 e o fechamento do lixão aconteceu em novembro de 2018, ou seja, quase quatro anos depois. Isso sem contar o tempo anterior da ação em que o lixão estava em pleno funcionamento, o que comprova as fragilidades de nossos órgãos de fiscalização e a atuação, quando a referência é relacionada à natureza. Os moradores do entorno da lixeira foram de grande importância com suas reclamações e com seu poder de mobilizar para que suas vozes fossem ouvidas e o lixão tivesse suas primeiras visitas técnicas dos órgãos que deveriam fiscalizar os danos sofridos ao meio ambiente.

A ação judicial também faz pedidos (é desta forma que está na ação) para a reparação da área atingida pela lixeira: o isolamento da área por cerca; fazer campanhas de esclarecimento de coleta na população; e que se cumpra todas as determinações requeridas pela ADEMA. Porém, essas determinações não constam na peça da Ação Civil Pública, e sim no laudo técnico do órgão. A ação refere-se ao que diz o laudo e ao cumprimento da sentença de imediato. Então, observa-se uma outra fragilidade, pois deveria estar também na Ação. O fechamento no dia 22 de novembro de 2017 e que pelo que foi apresentado aqui, a lixeira passou um ano a mais em pleno funcionamento.

Figura 4 - Imagem de satélite do lixão Municipal de Itaporanga d'Ajuda



Foto: <https://mapas-earth.com/br/20/02/2019>.

Referindo-se à área do lixão no município, nada foi feito até o momento para reparar os danos sofridos ou para recuperação da área, como dizia o parecer técnico e a Ação do MP/SE. Depois de desativado, cercaram o espaço do lixão na parte da frente e agora, devem esperar para que a própria natureza possa recuperar o espaço, se nada for feito nele. Pelo contrário, não ser lembrado e a lixeira voltar a funcionar de forma clandestina. E a permanência desse fato que os moradores estão denunciando, que roubaram o portão. O local encontra-se em aberto e o lixão voltou a funcionar com menor atividade. A lixeira ainda voltou a receber novamente todo tipo de resíduo, até vestígios de animais mortos, sendo descartado no espaço, é o que vem acontecendo. Observe o que diz um dos moradores:

“Até semana retrasada, pegaram meio caminhão de papelão, a gente vendemos (morador 05)”

“ Se você for lá com o seu Celular pra você ver quantas carniça³⁴ vai ter lá e a lixeira fechou e por que está jogando este bois mortos, cavalos mortos (morador 02)”.

³⁴ Carniças são restos de animais apodrecendo. É uma linguagem popular falada por moradores tradicionais.

Figura 5- foto da lixeira voltando a depositar resíduo Figura 6- foto da lixeira voltando a depositar resíduo



Fotos: arquivo próprio novembro 2019

O lixão recebia todo tipo de resíduo: sólidos, orgânicos, de origem animal de quase sua totalidade do município de Itaporanga d'Ajuda, cuja população é de 30.414, sua área territorial é 739,371 km², com a bacia hidrográfica do Vaza Barris, e apresenta abrangência de 1.112.093,06 km². (IBGE). Um município de porte médio para o estado de Sergipe que via em quase sua totalidade ser coberta pela coleta de resíduos que era depositado no lixão (Dados da Secretaria de Meio Ambiente, 2019).

A quantidade de resíduos que chegava ao lixão causava um vai-e-vem de caminhões no espaço e no trajeto. Muitos resíduos eram descartados caídos na passagem, ficando um rastro destes resíduos. Os resíduos eram jogados sem nenhuma seleção prévia (entre os recicláveis ou orgânicos), e da forma que vinham nos caminhões eram jogados diretos no contato com o solo. Observa-se que no local existia os selecionadores ou catadores de recicláveis, que buscavam materiais para reciclagem. Esses trabalhadores separavam todo tipo de reciclável, pois no lixão havia sempre uma máquina para revirar os resíduos de um lado para o outro, produzindo cenas difíceis e ao meio de tudo isso, tinham eles, os catadores, que disputavam com as máquinas, selecionando os materiais que poderiam ser reciclados ou até mesmo os restos de comidas para que os alimentassem.

O vínculo dos catadores com o lixão era desde a retirada financeira, alimentação e até moradia. No parecer técnico da ADEMA, constata a construção irregular de moradias dentro do lixão. Eles vendiam todo material reciclável que encontravam e essas pessoas detinham um sentimento de posse do lugar. Era a sua renda e elas faziam do lixão seu local de trabalho e de alimentação. Veja alguns dos depoimentos de moradores que também eram catadores:

“Era uma fonte de renda que todo mundo trabalhava, todo mundo criticava mais era uma fonte de renda que tinha dinheiro pra todo mundo” (morador 02)

“Eu via a lixeira como se fosse uma empresa. Eu era um empresário. Cansei de ter 10, 12 funcionários, prestando serviço para mim, agora depois que o fogo, depois que o fogo atinge aí não tem como, nem você tem, nem eu tenho e não tenho condição de pagar a ninguém, queimou meu material todo” (morador 03).

O lixão público de Itaporanga d’Ajuda mantinha com alguns moradores um sentimento de destruição e com outros, o de posse, pois era considerado como uma empresa que gerava renda, trabalho e segurança financeira. Essas observações feitas, com muita clareza, pelos entrevistados que moram no povoado e que trabalharam na lixeira. Porém, eles reconhecem o problema que aquela lixeira causava à natureza, aos moradores dos arredores e a ele mesmo, mas a questão era de trabalho e sobrevivência. A que ponto o sistema dominante leva o sujeito a ser escravo de um lixão para comer e tirar sua sobrevivência misturada a todo tipo de adversidade e bactérias nocivas?

4.1.1 A Escola e a comunicação com a lixeira

O lixão mantinha uma ligação direta com a cidade e vários povoados da zona rural do município, e recebia todo resíduo produzido. A Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro também mantinha esta ligação, pois todos os resíduos produzidos em suas dependências chegavam à lixeira. Porém, um fenômeno chama a atenção: o que os estudantes sabiam sobre a lixeira? O que de concreto a escola fez para que os estudantes tivessem esse conhecimento?

Figura 7 processo de seleção de recicláveis em visita da escola



Foto: arquivo próprio maio 2018

A escola, até o ano de 2018, não inseria o tema da lixeira em aulas ou atividades interdisciplinares. Em um levantamento prévio dos professores de Geografia, História e Artes constatou-se que os estudantes só conheciam a lixeira por passar pela frente ou de ouvir falar. Naquele momento, um projeto escolar desenvolvido pelos professores dessas áreas percebeu a necessidade de os estudantes visitarem o espaço da lixeira e formularem proposituras para àquele ambiente. Eles observaram quanto o consumo produzido na própria escola afeta à natureza, e que nós, estudantes, não estamos excluídos dos agentes poluidores. Constataram-se de que a grande quantidade de papeis e plásticos produzidos na escola chegavam à lixeira. O outro dado triste é que toda a matéria orgânica produzida na escola, ao invés de alimentar uma horta escolar, é misturada com os resíduos sólidos e eram jogadas em toneis e levadas para lixeira. Diante desse fato, algo impressionante foi o choque de realidade que os estudantes sentiram, em verem que todos aqueles resíduos, e boa parte de tudo que estava ali, poderiam ser evitados. O projeto tenta chamar atenção para o consumo, numa visão da estrutura de compra e como esse consumo atua para degradar, poluir a natureza e como a escola é um agente desse círculo.

Figura 8 - Estudantes visita técnica ao lixão



Foto: arquivo próprio maio 2018

O retrato triste de como se apresentava à lixeira do município como um fato negativo que depunha contra qualquer construção ambiental de conservação ou preservação da área. Qualquer análise simples faz perceber que se fechava os olhos para o funcionamento da lixeira e que toda movimentação feita para impedir que essa retorne às atividades, barrava no argumento financeiro e os problemas se avolumando e às causas e efeitos dos depósitos de resíduos só cresciam em proporções gigantescas com sua permanência no local.

Figura 9- Entrada do lixão



Foto: arquivo próprio maio 2018

As imagens acima comprovam um pouco a proporção de resíduos na chegada à lixeira quanto a poluição e os danos provocados a natureza. O que chama a atenção na imagem é visível, de como ela é chocante e parece que a imagem representa o real, o momentâneo, o sensível, e enquanto a fumaça produzida pelo fogo, que queimavam os resíduos era altamente tóxica e prejudicavam os moradores do entorno; como aquelas pessoas que trabalhavam, catando recicláveis, e moravam no entorno e se alimentavam naquele ambiente. O visual sempre produzia um impacto e era detectado por quem passava, pois, observa-se que a lixeira é à margem da rodovia.

Além de resíduos sólidos, a lixeira recebia de forma clandestina animais mortos, substâncias desconhecidas depositadas por pessoas sem identificação na entrada. Ela era aberta e não tinha o controle de entrada e saída. Por isso, poderia ser usada para depositar qualquer coisa que era descartável, sem preocupação alguma com os danos ambientais e que tal depósito iria ocasionar, além dos já ocasionados.

Observa-se que o cerne da questão versa sobre o bem-estar humano, colocando-se acima de tudo, e da natureza, tudo que é produzido é para a sua satisfação e os demais seres vivos perdem o significado. Neste sentido,

Por um lado, a natureza foi despojada de todo valor ou significado intrínseco. Por outro, o homem foi despojado de todos os objetivos, exceto o de autoconservação. Ele tenta transformar tudo que está ao seu alcance em meio para determinado fim. Qualquer palavra ou sentença que insinuem relações que não sejam pragmáticas tornam-se suspeitas. Quando pedem a um homem que admire algo, que respeite um sentimento ou atitude, que ame uma pessoa por ela mesma, ele fareja sentimentalismo e suspeita que estão querendo leva-lo na conversa ou tentando vender alguma coisa. Embora as pessoas possam não perguntar o que é que a Lua estaria anunciando, tendem a pensar nela em termos de balística ou de milhas aéreas (HORKHEIMER, 2000, p. 105, 1006).

A relação que temos com a natureza deveria ser respeitosa e que outras forças não fossem tão poderosas, ao ponto de arrancar todo sentimento, toda a relação de seu significado tanto para vida humana como para os demais seres vivos. O sentimento adorável, amável³⁵ que se tinha da natureza torna um sentimento de autoconservação e egoísmo em retirar a riqueza em tudo e transformando-a para se autopromover. Os rios, as matas, florestas, o ar, a água que valores, o que isso teriam para nós, seres humanos? Percebe-se

³⁵ Inspirado em Élisée Reclus sobre o sentimento da natureza nas sociedades modernas e a forma de como ele descrevia a natureza natural e o seu sentimento por ela e para com ela. É sublime seu olhar pelo natural.

que o valor da riqueza, esse é maior do que qualquer sentimento pela natureza, esperando dela somente o lucro que possa vir dos seus recursos naturais.

4.2 O lixão e o rio: uma luta desleal

Ao falar do contexto ambiental que passa o território brasileiro, deparamos com cenas que beiram à irrerealidade. A produção de vários cenários complexos e inacreditáveis, tanto pelo poder destrutivo, quanto ao ponto em que estamos nos capacitando a completa destruição. Nossa destruição chega ao ponto de sucumbir a vida em prol do crescimento financeiro e industrial. Porém, toda construção por trás, reserva uma desconstrução ou um problema vindouro. Neste caso, o desenvolvimento financeiro e industrial reserva o aumento de poder de compra e, automaticamente, o consumo que gera resíduos e que tem de ser depositados em algum lugar.

O cenário é de pouca alteração para melhor, mesmo com a sociedade cobrando mudanças drásticas nos espaços que recebem os resíduos. Porém, do outro lado da ponta, o consumo vem aumentando mais e mais e o jogo de mercado é posto, diuturnamente, pelos meios de comunicação de massa. Os governantes atuam diretamente para aumentarem o poder de compra. Logo, se tem aumento de um lado, os descartes têm que ser depositados, seguindo à proporção de quanto mais aumenta o consumo, mais aumenta o descarte. E enquanto isso acontece, a natureza vem sendo atacada diuturnamente.

Em Itaporanga d'Ajuda esse depósito era um lixão às margens de uma rodovia no meio de uma área de Mata atlântica e na nascente de um rio. Todas as produções desses resíduos foram jogadas por décadas neste espaço. A cena é um contraste, uma área exuberante, um verde belo da Mata Atlântica com suas folhagens verdes, contrastando com o multicolorido dos plásticos, o cinza da mistura de resíduos e de vários outros objetos. O lixão foi sendo empurrado para dentro da mata, e a cada dia adentrava um pouco mais e mais; empurrados por tratores, sem contar que neste início também tinha o rio que sua nascente estava a poucos metros e, aos poucos, também foi engolido por essa avalanche de entulhos que eram empurrados.

Figura 10 Resíduos espalhados pela Mata



Foto: arquivo próprio maio 2018

A área devastada é enorme e por toda parte encontra-se resíduos sólidos de diversas composição, desde as mais tóxicas como as usadas na construção de televisores e computadores, como restos de comida. Porém, o que chama a atenção é a naturalidade das pessoas para com o lixo, pois, nas entrevistas quase a natureza não era vista. Parece que a floresta, o rio, o solo, toda a degradação produzida não existia. O foco total era os seres humanos e o mal causado ao homem. O contexto ambiental fica relegado ao plano secundário e o que impressiona é a invisibilidade perante aos olhos e os acontecimentos que, só começam a ter visibilidade pelas pessoas que estão sentindo os efeitos dos problemas provocados pela degradação e pela poluição. Quanto à invisibilidade, também acontece com os órgãos de proteção ao meio ambiente. É um momento que há um esquecimento das leis ambientais em que esses órgãos deveriam intervir. O desconhecimento parte do visível: a lixeira, a mata e o rio, todos estão logo ali, mas não são vistos. É o mundo da vida, e é justamente aquilo que nos cerca. Enquanto isso, a grande questão é que nos afeta de forma a “precarizar” o entorno de nossas vidas.

Figura 11 Contraste entre o Lixão e a Mata



Foto: arquivo próprio maio 2018.

Figura 12 Contraste entre o Lixão e a Mata



Foto: arquivo próprio maio 2019

Neste sentido, quando perguntados aos estudantes da Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro se conheciam a lixeira, a mata e o rio, as respostas versam sobre uma transversalidade de aparência, só de passar pela frente, porém, sem muita importância, quase inertes a todo o problema. O lixão lhe causava uma preocupação, mas a mata quase era invisível e o rio era desconhecido, pois ninguém sabia de sua existência. O que era visto por todos e todas era o incômodo do depósito de resíduos, e a palavra mais utilizada aludia sobre a vida humana e os problemas que poderiam acontecer. Em sua totalidade, os estudantes nunca tinham entrado na lixeira antes da escola promover uma visita ao ambiente. Veja alguns depoimentos:

“Só passo pela frente” (estudante 06).

“Rapaz lá dentro nunca não tive lá dentro, para saber se tem um Riacho não vi não”. (estudante 01).

“Ali naquela mata? Nasce um rio? Então deve estar todo poluído”.
(estudante 02)

A escola parecia estar inerte a todos os problemas sofridos a mata, ao rio e a população vizinha a lixeira. E os projetos, os conteúdos ministrados nas aulas nunca deram conta de trabalhar esses problemas em questão. Hora de mudança, a escola começa

a estudar, a se interessar, a trabalhar às questões ambientais e os problemas provocados pela lixeira que ainda persistem, haja vista ela já ter sido oficialmente fechada. A observação e a presença se faziam necessárias para quebrar paradigmas e se reconhecer como sujeito ativo, para que, inúmeras questões apareçam em suas mentes e novas formulações fossem capazes de entender o processo consumista que vive o mundo e como isso interfere nas transformações ocorridas na natureza.

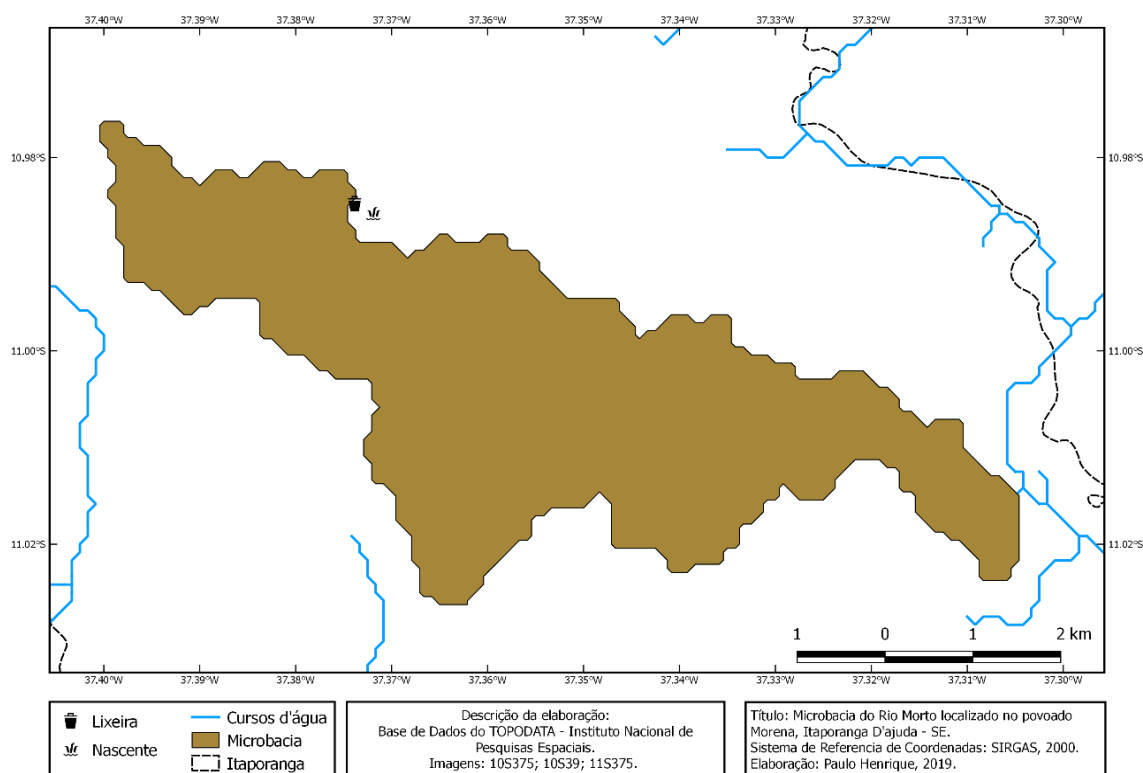
Os órgãos ambientais e de fiscalizações tinham conhecimento ou deveriam ter esse conhecimento para monitorarem o território e de responsabilizarem o município por todos os danos provocados e impedi-lo de praticar tais atos contra o meio ambiente na lixeira, a partir do que diz a legislação. Porém, eles preferiram silenciar e ir deixando acontecer; e o lugar que era jogado todos os resíduos, tinha uma visibilidade enorme, só ver a foto acima às margens de uma rodovia. O encontro entre a escola (estudantes) e a lixeira serviu para construir uma ponte entre o que era imaginário e a realidade. Isso porque a lixeira sempre era vista de fora, ao passar na rodovia. Então, a lixeira, a mata e o rio agora tem outro contexto para eles. E tentar entender o porquê é tão difícil a legislação ser cumprida neste país, quando se trata da natureza. Quanto mais, essa relação entre o econômico e o natural.

A legislação ambiental brasileira tem como pressuposto proteger as nascentes dos rios, as matas ciliares em todo território brasileiro, no entanto, em Itaporanga d'Ajuda isso não foi possível, devido à construção do lixão dentro desse município que foi efetivado na nascente de um rio conhecido, atualmente, como "Rio Morto", e destruindo toda a mata ciliar ao redor de sua nascente. O espaço, onde o poder público municipal reservou para o depósito dos resíduos, desrespeita toda legislação ambiental quando se trata dos mananciais, logo onde o rio nasce, depara-se com um lixão instalado. O desrespeito ao direito ambiental é visível. A fonte e berço de um lençol freático superficial em que se permitiu instalar um grande lixão a céu aberto. A área, onde o lixão foi construído, tem um poder destrutivo muito grande e cria um conflito gigantesco com a população residente naquele local, infringindo todas as regras de regulamentação para construção. Assim,

O direito ambiental não é apenas o conjunto de normas que asseguram o uso controlado da natureza, mas de regras que regulam os interesses em conflitos em torno das estratégias diferenciadas de apropriação dos recursos, onde se inscrevem os direitos territoriais e culturais dos povos (LEFF, 2008, p. 366)

Este rio faz parte da Sub-bacia da Bacia do Rio Vaza Barris. É um rio de água doce e atravessa três povoados em seu curso e vem sendo utilizado pela população desses povoados. O uso da água é feito para os animais, banho, pesca ou lavar roupa. Depois do lixão, a população quase não mais utiliza a água para consumo. Os povoados são servidos de água encanada de poços perfurados e distribuídos pelo município, mas ficaram os depoimentos dos moradores nas entrevistas, relatando casos de pessoas que passaram a adquirir doenças pelo corpo, após se banharem nas águas do rio, e foram tratadas pelo serviço de saúde do próprio município.

Figura 13 Mapa representando a microbacia do Vaza Barris e lixeira



Fonte: Paulo Henrique N. Santos

De forma direta, o local onde o lixão está retirando o direito dos moradores usarem os recursos naturais, como é o caso da água do rio, o direito da pesca, e de se banhar. A comunidade existe há muito tempo nesta localidade. Com a construção do lixão, submete-se a população a mudar toda a sua rotina e a conviver com todo o processo de contaminação que vem junto com o lixão. Relatos dos moradores dão conta que eles ainda bebem da água do rio e pescam, vejam:

“Nós bebia água. Nós bebia agua desse riacho”. Nós não sabia.”
(morador 03)

“Tem lá um rio, tem lá um rio que lá, ainda hoje tem lá ainda o rio. Cheio de pé de bananeira, junto do capim aí eu tenho experimentado a água lá é bom ... Água boa! Chega tava geladinha é assim mesmo que vai...”

“Pesco lá uns peixinhos, passa o dia todo lá mesmo eu como e traz uns peixinhos para a gente comer”. (morador 05)

É difícil de entender como os órgãos ambientais liberam uma área, que tem uma nascente de um rio com um lençol freático aflorando para a instalação de um lixão. Neste contexto, ao se apropriarem e, do mesmo modo, direcionando o direito de uso de todo espaço para o depósito. As máquinas que reviram e enterram esses resíduos, essas vão adentrando na nascente enterrando, o que impede a água de brotar no seu curso natural. É tanto que a nascente já mudou de lugar, pois o primeiro ponto onde ele nascia já foi aterrado e o rio passou a nascer em outro espaço mais abaixo.

O município de Itaporanga d’Ajuda não apresenta às licenças ambientais dos órgãos competentes para construção do lixão. Se ele não dispunha dessas licenças ambientais, pode-se dizer que é um lixão clandestino, sem autorização legal para funcionar. Na ação movida pelo MPE/SE não tem a documentação de licenciamento para o seu funcionamento e a ação só refere-se à impossibilidade dele está funcionando e, menciona o seu fechamento, somente.

Foto da antiga nascente do rio que foi aterrada pelas máquinas que estão dentro do lixão, revirando e aterrando os resíduos, impressiona a quem vê. E em seu lugar, algumas árvores e o leito seco.

Figura 14 Antiga Nascente do Rio



Foto: arquivo próprio maio 2018

O parecer da ADEMA- Administração Estadual do Meio Ambiente-, também torna invisível o rio. Nele, não encontramos nenhuma linha que caracteriza a poluição do lixo, pouco menos que ele está sendo aterrado e que sua antiga nascente está dentro do lixo. Ele está logo em frente, a menos de 100 metros. Isso porque seu nascedouro foi aterrado, e no parecer técnico só faz referência a possível poluição das águas subterrâneas. As fotos também tiradas pelo órgão, também não existe o rio. O rio está sendo morto, várias vezes, e tentado a levar o esquecimento, fazendo de conta que ele não existe, até mesmo para os órgãos ambientais.

Figura 15 Curso que secou por conta da mudança da nascente



Foto: arquivo próprio maio 2018

O rio vai se distanciando, e por conta da lixeira, a nascente vai sendo aterrada e ele busca um outro lugar para brotar. Hoje é a realidade em que se encontra o rio morto. Como vemos nas imagens acima, a nascente está dando lugar a espécies vegetais, como bananeira, capins, dentre outras.

Figura 16 Nova nascente do Rio



Foto: arquivo próprio maio 2018.

O conhecimento das ciências ambientais auxilia os órgãos ambientais municipais, estaduais e federais, os quais servem para diagnosticar e de fazer cumprir as legislações, oferecendo suporte metodológico e pareceres técnicos, produzindo peças importantes, na tentativa de impedir desastres ambientais com a atuação no controle e prevenção. No caso do lixão de Itaporanga d'Ajuda, tais procedimentos técnicos não foram úteis para barrarem às alterações e os problemas ambientais ocasionados pela lixeira. Desta vez, a força vem da população, claramente é visto no processo. Quanto ao órgão que produziu esse parecer, precisa ser intimado para fazer o que deveria ter sido feito antes ou depois da instalação do lixão, impedindo todas as transformações provocadas.

Pode-se afirmar que os órgãos ambientais não foram objetivos com a complexidade dos problemas ambientais e, em momento algum, tentou desativar o lixão, usando os preceitos constitucionais que os regem, e ao invés disso, permitiram que todas as transformações acontecerem com a lixeira municipal. E pelo que consta, não há vistorias nem denúncias formais pelos órgãos ambientais, ao judiciário ou aos Ministérios Públicos. O que denota é a completa falta de compromisso de atuar, perante a preservação da natureza em uma área de completa vulnerabilidade ecológica e social. Todos os problemas ocasionados não são vistos, e esses parecem que são levados ao ostracismo da realidade e ao esquecimento. Fechar os olhos para esse tipo de problema é uma prática corriqueira, e aos poucos, espaços como esses ficam inutilizados, vidas são extintas, rios são aterrados, e por fim, matas são derrubadas.

O sociólogo Henrique Leff traduz muito bem essa preocupação com a crise ambiental e a nostalgia pelo afastamento do amor do ser humano pela natureza, produzindo um fenômeno somente de uso e posse, escamoteando a realidade e deixando cegos alienados por uma realidade do progresso. Assim,

A crise ambiental é sintoma do desconhecimento do real. Este desconhecimento não é resultado da alienação do mundo por seu caráter enigmático ou pelo encobrimento das ideologias de uma realidade que o progresso da ciência iria tornando cada vez mais objetiva e transparente. A percepção da complexidade do mundo é restringida não somente pelos paradigmas de conhecimento sustentável que desviou o conhecimento da biodiversidade para o terreno de sua impossível valorização econômica, que leva o conhecimento da vida para o projeto de codificação econômica do mundo e suas estratégias de sequestros e apropriação da natureza. É um estado de sítio do pensamento que não dá lugar ao ser (LEFF, 2008, p. 376,377).

A razão instrumental do filósofo Max Horkheimer tomada pelos problemas provocados por um sistema perverso que só vê o lucro acima de tudo, e chega a operar com todos os artifícios lógicos para conseguirem seus desejos. Esses são os mesmos que expõem os seres vivos de determinados espaços a completa vulnerabilidade e exclusão. Não há um sentimento, uma percepção do lógico, a destruição que está causando a transformação, e produzindo uma cadeia de mudanças em todo ecossistema daquela área não é natural, e sim é um produto sistêmico que afeta todo um ecossistema e produz inúmeras mudanças e somas problemas e perdas incalculáveis.

A área onde foi colocada a lixeira vem sendo alterada todos os dias, e isso é visível, o que torna uma luta desleal de sobrevivência do rio para com a lixeira e dos moradores do seu entorno com a vida. Sabe-se que não pode conciliar a permanência de ambos neste mesmo local. O rio recebia/e a maior carga de destruição advinda da lixeira. O chorume que escorria de rio abaixo matava os peixes, os camarões, deixando a água sem oxigênio e vidas sendo ceifadas. O rio que se banhava, que outrora lavava roupa, que matava a sede das pessoas e dos animais, agora a realidade é outra. Um rio esquecido, no transcorrer do seu percurso, muitas pessoas nem sabem que nasce, que tem vida dentro dele, o que pensam as pessoas que moram às margens do seu curso e não sabem do fato, e elas utilizam das suas águas sem saberem onde elas nascem. E como avisar que esse tempo todo que as águas que elas utilizavam vêm de sua nascente, que é na lixeira.

A degradação ambiental produzida na lixeira provocou mudanças profundas no meio ambiente, fruto tanto dos resíduos sólidos, como do líquido que escorria do material que degradava e adentrava no lençol freático e, superficialmente, para dentro do rio. O

processo que sempre foi devastador, desde a sua fundação, contava com um fluxo diário de caminhões levando todo tipo de resíduo que era depositado naquela área e sem preocupação nenhuma, e assim era tido, como na perfeita naturalidade e ordem. O rio era um receptor e diluidor dos fluidos que vinham do lixão e escorriam naturalmente em suas águas até o Rio Vaza Barris e com um fluxo muito grande de pescadores e marisqueiras que se alimentam e comercializam dos seus pescados. Logo, o rio é um receptor.

Esse processo de degradação e poluição do meio ambiente que acontece na lixeira do povoado Morena foi e continua sendo devastador. Mesmo com a lixeira fechada, essa ainda continua recebendo resíduos de várias procedências, clandestinamente. E os impactos, mesmo em proporções menores, vem acontecendo somados ao completo abandono, que é um desrespeito a população e aos seres vivos que habitam naquela porção de terra. O rio que com suas águas matavam a sede de animais e pessoas, embelezava a mata, tinha sua função de alimentar outro rio, hoje completamente poluído. A natureza clama por uma outra racionalidade, que seja diferente da que a vê no poder da poluição. Sabe-se que é possível, e não adianta tirar de um local e colocar em outro, pois é preciso construir novos paradigmas e o respeito à natureza é a fonte de uma nova construção ambiental.

4.2.1 - Um rio e uma Mata invisível: uma luta para serem vistos

O lixão rouba a cena em uns dos cenários exuberante em Itaporanga d'Ajuda. Eis um resquício de Mata Atlântica e por dentro dela um rio que nasce nesta divisão. Adentrando o lixão, percebe-se que toda a visibilidade se dá ao problema ocasionado pelo depósito dos resíduos. Toda aquela montanha de entulho rouba a beleza da floresta e de seu rio. Esses passam imperceptíveis. Enquanto isso, no foco de luta pelos moradores, pouco é mencionado a preservação da floresta e do rio.

A variedade da flora e da fauna é enorme. Os animais sofrem com o efeito do lixão, pois eles vão buscar restos de comida e acabam morrendo, em decorrência das substâncias tóxicas e restos de comida enrolados em sacolas plásticas. Em torno do lixão, a floresta está presente. Então, é uma rota de passagem de animais. É um processo que sempre está em movimento, pois, dentro da floresta também havia construção de barracas para moradia ou descanso das pessoas que ali trabalhavam ou sobreviviam das sobras de alimento depositados.

A invisibilidade que era levada ao rio e a mata é fruto da racionalidade econômica que transformou o meio como ambiente propício para o depósito de resíduos, maquiando toda uma conjuntura de proibição ambiental, exponenciando como o lugar propício para o depósito, sem analisar o contexto da degradação e desconfiguração daquele ambiente. A decisão de implantação da lixeira naquele ambiente foi um ato arbitrário da gestão municipal da época. E como não existe um parecer dos órgãos ambientais, e tudo leva a crer, que a ação foi apenas de acomodação de localidade, pois anteriormente existia outra lixeira a pouco menos de 500 metros em terreno particular. Como mudou a gestão municipal, também afetou as confluências políticas. Dessa forma, os donatários da posse do poder mudam os terrenos e seus donos, é assim que surge a lixeira neste ambiente cercado por águas, árvores e casas de moradores.

4.3. O poder que deveria emanar das vozes: sofrimento, poluição e angústia

A comunicação é uma ferramenta muito utilizada pelo homem em busca de se diferenciar de outros seres vivos e até dele mesmo. A comunicação que se afirma aqui é de forma oral, é a que permite a sociabilidade entre os homens. É como se a vida social dependesse de ações comunicativas entre os membros de determinada organização social. Além disso, a comunicação, enquanto ação, é a que permite a resolução de problemas. Entre as instituições da vida pública, como a escola, o MP, a mídia, partidos, organizações civis, dentre outros, esses estabeleçam diálogos para a resolução consensuada de problemas que afetam determinadas comunidades. Em outras palavras, além da voz das entidades e instituições externas, é preciso também fazer a voz da comunidade ecoar. É preciso despertar a consciência do mundo da vida e de dar voz aos seus problemas. Em nosso caso, tratar de questões ambientais. Porém, este artifício não tem o mesmo poder igualitário para todos os seres humanos. Isso porque ela não vem somada somente com a arte do diálogo, pois o poder aquisitivo vem junto. Os donos do capital, mesmo sem estarem presentes, suas expressões têm um peso enorme nas decisões tomadas, sejam esses, políticos, empresários ou quem em nome delas os representem. Não há um diálogo, em muitos casos, o que impera são as ordens emanadas por eles e a obediência do outro lado.

Este poder é invisível, fruto da força do capital, sucumbindo outras vozes que tentam ser ouvidas, vêm do poder das organizações econômicas, que detém também o

poder da mídia. No Brasil, são ligadas aos grupos oligárquicos e aos políticos. É notório que a classe trabalhadora, os povos tradicionais, estudantes fiquem sem serem ouvidos, pois, suas vozes são aprisionadas pela força do capital, tornando-se silenciadas e sem poder de elevar sua visão para além de suas redondezas. Mesmo com tais adversidades, essas populações vêm buscando mecanismos para serem ouvidas na tentativa de quebrar barreiras impostas para calá-las.

A criação de expressões que leve sua ideia, sua racionalidade, sua visão ideológica para outros horizontes é feita à força. Este mecanismo ultrapassa as barreiras impostas e é conduzida pela libertação, emancipação do sujeito consigo mesmo, e com o outro. As vozes rompem tais barreiras, e não são de um único sujeito, e sim de um conjunto que tem o mesmo propósito e que consegue levantar-se contra toda opressão midiática que é colocada sobre eles. E sem ainda mencionar da aula de democracia executada naquele momento, sendo capaz de chamar a atenção de outros sujeitos que escutam ou presenciam os acontecimentos (ADORNO, 1995). Essa perspectiva lançada por Adorno é fruto do sujeito se reconhecer, e de se romper com as amarras, construindo uma formação diferente, um ser distinto e sendo capaz de levar juntos todos os outros sujeitos.

As comunidades vêm se organizando para poderem ser ouvidas em suas reivindicações e serem respeitadas no tratamento com a coletividade. Os moradores do povoado Morena em Itaporanga d'Ajuda, pelo fato de não suportarem mais os problemas ocasionados pela lixeira, eles conseguiram um feito de mobilizar a sua comunidade e de dar voz a cada um, traçando as estratégias que iriam ser usadas para que eles fossem ouvidos e respeitados nas suas reivindicações, em relação aos efeitos perversos que o lixo causava a todos e todas daquele povoado e aos circunvizinhos. Eles ganharam tanta força que a organização do movimento não era liderada por um sujeito, eles não monopolizavam as falas, apenas queriam ser ouvidos e de abrirem o campo de negociação.

O fato de serem comunidades rurais tradicionais, afetadas pelos resíduos depositados, os moradores e estudantes aplicaram o conhecimento adquirido com a vivência em comunidade para juntos articularem para o fechamento do lixão, fazendo com que suas vozes fossem ouvidas. Várias lideranças das comunidades se uniram, estudaram, planejaram e tentaram organizar grandes protestos para fecharem o lixão. Por duas vezes, a via de acesso a lixeira foi fechada por manifestantes, reivindicando alguma providência dos poderes públicos, tanto relacionado aos danos causados à natureza como

as pessoas que residem nas proximidades da lixeira. Relatos dos moradores apontam que uma das vezes a entrada da lixeira foi fechada por eles, por mais de cinco dias. Eles também queriam chamar atenção dos moradores de todo o município e de outras cidades, dos órgãos fiscalizadores e ambientais. Os caminhões carregados de resíduos foram impedidos de entrarem no lixão e, conseqüentemente, não havia coleta por eles. Relatos dos moradores:

“...foi através do fogo que a lixeira pegou fogo e a gente não aguentava mais a fumaça, o mau cheiro e o odor. Por isso, ninguém tomava providência para vir apagar o fogo, a gente resolveu fazer a manifestação para poder eles se manifestarem também e tomarem providências”. (morador 01).

“...quando tocavam fogo aí, inclusive tiveram que fazer uma manifestação porque tocaram fogo aí ninguém sabia. Fulano tocou fogo, mas ninguém dizia quem era. Aí você chama o bombeiro, e o bombeiro não vinha, porque é distante de Aracaju, não vinha. Aí da última vez tocaram, chamaram, ficaram uma semana o pessoal aí na pista para o caminhão do lixo não entrar e fumaça”. (morador 04)

A articulação se dá a partir da iniciativa dos próprios moradores. Eles se articularam em uma tentativa de chamar a atenção dos poderes constituídos: o executivo, o legislativo e o judiciário. No âmbito municipal, estadual e nacional, denunciando as condições de vulnerabilidade dos seres humanos e da natureza com as constantes queimadas dos resíduos depositados naquele espaço, com os tratores revirando os resíduos e as constantes concentrações de insetos vindos do lixão. Em relatos dos moradores e estudantes do entorno da lixeira, constatam-se que os mesmos adquiriram uma boa formação ambiental e um conhecimento sobre como preservar o meio ambiente. Relatos como esses de:

“Rapaz, o sentimento de mau trato com a natureza, matança com a natureza, destruindo a natureza por causa de uma lixeira”. (morador 01).

“Ali é um negócio muito estranho... No meu ponto de vista não era para tá ali, aquela lixeira ali. Ali causa muito impacto ambiental”. (estudante 04)

Os danos causados à natureza e, conseqüentemente, aos seres humanos, ao lençol freático, as águas superficiais, a fauna e a flora, produzem argumentações para fazerem uma resistência dos moradores do entorno, sendo esses problemas ocorridos são resguardados pelas legislações ambientais como, os danos a natureza e que impedem construções deste tipo, em ambientes de preservação. Assim, virou-se uma arma para os moradores usarem nas suas falas como argumentação e a cobrança para que as autoridades

mencionadas retirassem a lixeira daquela área. Percebe-se nas entrevistas que o poder da argumentação é simples, mas com uma força de vontade enorme quanto ao prejuízo que trazia para eles e, neste sentido, eles focaram para manter o movimento vivo e que fossem ouvidos.

A percepção é que os movimentos ganham forças e que as frentes de batalhas vão lograrem êxito e que deverão ser ouvidos. Assim, LEFF, em o *Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*, coaduna a sua visão para exemplificar esse poder e como os povos conseguem se expressar de forma direta, com o objetivo de lutar pelos eixos descritos e relacionandos em vários pontos de seus livros. Mesmo sendo pessoas sem conhecimento formal e científico, essas conseguem interferir e de terem uma mudança através da realidade imposta. Contudo,

toda prática envolve uma forma de atividades cognitiva. O saber intervém em toda s as práticas sociais, culturais simbólicas, produtivas. No saber se inscrevem, se articula e se expressam processos ecológicos e culturais, econômicos e tecnológicos. Ao mesmo tempo, o saber gera sentido que mobilizam os atores sociais a tomar posições diante do mundo, definir suas identidades e projetar suas utopias (LEFF, 2008, p. 279).

Os saberes tradicionais foram usados para desencadear os manifestos feitos em público, como o fechamento da lixeira, como também a “ação civil de responsabilidade por danos causados ao meio ambiente, com concessão de medida liminar, cumulando de fazer e de não fazer” (SERGIPE, 2015), responsabilizando o município pelos danos provocados à natureza e aos seres humanos. Assim,

Em 10 de setembro de 2015, o Ministério Público do Estado de Sergipe instaurou procedimento administrativo sob o nº 20.15.01.0047, tendo em vista a existência de inúmeras reclamações formuladas que noticiavam a existência de inúmeras irregularidades junto a Lixeira, situada no Povoado Morena, nesta urbe, como a finalidade de apura-las e equaciona-las (SERGIPE, 2015).

O MPE/SE começa a ouvir a população do povoado Morena. Isso ocorre, depois de uma manifestação que durou 05 (cinco) dias. A organização, por parte dos moradores, foi um ato de conhecimento do saber ambiental e de intervenção que geram e dão sentido a mobilização de várias pessoas há se articularem para o mesmo propósito e finalidade, que é o de defender a natureza e a vida no seu espaço. As manifestações não somente tiveram o caráter humanitário, pois o fator ecológico foi muito mencionado nas reivindicações

dos moradores. E a visão do todo foi explicitado, de como era uma defesa da vida, dos recursos da natureza, nos quais a mata, o rio, o lençol freático e os animais foram também lembrados. No entanto, o foco principal eram os problemas ocasionados a vida humana.

Os moradores começam a ter identidade e ser parte no processo de autonomia. O movimento parte das pessoas com mais idades, no caso os chefes de famílias, e no movimento, a relação entre os sexos era mista e por faixa etária. Porém, a iniciativa parte da necessidade de salvar as gerações e o espaço de sobrevivência. A participação de toda a comunidade faz com que os menores aprendam com os mais velhos e que os saberes sejam repassados. A defesa vem da necessidade e se amplia a partir do momento de os moradores perceberem que podem não somente vencerem, e sim através do poder de convencimento, eles convencerem de que suas necessidades podem ser ouvidas.

A força do ato deu aos moradores o poder da comunicação. Sendo assim, eles perceberam que suas vozes podiam chegar mais fortes, principalmente com os poderes locais e ter uma visibilidade maior. Assim, a partir do momento que eles perceberam que podiam ser ouvidos, fechando a via de ligação (no caso a rodovia), do exemplo do lixão, eles constroem outros atos da mesma magnitude, reivindicando outros direitos como: por falta de água na comunidade ocasionou o fechamento da unidade escolar do povoado. A comunidade do povoado Morena começa a construir outros mecanismos de comunicação para que seus anseios cheguem às autoridades ligadas ao estado e o direito de reivindicar, para que os problemas da comunidade sejam discutidos com eles e decididos coletivamente.

Observa-se que os moradores elegeram às manifestações como forma de serem vistos e ouvidos, seguindo uma tática que deu certo no problema da lixeira. Eles criaram um mecanismo de chamar a atenção e serem atendidos em suas reivindicações: “Os mecanismos configuradores da ordenação social não se encontram, pois, disponíveis diretamente na consciência nem na vivência imediata dos participantes de uma interação” (HABERMAS, 2012, p. XXVI). É um processo de evolução social que é adquirido pela crise vivida pelas pessoas que sofreram da ação direta da lixeira. Todo este contexto faz com o que o mundo da vida aflore entre eles e desencadeiem tais manifestação em busca de abrirem o diálogo entre os órgãos e a comunidade. O propósito era de se chegar a um consenso de que a lixeira é um mal, não só para os moradores, a mata e o rio, e sim para a vida, para a imagem do município e para a natureza. Assim, aqueles moradores que se organizaram em manifestações, desejavam que as suas angústias fossem compartilhadas

com todos do município, do estado e que as autoridades fizessem alguma coisa pelo que a lixeira representava.

A organização, o movimento e a tática que a população afetada usaram para se comunicar com o externo, cria um caminho de libertação social e das amarras montadas para calarem as suas vozes. O mecanismo de denúncia da interação de crise social baseado em mostrar a presença na construção de ações que levem a público às dores, os impactos ambientais e o abandono do poder público para com a natureza e a descaracterização de toda área, criou um impacto que faz com que os poderes constituídos abram o diálogo e o mesmo fosse ampliado em termos de opinião pública. Os moradores, taticamente, levaram muita gente a se preocupar com a natureza e, conseqüentemente, a defender o espaço e a acusar o estado pelos problemas causados pela lixeira. O apoio das pessoas, mesmo tendo a via impedida de transitar no local, consideravam justa a manifestação das pessoas pelos problemas ocasionados.

Neste contexto, HABERMAS discute que há uma distinção entre o grau evolutivo e a patologia nela existente são alguns dos pontos que podem desencadear tais movimentos. Assim, segundo Habermas:

ambos aparecem somente em dois momentos: quando se trata de avaliação o grau de evolução de uma sociedade e quando tentamos explicar crises ou patologias nela presentes. Aí topamos, por assim dizer, com dois tipos de crise de integração social, quando o que está em jogo tem a ver com a autocompreensão dos atingidos; e crise sistemáticas de controle acessíveis apenas a uma observação neutra. O importante é que cada tipo de crise só se revela em uma determinada perspectiva, que permite descobrir aspectos diferentes da mesma sociedade: quando se toma como fio condutor da análise de uma sociedade, a integração social faz emergir o conceito de mundo da vida que subjaz implicitamente nas estruturas do agir comunicativo. E quando se analisa a integração por via do sistema manifesta-se sequências de ações conectadas funcionalmente mediante o conceito de sistema mantenedor de limites (Id, 2012, p.XXVI).

As experiências subjetivas construídas pelos moradores do entorno da lixeira fazem com que o mundo da vida trabalhado por Habermas se destaque e torne parte de sua tese, como argumentação racional das lutas para serem ouvidos e que o diálogo possa construir um entendimento para o fechamento da lixeira. O processo de construção de reconhecimento de suas experiências e produção de argumentação e orientação das falas, a partir de um conjunto de vivências construídas no decorrer do contorno avaliativo pelo que vem passando, desde a implantação da lixeira naquele lugar.

O processo se completa no uso da avaliação e da linguagem para a edificação do mundo da vida. Esse mundo aparece como um reservatório de conhecimento que vem das práticas e experiências dos moradores do povoado Morena que veem no seu dia-a-dia que se implementa ao capacitar, abastecendo de um estoque de conhecimento e convicção de que é possível de negociar novas formulações, que é a forma do discurso do convencimento (HABERMAS, 2012). Trabalhando com este viés (MARTINO e MARQUES, 2016.) conceituam o que é mundo da vida, e se produz uma sustentação, com mais intensidade para confirmar que as manifestações dos acontecimentos sejam ouvidas e entendidas como um espaço de compartilhamento das experiências vividas pelos moradores ali, reivindicando o seu espaço de origem. Os moradores dos arredores do lixão baseiam-se em um tom do mundo da vida. Assim,

O “mundo da vida” é o mundo edificado nos/sobre dados na forma de signos e significados apreendidos pela consciência intersubjetiva, que neles encontra a matéria-prima das interpretações que efetivamente vão constituir a experiência de vida, o “mundo vivido”. Não há “mundo da vida” sem significados; não há “mundo da vida” sem comunicação (MARTINO e MARQUES, 2016., p. 107)

Os moradores do entorno da lixeira compreenderam muito bem o que tinham que fazer em uma tentativa de mudar o cenário vivido, desde a implantação da lixeira naquele ambiente. Eles até detinham o conhecimento adquirido com sua vivência por muitos anos sobre os problemas enfrentados. Porém, como externar isso, era o mais difícil, parecia que ninguém os ouviam. Os canais de comunicação eram cortados por força da racionalidade econômica, o que aprisionavam às suas vozes. Deste modo, eram ouvidas apenas pelos seus pares dentro da própria comunidade, funcionando como uma formação entre eles. As reclamações eram compartilhadas, juntamente com as suas angústias, ou seja, a comunicação era para dentro.

Eles precisam ecoar, falar o que estavam sentindo, e contarem com mais sujeitos dando apoio. Enquanto eles expressarem às suas experiências, fluíram o que antes era o conhecimento da consciência subjetiva construída com o sofrimento e a conversação entre eles. Todo este processo era para mostrar a todos cada experiência vivida, às situações cotidianas sofridas por cada um. Assim, informando que eles estavam prontos para denunciarem todo o sofrimento vivido e o que cada um buscava na sua consciência, a liberdade de expressão e que os demais compreendessem o seu sofrimento, e o que cada um estava passando com as transformações provocadas pela lixeira.

Eles acreditavam no poder do diálogo, precisavam ser ouvidos. Mas, como suas vozes de camponeses, pessoas simples, podiam ecoar tão alto para que, uma multidão os escutassem e olhassem para o sofrimento do que estavam passando. Havia de ser algo impactante, que pudesse chamar a atenção e, ao mesmo tempo, abrir espaços para a fala, que pudessem falar, tentarem convencer que a luta não deveria ser só deles e que outros sujeitos viessem a se somar a causa da preservação da natureza, na qual eles faziam parte e que, aos poucos, todos estavam adoecendo com toda aquela poluição.

Não foi fácil, porém toda a situação vivida não dava mais para suportar e que de alguma forma, o caminho era produzir uma revolução, na qual as vozes ecoassem, mostrando tudo de perto a todos e todas que passassem e observassem o quanto era danoso aquele amontoado de resíduos produzidos pelos seres humanos, e que, homens e mulheres estavam denunciando àquela situação e a forma como a natureza estava sendo tratada. Contudo,

a perspectiva ambiental não só propõe a incorporação de novas demandas das reivindicações e das formas de organização política tradicionais, mais uma complexificação e ressignificação das demandas da cidadania emergente. Surge assim a questão da capacidade dos movimentos ambientais de conduzir estas demandas sociais dentro de uma racionalidade alternativa de seu potencial mobilizador para construir novas formas de convivência relações políticas e organizações produtivas frente à racionalidade econômica dominante, aos seus interesses e inércias institucionais, que buscam dissolver o ambiente nas estratégias da globalização econômica (LEFF, 2008, p. 110,111).

As demandas surgem a partir das necessidades de se constituírem detentores das ações em meio à conformidade de um e o agir do outro. Porém, todo sofrimento, os vetores de doenças e processo de contaminação pelo ar, pelo solo e pela água que a lixeira produzia, fazem com que o movimento ecloda no povoado Morena e uma ressignificação das demandas daquele povo. A visão de construção da racionalidade alternativa do potencial mobilizador, discutida por Henrique Leff, se encaixa perfeitamente na experiência vivenciada no povoado.

Toda a luta tinha um propósito: a convivência harmoniosa com a natureza, devolvendo os recursos naturais vitais para a sobrevivência dos moradores. Para muita gente, a situação-problema vivenciada pelos moradores parecia aceita e dominada, não existia mais nada a fazer. Porém, uma fagulha faz com que tudo se acenda na lixeira e na população.

Um fogo surge do nada, tocado na lixeira, em que a fumaça tóxica se espalha e invade as residências, deixando o ar irrespirável aos arredores e é, neste momento, que a resistência surge, se o povo não aguenta mais de tanto sofrimento e é exatamente partido desta fagulha, que os sujeitos percebem que podem mudar a situação e alterar toda a conjuntura. É a partir da tentativa de quebrar a inércia do poder público, dos órgãos ambientais focam neles, e daí já sabem, que a lei deve ser cumprida e, rapidamente, as estratégias são montadas e utilizadas no dia seguinte. A forma de atuação foi discutida entre eles. O movimento explode e ecoa em suas vozes, constituindo um belíssimo movimento, no qual se conclui, mais tarde, com o fechamento da lixeira.

4.3.1 O hoje, o ontem: Para a lixeira do povoado Morena

A implantação da lixeira no povoado Morena no município de Itaporanga d'Ajuda trouxe e trará uma consequência danosa para toda àquela área, por muitos e muitos anos. Essa lixeira foi desativada judicialmente em 01 de novembro de 2018. Os tratores enterraram todos os resíduos sólidos com várias toneladas de argila, deixando o terreno superficialmente coberto, enquanto que os gases, as bactérias, dentre outras substâncias inorgânicas, fossem destruindo, aos poucos. Sabe-se que alguns resíduos são para eternidade. Com a degradação, a poluição não foi embora com o fechamento da lixeira, ou seja, ainda está muito presente e vivo no dia a dia de toda a vida existente por toda parte, onde a lixeira se localizava.

Figura 17; Figura 18 Foto atual do lixão



Foto: arquivo próprio maio 2019

Todo o processo de fechamento da lixeira não foi concluído. Ela volta a funcionar, mas de forma branda, porém, quem não esteve mais lá foram os órgãos fiscalizadores. Para todos e todas, a lixeira está fechada e o ambiente deveria estar em quarentena para começar o processo de descontaminação e os órgãos ambientais deveriam fazer a fiscalização para que, no mínimo, fossem cumpridas as recomendações feitas e registradas no processo. Porém, não é essa a realidade. A lixeira continua funcionando com menor intensidade, mas recebendo resíduos de todo tipo, de forma que não chame a atenção. Porém, ainda há caminhões adentrando na lixeira e os quais, jogam os resíduos em uma parte mais escondida, pouco visível para quem passar na rodovia não os vejam.

Nesta conturbada ocupação pela lixeira municipal de Itaporanga d'Ajuda/SE, ainda teremos muitos capítulos para contarmos. A força do capital é muito forte e o que se percebe é que os moradores já se contentaram, pois, não tiveram mais queimadas e, assim, segue uma saga entre os resíduos, a população e a natureza.

5. UMA FORMA DE NÃO TERMINAR... UM CONVITE PARA CONTINUAR...

No caminhar desta pesquisa, foi possível fazer um encontro entre a filosofia e as questões ambientais em um contexto que ligava o agir comunicativo, às ações da escola e à comunidade a um problema ambiental que prejudica a natureza, que são os lixões, diante a um modelo capitalista, associado ao consumo. Todo esse processo revelou que os sujeitos são capazes de (des)construírem às racionalidades em que fiquem evidente às suas ações, o seu agir e a forma de se comunicar internamente ou externamente, dialogando com os agentes sociais e com a sociedade. O transcorrer da pesquisa nos propiciou segurança e a liberdade de entender como a população do povoado Morena foi capaz de ecoar suas vozes na luta das causas ambientais e do mundo da vida que os cercam, ligando os seus conhecimentos para fecharem o lixão municipal de Itaporanga d'Ajuda.

Um outro ponto evidente na pesquisa liga-se às questões dos impactos ambientais e o desrespeito à natureza. Se o processo de degradação continuar da forma que está hoje ou se ampliar, podemos em um breve espaço de tempo, encontrar problemas mais sérios para a sobrevivência da vida no nosso planeta. Então, as produções ligadas aos problemas ambientais devem ser estimuladas, pois terão um papel primordial em denunciar, em encontrar soluções e perspectivas na construção de novas visões éticas que tenham as questões ambientais como foco. A crise ambiental é fruto da racionalidade econômica, na qual movida pela necessidade de acumulação econômica, utiliza a natureza como fonte de construção da sua riqueza.

A escola deve ser um lugar onde os problemas sociais deveriam ser debatidos e suas ações caminharem em direção a encontrar soluções. A Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro levou o debate dos problemas ambientais, no caso específico sobre a lixeira, somente no transcorrer desta pesquisa. Então, é a partir deste momento que os estudantes puderam, primeiro conhecer o local, e depois se debruçarem sobre o cenário de risco ambiental que passa o mundo a partir do ambiente e no cenário tão próximo que era a lixeira e que pouco era percebido. Os estudantes formularam, produziram debates e projetos e puderam levar à temática fora dos muros da escola para a comunidade escolar, de uma forma de ampliar, no intuito de formular novos conhecimentos. Assim, o conhecimento produzido com os debates passa a ser uma arma na construção da razão crítica e emancipatória desses estudantes e das comunidades locais.

Tanto os estudantes quanto a comunidade começam a entender que podem estar empenhados na diminuição dos impactos ambientais. Uma delas trata-se da questão do consumo, porém, perceberam logo que esse problema está ligado, principalmente às pessoas que detêm o dinheiro e que têm relação com o crescimento econômico. A fórmula encontrada é a de cobrar das autoridades responsáveis por uma outra construção racional diferente da econômica e pela percepção de que ambientes como a da lixeira de Itaporanga d'Ajuda nunca deveriam existir.

Diante do que foi semeado, será possível ir colhendo frutos advindos da formação de um sujeito. Um sujeito capaz de disseminar conceitos ligados à sustentabilidade e que possa lutar para construir novos cenários, em busca da importância de preservar a natureza e que seu foco esteja ligado à construção de um ambiente, no qual a vida tenha mais importância do que o valor econômico.

A força encontrada pelos moradores do povoado Morena e estudantes nos proporcionou substâncias para seguir firme nesta jornada e ter a certeza de que o trabalho está no curso normal e que tem muito a contribuir com o momento atual e para com o futuro daquele povo. A pesquisa aponta e registra um agir, uma ação, em que o uso da comunicação fez romper barreiras e levar suas vozes que antes eram impedidas de ecoarem, aprisionadas por um sistema dominante, a serem ouvidas e mais, a abrir um diálogo, no qual o lixo e os problemas ambientais produzidos por ele deveriam chegar ao fim. O MPE/ SE, seguido pela norma constitucional, acatou às denúncias e alguns anos depois os moradores fecharam o lixão e construíram uma outra história. Porém, observa-se em seus semblantes o medo, a angústia daquele amontoado voltar a ser depositado às margens da rodovia, na nascente do rio morto e no entorno do exuberante resquício de Mata Atlântica.

Contudo, adentrar na área da lixeira, tanto com os estudantes quanto como pesquisador nos propiciou mudanças profundas e o desejo de continuidade. Com isso, ampliamos forças para construção de projetos, de um grupo de teatro e de um livro, escrevendo da história, marcas que dificilmente vão ser apagadas, que constituem a formação de sujeitos ecológicos e serão registradas em páginas, na memória e nas ações futuras no transcorrer da passagem cronológica do tempo. Assim, produzimos na Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro a importância da construção de paradigmas que respeitem à natureza, abordando os impactos socioambientais.

A arte foi a maneira escolhida para fechar o trabalho na construção de um produto didático que forneceu um grande substrato didático-pedagógico na construção de novos

paradigmas de respeito à natureza. A formação de um teatro poético a partir de poesias que denunciavam os problemas ambientais e sociais provocados pelo sistema dominante, caiu como uma luva para que os estudantes pudessem chegar à sociedade. E foi daí que saímos do extramuros daquela escola e ganhamos outros espaços, fazendo o diálogo e levando a denúncia a muito mais gente. As poesias formam um livro, que formam um grupo de dança, que formam um coral, assim, desencadeando na unidade escolar, uma rede artística em prol de levar a forma de dialogar e mostrar que um sujeito emancipado é capaz de produzir e de se constituir de modo racional diferente da econômica.

Uma forma de não terminar... Um convite para continuar...

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. **O bem viver uma oportunidade para imaginar outros mundos**. João Pessoa : Elefante, 2011.
- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. São Paulo : Paz e Terra, 1995.
- ASSIS, L. F. S. D. Interdisciplinaridade: Necessidade das Ciências Modernas e Imperativo das Questões Ambientais. In: PHILIPPI JR., A. **Interdisciplinaridade em ciencias ambientais**. São Paulo: signus, 2000.
- BARRETO, S. Ética, Técnica e Natureza: a herança Katiana em Heidegger e Hans Jonas. In: SANTOS, A. C. D. **Filosofia & Natureza: debates & conexões**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2010.
- BRASIL; MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.
- CÂMARA, B. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei>. **https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei**, 2010. Acesso em: 14 outubro 2019.
- CARVALHO, I. C. D. M. **Educação ambiental a formação do Sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2012.
- CARVALHO, I. C. M. A invenção do sujeito ecológico identidade e subjetividade na formação dos educadores ecologico. In: SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. PortoAlegre : Artmed, 2005.
- CEMBRANEL, P. Teoria da complexidade e racionalidade. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, , v. Vol. 51, p. p. 144-151, maio/agosto 2015. ISSN N. 2.
- CONCEIÇÃO, S. S. O. D. **(IN)SUSTENTABILIDADE TURÍSTICA NO ESTUÁRIO DO RIO VAZA-BARRIS/SE: PERSPECTIVA ANALÍTICA DA LEGISLAÇÃO VIGENTE**. Dissertação de Mestrado. São Cristóvão: UFS, 2015.
- CURY, M. E. Níveis de CO2 na atmosfera aumentaram de forma nunca vista antes. **exame.abril.**, 14 maio 2019.
- DANNER, L. F. HABERMAS: **da globalização da economia à globalização da política**, Salvador, v. 27, p. 629- 642, set/dez 2014.
- DOURADO, J.; BELIZÁRIO, F.; PAULINO, A. **ESCOLAS SUSTENTÁVEIS**. São Paulo: Oficinas de Textos, 2015.
- DUARTE, M. Y. M. estudo de caso. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo : Atlas, 2011.

- FOSTER, J. B. A ecologia da economia política marxista. **Lutas Sociais**, São Paulo, p. 87-104, 1º sem. 2012. ISSN 28.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro : Paz e Terra , 2000.
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 2ª. ed. São Paulo : Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, P. **pedagogia do Oprimido**. 63. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo : Paz e Terra, 2017.
- GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2008.
- GUIMARARÃES, M. Abordagem relacionada como forma de ação. In: GUIMARARÃES, M. **Caminhos da educação ambiental da formação a ação**. 4ª. ed. Campinas: Papirus, 2010.
- HABERMAS, J. **Técnica e ciência como "ideologia"**. Lisboa- Portugal: Edições 70, 1968.
- HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 2003.
- HABERMAS, J. **Verdade e justificação**: ensaios filosóficos. São Paulo: Edições Loyola , 2004.
- HABERMAS, J. **A ética da discursão e a questão da verdade**. Tradução de Marcelo Bradão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, v. 2º, 2007.
- HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo**: Racionalidade da ação e racionalidade social. São Paulo : Martins Fontes, 2012.
- HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2000.
- HORKHEIMER, M.; THEODOR, A. W. **Dialética do esclarecimento**: fragmento filosófico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- JONAS, H. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2006.
- JR PRADO, C. **Teoria marxista do conhecimento e método dialético Materialista**. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2002.
- LAYRARGUES, P. P. O cinismo da reciclagem: O significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOREIRO, C. F. B. . L. P. & C. R. D. S. **Educação ambiental**: repensando o espaço da cidadania. São Paulo : Cortez, 2002.

- LEFF, E. **Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização, 2006.
- LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LEFF, E. **Discurso sustentáveis**. São Paulo: Cortez, 2010.
- LEFF, E. **A aposta pela vida: imaginação sociológica sociais nos territórios e ambientes do sul**. Petrópolis RJ: Vozes, 2016.
- LUBENOW, J. A. O OCIDENTE DIVIDIDO: o impacto da globalização econômica neoliberal na integração política da União Europeia. **AUFRLÄRUNG**, João Pessoa, v. 4, p. 119- 134, setembro 2017.
- MARTINO, L. M. S.; MARQUES, A. C. S. Modalidades e derivações da comunicação no mundo da vida: sentidos, experiência e interação. **Galaxia Online**), n. 31, São Paulo, p. p.105-116, abril 2016. ISSN n. 31.
- MARX, K. **11 Teses sobre Feuerbach**. [S.l.]: [s.n.], 1845.
- MOLINARO, C. A. **RACIONALIDADE ECOLÓGICA E ESTADO SOCIOAMBIENTAL E DEMOCRÁTICO DE DIREITO. Dissertação em Mestrado**. PORTO ALEGRE: PUCRS, 2006.
- MORIN, E. **Rumo ao abismo; ensaio sobre o destino da humanidade**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- MUHL, E. H. Habermas e a Educação: **Racionalidade Comunicativa, Diagnostico Crítico e Emancipação**. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, p. 1035- 1050, out- dez 2011.
- NETO PAULO, J. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- OLIVEIRA, I. B. D. **O currículo como criação cotidiana**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2016.
- PENTEADO, H. D. **Meio ambiente e formação de professores**. 5ª. ed. São Paulo : Cortez, 2003.
- RECLUS, É. **Do Sentimento da natureza nas sociedades modernas**. São Paulo: Expressão & Arte: Editora imaginária, 2010.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: Métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo : Atlas, 2011.
- RUSCHEINSKY, A. **Educação AMBIENTAL: Abordagem Múltiplas**. Porto Alegre : Artmed, 2002.
- SANTOS, B. V. D. S. **A difícil democracia: Reinventar as Esquerdas**. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo , 2016.

SÃO PAULO, I. D. E. E. P. A. **Consumo sustentável**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

SERGIPE, M. P. E. **Ministerio Público do Estado de Sergipe !ª Promotoria de Justiça dos Municipios de Itaporanga D'Ajusa/Salgado**. Itaporanga D'Ajuda: [s.n.], 2015.

SILVA, J. S. et al. CONCEPÇÕES E AÇÕES: A PRÁTICA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE ARACAJU/SE. **GEO AMBIENTE ON-LINE Revista Eletrônica do Curso de geografia**, Jataí GO, n. nº 27, 2016.

SILVIA, M. D. S. F. D. **Resíduo Sólido Domiciliares e os múltiplos desafios ao seu Gerenciamento**. São Cristovão : Editora UFS, 2013.

TRIPP, D. Pesquisa Ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. v.31, , v. v.31, p. p. 243-246, , setembro/dezembro 2005.

TRISTÃO, M. **A educação ambiental na formação de professores redes de saberes**. [S.l.]: Annablume, 2004.

UNGER, N. M. filosofia e natureza: por uma fenomenologia do deserto. In: SANTOS, A. C. D. **Filosofia & natureza: debates, embate e conexões**. São Cristovão: Editora da UFS, 2010.

VITAL, V. Filosofia ética e meio ambiente. In: SANTOS, A. C. D. **Filosofia & Natureza: debates, embates & conexões**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2010.

APÊNDICE

APÊNDICE A - EDITAL Nº001/2019 – SELEÇÃO DE POESIA DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR NILSON BARRETO SOCORRO

Com o objetivo de construir um teatro poético, produzir um livro, desenvolver e estimular a produção literária na categoria Poesia entre os estudantes do Ensino Fundamental, matriculados na Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro, torna público o presente edital e convida os alunos a apresentarem propostas para publicação de poemas, observadas as especificações constantes deste Edital, conforme regulamenta a participação.

1. DO OBJETIVO

O presente Edital de seleção pública literária de poesia está em conformidade com a política de práticas pedagógicas da unidade escolar:

1.1. Formular e supervisionar a execução da política e de práticas pedagógicas culturais, em estreita articulação com a Secretaria de Educação;

1.2. Incentivar a criação artística em todas as suas formas de expressão, a pesquisa de novas linguagens, a formação e o aprimoramento da celebração popular mais defendida no País.

2. DA PARTICIPAÇÃO

2.1. O Edital é aberto ao público interessado, observadas as condições deste edital.

2.2. Podem participar da seleção, estudantes do Ensino Fundamental regularmente matriculados na Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro.

2.3. O aluno deverá estar matriculado e frequentando as aulas regularmente.

2.4. Ficam vedadas a participação de estudantes de outras escolas do município.

2 DAS INSCRIÇÕES

Para entregar será de ... a ... de ... de 2019 com envio da poesia na secretária da escola em qualquer dos 3 turnos.

4- Da Seleção

4.1- A comissão analisadora será constituída por professores, poetas e artistas.

4.2- A avaliação será baseada nos seguintes critérios, em ordem de importância: originalidade e criatividade. Nenhuma poesia será descartada, caso o candidato queira melhorar, será chamado para fazer as adequações.

4.3 - Todas podem compor a peça de teatro desenvolvidas na escola.

4.4 - As 50 melhores selecionadas vão compor um livro de poesia.

4.6 – A comissão levará em conta o nível educacional do estudante.

5- A apresentação das poesias analisadas

5.1 O resultado com as poesias selecionada, será divulgado no dia .. de ... de 2019.

6 - Das disposições gerais

6.1- Os casos omissos serão resolvidos em conjunto pela Direção, os professores envolvidos.

6.2 - Não serão admitidos plágios.

APÊNDICE B - EDITAL Nº001/2019 – SELEÇÃO DE INTEGRANTE DE UM GRUPO DE TEATRO DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR NILSON BARRETO SOCORRO

O Teatro na Escola tem uma importância fundamental na educação e nas aulas interdisciplinares. Ele permite ao aluno uma enorme “gama” de aprendizados, podendo citar como exemplos, a socialização, a criatividade, a coordenação, a memorização, o vocabulário e muitos outros.

Através do teatro, o professor pode perceber traços da personalidade do aluno, seu comportamento individual e em grupo, traços do seu desenvolvimento e essa situação permite ao educador, um melhor direcionamento para a aplicação do seu trabalho pedagógico, socializando o conhecimento adquirido.

2. DO GRUPO DE TEATRO:

2.1. Grupo de teatro: visa a atuar como espaço de formação de educação ambiental, desenvolvendo espetáculos através de poesias, contagiar com a linguagem aplicada e mostrar toda a sua produção e de outros colegas do jogo de palavras através das poesias;

3. PERFIL DOS CANDIDATOS:

3.1. Grupo de Teatro: constituirá de pessoas com idade mínima de 6 anos e que estejam matriculados na Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro.

4. DAS INSCRIÇÕES

4.1. O período de inscrições é de ...

4.2. Preencher ficha de inscrição contendo os dados pessoais.

4.3. As inscrições serão efetivadas mediante a entrega da ficha de inscrição.

5. DA PROPOSTA

O foco do teatro será a poesia e com a temática desenvolvida sobre a natureza, sustentabilidade ambiental, ação comunicativa sujeito emancipado.

5.1 Disposição para estudar o roteiro e montar a peça.

5.2 Dedicar um tempo para estudar as poesias.

5.3 Disposição para trabalhar em grupo.

6. DA SELEÇÃO

6.1 A abertura de vagas para 20 participantes de toda a escola dos 3 turnos;

6.2 Demonstração em 2 minutos de uma encenação de uma peça de teatro para grupo de professores;

6.3 A ordem de classificação seguirá as visões deste grupo de professores;

6.4 o resultado será informado o participante individual nas salas que estudam.

7. DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

7.1. Os problemas detectados serão resolvidos pelo professor, que desenvolve o projeto, e a coordenação e orientação pedagógica.

7.2- Na desistência de um (a) participante logo será convidada outra pessoa seguindo a ordem de classificação.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE
NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS



APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada como voluntária a participar da pesquisa **“A EMANCIPAÇÃO AMBIENTAL E A PERSPECTIVA PEDAGÓGICA: A CONTAMINAÇÃO DOS MANANCIAIS POR RESÍDUOS SÓLIDOS DO POVOADO MORENA, ITAPORANGA D’AJUDA-SE, À LUZ DOS ESTUDANTES DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR NILSON BARRETO SOCORRO”**. Neste estudo, pretendemos – Objetivo Geral: Despertar na comunidade escolar da Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro a importância de um olhar diferente na construção de paradigmas (visões) que respeitem a natureza, abordando os impactos socioambientais gerados pelo aumento dos resíduos sólidos, fruto do consumismo implantado pelas ações capitalistas. Objetivos Específicos: Ampliar o conhecimento, de forma emancipatória, sobre os problemas ambientais, construindo novos caminhos para formação de novos paradigmas ambientais; Trabalhar na comunidade escolar os problemas ambientais ocasionados por uma sociedade de risco, ampliando o entendimento do cenário atual; apresentar, conjuntamente com a comunidade, ações o quanto um sujeito ecológico, no qual a concepção de sustentabilidade é o foco; formar um grupo de teatro que use a transmissão poética, levando o conhecimento emancipatório no diálogo de construção coletiva racionalizada.

Justificativa do Estudo. O presente trabalho justifica-se no tocante à busca pela sustentabilidade ambiental o município de Itaporanga D’Ájuda, principalmente no que se refere aos resíduos sólidos, buscando a coleta, o descarte e práticas sustentáveis para fins de uma sociedade mais justa, um meio ambiente equilibrado e com uma economia viável para o referente município e as áreas afetadas. O contexto demanda um novo olhar para o espaço em questão, expondo a importância da vegetação, pássaros, águas, ou seja, todo o conjunto de vida para o planeta.

Para este estudo, adotaremos a seguinte metodologia: serão utilizados como instrumentos de coleta de dados entrevistas individuais abertas, partindo da sua fala, da ideia e visão de sujeitos que estão envolvidos ou de alguma forma tem relação direta com o objeto de estudo auxiliarão ao pesquisador num diálogo e entendimento real do fato.

Para participar deste estudo, você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pelo pesquisador. O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, seu nome não aparecerá e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco anos, e após esse tempo, serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, a ser assinada por você e o pesquisador responsável, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável e a outra será fornecida a você.

Seguem os telefones e o endereço institucional do pesquisador responsável e do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, onde você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Contatos do pesquisador responsável: Pesquisador responsável Uilson de Meneses Hora, Profissão: Professor de Geografia no Município de Itaporanga d'Ajuda/SE; Endereço Rua "E" Conjunto Antônio Carlos Valadares nº 127; Endereço eletrônico uilsonmh@yahoo.com.br; Telefone de contato (79) 999849342; Instituição que pertencem: Universidade Federal de Sergipe.

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa da UFS: Cidade Univ. Prof. José Aloísio de Campos Av. Marechal Rondon, s/n, Jd. Rosa Elze São Cristóvão/SE CEP 49100-000 Contato 79 3194-6600

Eu, _____, fui informada dos objetivos do presente de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a

qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Itaporanga d'Ajuda/SE, _____ de _____ de 2019.

Assinatura do (a) participante

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA COMUNIDADE

- 1-** Você conhece a lixeira?
- 2-** Já entrou?
- 3-** Já sofreu com os seus efeitos?
- 4-** Como você via a lixeira?
- 5-** Na sua opinião, qual a visão do município para com a lixeira?
- 6-** Já viu algum benefício para com a população da região?
- 7-** Você conhece alguma ação que o município fez para acabar ou diminuir com resíduos sólidos (lixo)?
- 8-** Sabe a data de abertura da lixeira?
- 9-** Os impactos que a lixeira que a lixeira traz para os moradores da região?
- 10-** Você sabe que nasce um rio dentro da lixeira?
- 11-** Já ouviu falar de alguma manifestação por parte dos moradores contra a lixeira?
- 12-** Os catadores, o que aconteceu com eles? O município está ajudando?
- 13-** Como eram tratados os moradores do entorno?
- 14-** Como você vê o meio ambiente próximo a lixeira?
- 15-** Qual o seu sentimento com a situação?
- 16-** O que causou a abertura do lixão?
- 17-** Os órgãos ambientais estiveram fiscalizando o ambiente?
- 18-** Por que a lixeira fechou?
- 19-** Como você vê aquela área hoje?

APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS ESTUDANTES

- 1- Onde você mora?
- 2- Você conhece a lixeira?
- 3- Já entrou na lixeira?
- 4- Os resíduos produzidos na escola vão para onde?
- 5- A lixeira prejudica a natureza?
- 6- Você já fez alguma ação para melhorar a natureza?
- 7- Você sabe que nasce um rio na lixeira?
- 8- Você soube de alguma manifestação que ocorreu para o fechamento da lixeira?
- 9- Qual a sua visão sobre o papel do poder público sobre os impactos da lixeira?
- 10- Como você vê a lixeira?
- 11- Como você vê aquele espaço?
- 12- Como você vê as pessoas que moram na região?
- 13- Você acha que aquelas pessoas são ouvidas?

APÊNDICE F - FICHA TÉCNICA DO PRODUTO I

Título: A ARTE ROMPE BARREIRA: teatro poético emancipatório e a escola



Autores: Uilson de Meneses Hora; Saulo Henrique

Tipo de material: Projeto Técnico Educacional

Formato: PDF

Nível de escolaridade: A partir do 3º até o 9º fundamental

Público Alvo: Todos

Organização institucional: Universidade Federal de Sergipe

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM REDE NACIONAL PARA O ENSINO DAS
CIÊNCIAS AMBIENTAIS**

UILSON DE MENESES HORA

PRODUTO TÉCNICO

A ARTE ROMPE BARREIRAS: teatro poético emancipatório e a escola

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2020

UILSON DE MENESES HORA

A ARTE ROMPE BARREIRAS: teatro poético emancipatório e a escola

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em rede nacional para o ensino das ciências ambientais - PROFCIAMB/UFS Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Orientador: Prof. Dr. Orientador: Prof. Dr. Saulo Henrique Souza Silva

SÃO CRISTÓVÃO (SE)

2020

UILSON DE MENESES HORA

A ARTE ROMPE BARREIRAS: teatro poético emancipatório e a escola

A ARTE ROMPE BARREIRA: teatro poético emancipatório e a escola

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DEFENDIDA E APROVADA EM: ____/____/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Saulo Henrique Souza Silva – Presidente/Orientador

Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. FLORISVALDO SILVA ROCHA – Membro Interno

Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. ANTÔNIO CARLOS DOS SANTOS – Membro Externo do Programa

Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr. . MARCELO DE SANT'ANNA ALVES PRIMO – Membro suplente

Externo do Programa

Universidade Federal de Sergipe

Sumário

APRESENTAÇÃO	145
Referencial teórico	147
1- A ARTE ROMPE BARREIRA: teatro poético emancipatório e a escola	147
1.1 - A arte poética no teatro como libertação social.....	147
2.2- A escola no caminho do teatro como instrumento de transformação social.	153
2.3- O teatro, a escola e a natureza como refratação do sujeito diante de sua essência transformadora via a poética	160
OBJETIVOS.....	166
Objetivo geral	166
Objetivos específicos	166
METODOLOGIA	167
Plano de Ação	168
Abrangência	171
Custos.....	171
Cronograma	171
Plano de Controle e Avaliação	172
Produtos:.....	172
Indicadores de processo:	172
Instrumentos	172
Riscos	173
RESULTADOS ESPERADOS	173
REFERÊNCIAS	175

APRESENTAÇÃO

O presente projeto versa sobre a formação de um grupo teatral no estilo do *Teatro do Oprimido*, de Augusto Boal com estudantes do 3º ao 9º ano do Ensino Fundamental, ao explorar as técnicas aplicadas pelos mesmos para alcançar a aliança entre teatro e ação social, buscando a emancipação do sujeito para fazer as denúncias das transformações ocorridas na natureza perante os seus semelhantes.

A produção didática-metodológica inicia-se com um edital de seleção de atores e atrizes, matriculados a partir do 3º ao 9º do ensino fundamental da Escola Municipal José dos Santos e da Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro, localizadas no povoado Sapé, município de Itaporanga d'Ajuda/SE. Um edital simples que não fecha às portas para o acesso a uma educação emancipatória, pois é um trabalho de iniciantes com a chance de eles/as contracenarem.

Após a seleção, os estudantes passaram por oficinas de teatro para desenvolverem a percepção de estar atuando em público. Os jogos e as brincadeiras iniciais têm o papel de “deixar solto” para os estudantes atuarem em público. Todo este trabalho será feito pelo professor de teatro Braúlio Lima e seus assistentes.

A escola que desenvolve tal projeto contempla um grande número de estudantes e essa vem propiciando sujeitos capazes de autotransformação, a partir da sua atuação e reflexão em um processo de produção cultural capaz de construir racionalidades que rompam com a visão dominante de uma educação emancipatória. Assim se faz na conscientização das situações que os oprimem, bem como entender situações em que são os verdadeiros opressores. Segundo Paulo Freire em *Educação e Mudança*, trata sobre como acontecer uma mudança no sujeito a partir da educação. Portanto,

somente um ser que é capaz de sair de seu contexto, de “distancia-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isso, de comprometer-se (FREIRE, 2011, p. 19,20)

A ação reflexão, proposta por Paulo Freire, nos desafia a produzir uma educação transformadora, a criar e recriar outras práxis, um outro contexto, relacionando à ação com a reflexão dos acontecimentos e direcionando caminhos. Os estudantes têm a chance de recriar um outro contexto do conhecimento, a partir da produção de poesia, ligada ao tema “Natureza”, em um processo de emancipação. Isso para resgatar seus conhecimentos

sobre a temática e tudo que o envolve. A partir daí, começa um diálogo primeiro no grupo; e depois levá-la para o público. O público vai ser incitado, ao concluir as poesias, dando sua visão sobre o tema, isto é, o direcionamento do teatro uma produção em várias mentes, levando a concordância ou a contradição. Esse papel é transformador, dando a oportunidade de uma outra construção ou a chance de expressão. A construção do diálogo entre as pessoas e tentando levar o outro a entender os papéis postos na sociedade.

A intenção é de utilizar as poesias produzidas por todos/as na escola como fonte da produção. Por conseguinte, outro edital foi lançado para a seleção das poesias. Quanto a essas, irão passar por uma divisão entre os membros e eles/as terão o papel de assimilarem para a peça.

Essas poesias passarão por outros testes, revisadas por um júri formado de poetas; e as 51 (cinquenta e uma) melhores serão escolhidas para comporem um livro. Estudantes farão desenhos, a partir de sua interpretação para ilustrá-las.

A formação do grupo de teatro tem como ponto principal a produção de transformações na forma de pensar e de agir dos estudantes, e posteriormente, levar o seu público uma outra visão sobre a conjuntura das transformações sociais que reage a sociedade em que vivem. O papel principal é de libertar o sujeito e permitir que possam desconstruir as amarras que os opressores lhe impõem. Além disso, possibilita condições claras onde o sujeito possa apropriar-se dos meios de se fazer teatro, e assim, aumentar suas possibilidades de expressão, estabelecendo uma comunicação direta e ativa entre espectadores e atores. O contexto em que vive os estudantes exige essa ligação entre o lúdico e o real, possibilitando a transformação de muito mais pessoas. Isso de uma forma em que o diálogo possa ser a chave entre os sujeitos.

O teatro propiciará uma visibilidade e um alcance, muito maior, nas falas e também o trabalho em conjunto, quebrando outro preceito do opressor a unicidade, deixando-as mais vulneráveis. Todo a construção exige de um conjunto e envolve troca de experiências. Com isso, melhora o convívio intra e extra escolar, sem contar que esses estudantes adquirirão confiança em si no processo emancipatório.

Referencial teórico

1- A ARTE ROMPE BARREIRA: teatro poético emancipatório e a escola

1.1 - A arte poética no teatro como libertação social

O teatro é uma fonte artística das mais antiga de todos os tempos. Desde a antiguidade que já se fazia teatro, se discutia suas especificidades para cada época e grandes pensadores representados por Aristóteles, Maquiavel, Rosseau, Immanuel Kant, Hegel, Bertolt Brecht, dentre outros, já usavam de seus escritos para construção de peças, críticos de outrem ou discutirem sobre o tema. Todos eles, mesmo em épocas diferentes, deram grandes contribuições na formação do teatro. Augusto Boal em seus livros, na defesa do *Oprimido* utiliza-os como fonte para chegar às suas teses sobre o teatro; uma hora criticando, outra incorporando seus pensamentos para construir o Teatro do Oprimido. Com relação a Immanuel Kant, Hegel, Boal mantêm a mesma lógica, e eles utilizam os seus escritos para formarem um outro conceito da *Estética do Oprimido*, analisando os estudos de ambos sobre estética poética.

O teatro é uma fonte de cultura e política que não estão separadas e, neste viés, ele se torna uma arma poderosa e pode ter sentido duplo, dependendo em qual fim ele deve ser utilizado. Ele pode servir tanto para o aprisionamento, como para a libertação.

O teatro é uma atitude política que está à disposição das classes sociais para ser usada: “por isso as classes dominantes permanentemente tentam se apropriar-se do teatro e utilizá-lo como instrumento de dominação” (BOAL, 1980, p. 1). Para interferir na perspectiva visionária de quem assiste e manipula à visão social de dominação sob as classes, opondo-se ao conceito de espectador e não deixando as pessoas serem transformadoras e construtoras, as peças já vêm prontas e acabadas, funcionando como qualquer outro meio de comunicação da indústria cultural (HORKHEIMER e ADORNO, 1985). A própria ideologia burguesa posta que o teatro é próprio para a burguesia, não tendo espaço para os mais pobres. Isso se deve, pelo preço e pelo formato de como as peças teatrais são estruturadas e para qual público ela deve atender.

De fato, o conceito de teatro vem sendo modificado com o passar do tempo para se adequar a essa indústria cultural, reduzindo a uma barbárie estética (HORKHEIMER e ADORNO, 1985) que ameaça as criações espirituais, neutralizando a forma e o papel cultural e arte atribuída ao teatro. Atributos na criação de barreiras criadas pela classe dominante, que dificulta uma saída das armadilhas montadas por este *show* montado para assegurar o *status quo*, definido por padrões de dominação de uma sobre o outro. Esses padrões vêm sendo estruturados com cada vez mais força e o jogo do poder ideológico empregado nas peças que retira o ato de ser protagonista, transformando-se em um mero reproduzidor das ações e ideias centrais do mundo capitalista.

A força que sai das palavras dos gestos da encenação representa muito para quem está na plateia estática, buscando a forma receptora de todo mecanismo utilizado para contribuir com o aprisionamento das palavras expostas. Não existe contribuição nem discórdia, a aceitação é o fim, e transformando em um monólogo que só entra sem haver formação de identidade, as contradições são direcionadas ao limbo. Paulo Freire em *Educação como prática da liberdade*, propõe que o sujeito não seja um mero espectador e que se possa construir uma outra história, portanto,

se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes (FREIRE, 2000: 33).

Este ensaio vem em oposição ao que foi colocado acima e ganha uma outra conotação, ou seja, uma visão que vai de encontro ao de teatro criada para alimentar a ideologia capitalista, do espectador calado, ouvindo e acumulando as ideias repassadas, aprisionando sua fala, como sua formulação de conceitos já roubados. Ali, o jogo é só de um dito entretenimento; a risada ou a admiração é a forma de alimentar a visão burguesa de ser, funcionando como um aporte da televisão, aliás, passando a ter funções semelhantes. O aprisionamento do sujeito é obra da manutenção ou ampliação do espaço de dominação na formação da racionalidade econômica imposta pelo sistema.

A visão diferenciada faz com que outras formas de teatro surjam em contrapartida a existente, “mas o teatro pode igualmente ser uma arma de libertação. Para isso, é necessário criar as formas teatrais correspondentes. É necessário transformar” (BOAL, 1980, p. 1). Essa criação parte do pressuposto que o povo deve participar do teatro, de uma forma em que a sua participação não seja só como ouvinte, mas que seja um sujeito transformador, que suas prisões sejam discutidas nas peças e que as mesmas tenham um

outro caráter de representação, diferenciada do modelo, deixou de ser os reis para servir o capital.

Essa forma de teatro permite a homens e mulheres escreverem uma outra história neste capítulo, construindo esperança de um outro parâmetro na vida real, com um projeto crítico, em que busque a resistência na construção da emancipação social do sujeito, extraído da força da ação da comunicação, propiciando uma aliança de luta contra a opressão instituída em parâmetros no conhecimento de seus limites.

O *glamour* apresentado nas peças atuais produz, gradativamente, a percepção de separação social de classes. Desde os espaços, onde acontecem as encenações até o figurino, pois os preços da entrada nestes espaços são direcionados a uma categoria da classe com maior poder aquisitivo. Assim,

Para distinguir se algo é belo ou não, referimos a representação, não basta pelo entendimento ao objeto em vista do conhecimento, mas pela faculdade da imaginação (talvez ligada ao entendimento) ao sujeito ao sentimento de prazer ou desprazer. O juízo do gosto não é, pois, nenhum juízo do conhecimento, por conseguinte não é lógico e sim estético, pelo qual se entende aquilo cujo fundamento de determinação não pode ser senão subjetivo³⁶ (KANT, 2010).

Todo o contexto representado conduz a uma produção estética, mesmo não produzindo conhecimento, mantém o *status*. O conhecimento aqui trabalhado vem no sentido de construir um novo conhecimento, que possa produzir transformações. O estereótipo apresentado pelo teatro produz a visão do que o modelo econômico quer manter, e colocando muros de separação nesta distinção da visão de público entre quem pode assistir ou não às peças.

A expressão artística teatral não só encontra-se estruturada nestes patamares, mas em outras versões podem ser utilizadas e a cada dia novas expressões vêm ganhando destaque em uma outra estrutura, fugindo da estética e do modelo configurado acima. Augusto Boal expõe que não existe uma só estética e coloca:

Como é possível defender a multiplicidade cultural e, ao mesmo tempo, a ideia de que existe apenas uma estética, válida para todos? Seria o mesmo que defender a democracia e, ao mesmo tempo, a ditadura (BOAL, 2009).

Os padrões fogem das regras e as conotações de público têm destino a uma camada que busca a arte em outros patamares. Os famosos teatros de rua que buscam se apresentarem em espaços públicos e atingem uma quantidade maior de pessoas, e com outros formatos

³⁶ Immanuel Kant, seus trabalhos se sustentam dando um ponto de início da moderna filosofia alemã; aqui ele já retrata as questões do juízo e da estética subjetiva, na produção de conhecimento.

e princípios. A peça caracteriza-se por sua infinitude, muitas das vezes, nem começo, pois é o público interagindo na construção de uma apresentação que produz o desenrolar do espetáculo, diante de novos desafios sempre são postos no transcorrer das apresentações.

A partir de então, a participação na construção proporciona-lhe a sentir parte do processo e faz com que sua visão seja incorporada na concordância ou discordância de outrem, e o que surge é um jogo de vozes defendendo ou não determinadas visões em busca de um consenso. Ao deixar de ser um monólogo pré-escrito, passa a ser um conjunto no qual as partes vão se juntando para formarem um todo, construindo concordância e discordância neste jogo. A partir daí, novos conhecimentos vão se construindo e formando sujeitos que passam a ser o condutor e o construtor de seus próprios caminhos. Quanto a esses, são perdidos ou retirados pelo aprisionamento de sua essência na categoria. Não se identificava qual era seu papel perante a sociedade, e sim vive a realidade da classe dominante.

Augusto Boal, em passagens do seu livro *A estética do oprimido*, dialoga com Alexander Gottlieb Baumgarten³⁷, filósofo alemão do XVIII, na tentativa de explicar a visão estética no teatro. Boal apresenta uma contradição no conceito, definido como,

Os sentidos – e os conhecimentos que deles derivam – permitem imaginar uma gnosiologia inferior. Não duvido que possa existir uma Ciência do Conhecimento Sensível... intermediária entre a sensação pura, obscura e confusa, e o puro intelecto, claro e distinto. Ela não é nem algo existente na própria Coisa, nem pura criação do ser humano: é o resultado de uma síntese particular, harmonia entre Coisa e Pensamento. O conceito sensível é particular, como objeto de sensibilidade; geral como objeto de entendimento (BOAL, 2009).

Baumgarten, que trata a sensação pura, seja obscura e confusa, contrariamente ao pensamento de Augusto Boal que vê como rica e complexa, produzindo uma diversidade de interpretações (BOAL, 2009). Expondo aqui a diferença temporal entre uma visão da outra e podendo chegar a uma conclusão de que a dicotomia é pontual. A estética vista como aproximação do reflexivo-racional, conjunturando sob um novo olhar que apresenta questões do antropocentrismo. A dualidade entre o conhecimento claro e o conhecimento sensível se destaca por essa força contida no pensamento baumgarteariano sobre a estética, buscando intercalar ambos e dando uma forma a construção do pensamento racional e

³⁷ Nascido em Berlim em 17 de julho de 1714, Alexander Gottlieb Baumgarten é um filósofo alemão que estudou na Universidade de Halle. Em 1740, começou a lecionar na Universidade de Frankfurt, onde permaneceu por 22 anos.

sensitivo. É inegável a contribuição do filósofo para a formação da construção do belo, definindo a estética como disciplina do conhecimento sensível.

A estética³⁸ é um ramo de estudo na filosofia que rompe a barreira e ultrapassa os padrões de beleza que busca a interação entre a vida e a arte. Enquanto a análise de obra de arte, da arquitetura, da música, da literatura, investiga o conhecimento específico sobre o belo, a estética busca o conhecimento sensível, postulando o belo; e na sua interface, recebe críticas de que este tipo de conhecimento produz visões de que é confuso.

O conhecimento sensível é embrionário na capacidade de sempre nascer das formações e construções de outros conhecimentos, ao encaminhar para o momento construtivo na perspectiva para o futuro. O ponto essencial é transcender e na perspectiva diretiva na produção dos interlocutores sensíveis de forma inconsciente, produzindo às suas marcas.

Todo processo formará uma base sólida para desenvolver o trabalho de Boal nos palcos das ruas, mostrando uma estética diferente de pessoas simples com mais alma, apresentando seus conhecimentos acumulados e expondo seus pensamentos. A arte da liberdade é um conjunto de formação em busca da liberdade do pensador e do interlocutor na formação do pensamento. Essa é uma ponte para transformação da fala em ação. Todo esse parâmetro produz grandes transformações, pois cria saídas para essa construção, que vem a desconstruir um conhecimento que defende a dominação e, em seu lugar, uma nova visão surge e essa construção vem a partir da arte libertadora.

A questão aqui é como elevar o papel do sujeito a um patamar que seus conhecimentos possam aflorar. O contexto busca na estética o poder de emergir a fala que foi aprisionada, deixando sempre a força da interlocução na criação e na formação de novos sujeitos capazes de construir formulações que levem ao desenvolvimento perceptivo do real, construindo aportes reflexivos sobre a realidade que é posta. Não é fácil ultrapassar barreiras impostas, porém, a arte do teatro pode levar à relação sujeito-objeto a produzir um equilíbrio sob a ética e a lógica na visão de libertação do mesmo. O húngaro György Lukács retrata da seguinte forma, “conceito de liberdade, instaurado (*gesetzen ist*) simultânea e inseparavelmente com a instauração (*Setzung*) do sujeito ético, designa justamente a superação de todo caráter de objeto na personalidade ética (LUKACS, 2013, p. 06)”. Esses passos não são pequenos para aquisição de uma outra visão ética diferentemente daquela que era exposta a todo momento, enquanto que uma

³⁸ A estética retratada aqui vem da escola alemã de Kant, Hegel e Bertolt Brecht muito usado nos escritos de Augusto Boal.

ética capitalista, na qual deixava claro que não podia mudar o rumo da história, pois o equilíbrio estava com a manutenção do *status quo*. O equilíbrio vem quando se tem identidade, quando é instaurado o papel de sujeito e se introduz a visão de liberdade que, somente, consegue se superar e construir em si uma outra formação.

No ensaio escrito pelo György Lukács³⁹ intitulado *A relação sujeito-objeto na estética* vem retratar muito bem seu pensamento. Pondo sua visão nesta relação, o filósofo aponta para uma separação no qual se refere que a estética aparece para estabelecer uma relação de equilíbrio entre os dois termos. Porém, aponta contradição entre um termo e outro, e que o ponto de equilíbrio é a estética. Assim,

Ao contrário dessa prevalência do sujeito (na ética) e do objeto (na lógica), a estética consubstancia um equilíbrio estático entre ambos. A nova relação é decorrência necessária da eliminação do conceito de infinitude tanto do sujeito quanto do objeto. Pois o objeto do comportamento teórico, qualquer que seja a sua formulação no caso individual, é a totalidade infinita das verdades; e mesmo que esse comportamento teórico – que também por isso sempre e em alguma medida guardará vínculos empíricos turvos e subjetivos – se oriente a um único objeto, a sua objetividade teórica – a possibilidade de que a declaração que refere, expressa e constitui o objeto, venha a participar do valor de verdade – já encerra implicitamente a exigência de que o objeto assim alcançado se introduza no cosmo do mundo da verdade concebido como totalidade infinita. Neste sentido, o objeto para o qual o comportamento cognitivo se volta é, na verdade, sempre um epítome de todas as declarações de verdade (LUKACS, 2013, p. 06,07)

A estética de Lukács aponta um ponto de equilíbrio entre o sujeito e o objeto. A questão aqui é o papel de individualidade do objeto que venha a definir o papel de verdade. Este que em sua formulação não existiria outra construção e que não se possa romper barreiras, mas se encerra sempre colocando este epítome⁴⁰ declaratória. Quebrar esse epítome de verdade aqui, quer simplesmente dizer que o produto do conhecimento da ciência moderna (sujeito-objeto = verdades infinitas) se apresenta como um resumo [epítome] das declarações de verdade e o papel direcionado ao teatro discutido acima vem expor o papel do sujeito nessa construção, que é fundamental neste outro conceito ético de valorização da coletividade de conhecimento em que a construção possa partir da própria realidade de quem a vivencia e que, sozinho, continuaria perdido. Já Kant, concorda com

³⁹ Filósofo e historiador literário húngaro. Como crítico literário, Lukács foi especialmente influente, sendo reconhecido como o precursor dos estudos sociológicos da literatura ficcional.

⁴⁰ Epítome é simplesmente a síntese ou o resumo de uma ideia ou de uma obra. É uma forma literária sumária ou em miniatura; uma instância que representa uma realidade maior.

a questão posta acima sobre a subjetividade, afirmando que essas são constitutivas e válidas apenas para o sujeito (BOAL, 2009).

Essa construção viabilizará a criação de uma estética do oprimido na demarcação ou formação de um sujeito que desmonte as estruturas de poder e que exponha o sujeito a viabilizar uma outra esfera social. É a partir da visão estética imbuída no teatro que se busca organizar o conhecimento que estava faltando para a desvinculação do domínio da vida dentro da sociedade. O contexto que põe o teatro como parâmetros artísticos capaz de conduzir este feito, assim;

O teatro organiza as artes que organizam a vida social, fora e dentro de cada um de nós, para que possa ser metaforicamente compreendida à distância, não com o nariz colado à realidade onde vivemos. A distância estética permite ver o que, diante de nossos olhos, se esconde (BOAL, 2009).

Não é fácil transformar uma compreensão que requer um exercício mental de mudança de racionalidade e de postura diante de vários percalços que os cercam o sujeito. Este que é impedido de ver de outra forma e ele sofre com a força do opressor. Toda a construção vem com a quebra de paradigma. Isso requer novas formulações e que antes precisam ser bastante trabalhadas na construção da subjetividade de suas ações. Romper as barreiras na estética de opressão derrubam as distâncias entre o sujeito que é capaz de formular suas ações e àquele que só reproduz. O sujeito livre é capaz de ser produtivo e de avaliar, o que lhe é apresentado, de ter voz, ao transcender a sua visão artística e utilizando-a como sua formação política e social.

2.2- A escola no caminho do teatro como instrumento de transformação social.

A educação busca produzir formação, produção do conhecimento e as transformações sociais perante o conjunto da sociedade e atinge não somente o público que está dentro das instituições de ensino, mas transpassa dos seus muros ao envolver a comunidade escolar. As unidades escolares vêm modificando suas estruturas curriculares para se adequarem ao cotidiano dos estudantes, apontando para algo muito maior que as quatro paredes e interagindo com um número maior de participantes, tentando produzir cada vez mais transformações sociais (OLIVEIRA, 2016). A professora Inês Barbosa de Oliveira aponta que as escolas já possuem um currículo vivo, no qual o cotidiano escolar forma uma rede de conhecimento de diferentes instâncias sociais, e o que precisa fazer é aproveitá-lo na construção da formação dos sujeitos.

Nessa interação, apresentam-se inúmeras práticas pedagógicas que levam o conhecimento. Aqui a atenção se volta para o uso do teatro como uma das práticas pedagógicas que tem auxiliado muito nesta construção curricular nas unidades escolares para compor esse currículo defendido por muitos estudiosos da área. A visão defendida apresentada pela professora Inês, *O currículo como criação cotidiana*, corrobora com o que vem sendo defendido neste trabalho em que o sujeito emancipado constrói seu próprio conhecimento e ajuda a formar outros. Assim,

... a noção segundo a qual os currículos são *pensadospraticados* são criados cotidiana dos *participantespensantes* do cotidiano escolar, por meio de processos circulares em que se enredam conhecimentos, valores, crenças e convicções que habitam diferentes instâncias sociais, diferentes sujeitos individuais e sociais em interação. Assim, falar em currículo como criação cotidiana pressupõe, entre outras coisas, que as diferentes formas de tecer conhecimentos – que estão na base de diferentes modos de agir, mesmo jamais de modo linear – dialogam permanentemente umas com as outras, dando origem a resultados quanto provisórios (OLIVEIRA, 2016, p. 97)

O papel que cumpre a produção do currículo interfere no mecanismo de como o conhecimento é tratado no sistema educacional. Logo, a inserção metodológica aplicada ao conhecimento tem interferência direta de como os conhecimentos irão ser absorvidos. O cotidiano precisa ser retratado nesta construção, buscando um diálogo constante e não sucumbindo às vozes que saem do sujeito para somente valorizar um conhecimento formal. Este que é construído por outras realidades e nem busca analisá-las diante de diferentes participantes pensantes. O currículo não deve ser um documento repleto de conhecimentos prontos que, de algum modo, dê as respostas aos contextos em sala de aula, e sim deve (des)construir resultados de conflitos, tensões, produções culturais, sociais, econômicas e políticas que possam organizar o povo na luta para apropriação da emancipação social.

É notório que a educação brasileira vem passando por muitas transformações com a inserção de novas formas metodológicas de apresentarem o conhecimento, mesmo que tais movimentos surjam de fora dos muros escolares, esses acabam adentrando aos espaços. É o caso da visão de Augusto Boal e de Bertold Brecht com suas obras, dentre outros estudiosos. O teatro tem sido utilizado como uma ferramenta de libertação do sujeito, ajudando-o na construção de um currículo vivo, como defende (OLIVEIRA, 2016). A inserção da teatralização na escola não é uma prática nova, essa surge de forma simplista e somente para que os estudantes viessem apresentar os conteúdos para aquisição de notas. O fato de o teatro ser apresentado para compor notas, em outra

perspectiva, é uma forma de aproximar as questões sociais ligadas ao seu cotidiano, aos problemas vividos e às questões sociais que envolvem o estudante. Neste contexto, o teatro, aos poucos, vem sendo aprimorado por educadores, ao passo que envolve estudiosos, como os citados anteriormente para embasar as produções trabalhadas em sala de aula, tornando-o com um caráter direcionados aos focos que queiram atingir.

Associando a uma construção de saídas sem delimitar chegadas, pois é a vivência que vai mostra-lhe o direcionamento, a partir da construção de perspectivas apontadas na caminhada, mas com um objetivo direcionado que é fazer com que os participantes sintam-se como autores da obra e formadores das saídas. Assim, transferindo-lhe o meio de produção teatral (BOAL, 1980), oferecendo-lhe uma arma na construção de identidade e formação do sujeito crítico. Não é qualquer visão ou peça teatral que vai provocar toda essa transformação. Segundo Augusto Boal, é necessário modificar as estruturas do teatro, oferecer-lhes as ferramentas e o deixar de ser espectador calado e passar a ser liberado a produzir o conjunto.

Por isso, eu creio que o teatro não é revolucionário em si mesmo, mas certamente pode ser um excelente “ensaio” da revolução. O espectador liberado, um homem integro, se lança a uma ação! Não importa que seja fictícia: importa que é uma ação (BOAL, 1980, p. 126, 127)

O retrato que Augusto Boal propõe que o teatro liberta às produções de ações, no qual, ao virar protagonista, começa a aparecer construções advindas das próprias pessoas que estão envolvidas na peça. Dessa forma, o que se apresenta são as transformações que serão refletidas e, muitas delas, incorporadas como ação-reflexão nesta construção de identidade. As mudanças que, em princípio, parecem simples, produzem no sujeito o poder de construção da reflexão dos fatos e funcionará como uma arma, quando o fato deste tipo de teatro transmite-lhe os meios para a produção de revoluções internas. Por este viés, os estudantes passam a manejar todo este aparato libertário, identificando toda as potencialidades que lhe são possíveis de usá-las.

Não é uma coisa tão fácil, pois no mesmo panorama que o currículo produz esta visão incorporando o teatro como fonte libertária, o mesmo também produz aprisionamentos tanto dos educadores como dos estudantes. A educação libertária, como foi retratada por Paulo Freire na prática em suas obras, permite que todo o conjunto desta liberdade, que em todos os dias, levará a vencer uma luta contra as forças adversas. Tanto Freire como Boal veem que o teatro possui um cunho político e que, ao ser inserida na

educação, poderá levar o sujeito a configurar as suas ações, com direção, levando-o a entender as desigualdades sociais e a formular ações que intervenham na realidade, passando a entender os mecanismos que lhes colocaram nestas situações.

O teatro pode ser utilizado como esse elo de ligação da educação com a transformação da sociedade. Essa interação não é fácil, compõe-se de forças que almejam preservar uma sociedade alienada pelo sistema dominante na tentativa constante de sempre buscar a sua manutenção e com todos os artifícios para de tudo conservar. Paulo Freire em *Educação e mudança* expõe que, “uma sociedade justa dá oportunidade às massas para que tenha opções e não a opção que a elite tem, mas a própria opção das massas (FREIRE, 2011, p. 49)”. Este é o ponto chave para adquirir o poder de construir suas próprias opções e não seguir os desejos de uma elite que visa ao consumo exacerbado. Neste patamar, será necessário constituir a “consciência criadora, comunicativa e democrática”. O papel aqui discutido do teatro, como um ensaio para a vida, propicia aos espectadores como essa construção criadora e comunicativa dá voz a quem foi retirada da sua função de cidadão e impedindo-lhe de ver o mundo, superando a opressão a que lhe foi imposta por forças externas.

A escola, por vezes, cumpre o papel de silenciar o sujeito, atribuindo a mera reprodução do opressor em todas as suas nuances. Por isso, adquire uma visão de manutenção do status, arrancando-lhes a chance de ser protagonista, e com isso, forma-se uma sociedade objeto reprodutora da ideologia da classe dominante, portanto:

O silêncio da sociedade-objeto, em relação à sociedade-dirigente, repete-se nas relações que se estabelecem no seio da mesma sociedade-objeto. Suas elites no poder, silenciosas frente à metrópole, fazem calar, por sua vez, ao povo. E somente quando o povo de uma sociedade dependente rompe a “cultura do silêncio” e conquista o direito da palavra – ou melhor, quando as mudanças radicais de estrutura transformam a sociedade dependente –, é quando uma tal sociedade, em seu conjunto, pode deixar de ser silenciosa em relação à sociedade dirigente (FREIRE, 1979, p. 35).

Este tipo de conflito acontece quando um rompimento com os preceitos impostos por uma sociedade excludente ver as amarras desatarem, a fala aparecer, os diálogos terem propósitos e o convencimento de que é possível a construção de uma outra visão social, na qual as pessoas possam ser ouvidas e percebidas em sua totalidade. Não é fácil romper as estruturas, pois essas não são físicas, estão inseridas no ser, faz parte de sua visão de vida. O que se discute é como construir saídas para quebrar as relações. A

educação tem como principal objetivo de mudar a construção da conscientização em si e no outro, buscando na cultura suporte para levar às práticas e às teorias libertadoras.

A escola tem pecado e muito em suas práticas pedagógicas para alcançar uma construção libertária, construindo prisões invisíveis que aprisionam a essência dos sujeitos, transformando-os em objetos. A pedagogia teatral de Boal, conjuntamente com a visão de desconstrução da *Pedagogia do Oprimido* Freiriana, tem servido de inspirações em trabalhos teóricos e práticos em muitas escolas e em espaços públicos nas ruas em forma de teatro na construção de identidades do sujeito. Esse processo tem ganhado espaços em escolas, cursos de formação e na rua como arma para enfrentar a sociedade capitalista na produção material, produzindo uma nova consciência política do público.

O formato proposto por Augusto Boal do *Teatro do Oprimido* tem ocupado espaços como esses, além de levantar essa bandeira na configuração de libertação do sujeito. Percebe-se que não é uma coisa nova, e sim é uma costura deste formato conceitual a partir dos diálogos nas leituras de Brecht, Hegel e Aristóteles, ora criticando ora concordando e vai dando forma à sua marca. Um outro diálogo montado é com Paulo Freire e daí vem o foco na visão libertária e de como utilizar o teatro na escola para atingir às práticas pedagógicas defendidas por ele. Observa-se que há um diálogo entre as obras de Freire e Boal, por isso, ao utilizar a leitura em ambos, por exemplo, o teatro do oprimido nos espaços de construção de ação e reflexão: “O que a poética do oprimido propõe é a própria ação! O espectador não delega poderes ao personagem para que atuem, nem para que pense em seu lugar: ao contrário, ele mesmo assume um papel protagonista, transforma a ação” (BOAL, 1980, p. 126).

O diálogo travado entre os dois tem rendido várias práticas sociais e papéis relevantes para a educação pública. O jogo colocado no teatro tem como objetivo dar uma formação política de transformação social. O teatro traz à tona todo um arcabouço teórico-metodológico que liga à educação, à cultura e à arte e faz com que se apresente um viés comunicativo, ampliando seu campo perceptivo e formativo de ações que levem a novas construções perante as suas potencialidades. Esta ponte que liga ambos, ao conjunto de ideais que levam ao mesmo caminho para a libertação do oprimido. O caminho aponta para as mudanças sociais, a partir da construção de mecanismo de atuação para enfrentar este mundo tão desigual.

A representação da realidade feita a partir do teatro passa para os receptores uma transgressão de magia. Logo, os papéis se invertem e o público passa a atuar na imaginação. O que Augusto Boal propõe é que não é preciso ficar imaginando, e sim levar

o público na intervenção da peça (re)construção, no qual as pessoas produzam, tornando assim, nenhuma apresentação será a mesma, seu formato depende de quem está em cena e onde se apresenta e do público. Este tipo de teatro pode ser utilizado por várias vezes e em inúmeras situações e por outros ramos. A educação tenta libertar os estudantes com esse mesmo viés, e mostrar que os estudantes podem construir uma outra educação, saindo das aulas tradicionais ao fazer outras construções.

Esse processo de construir parâmetros para a liberdade das pessoas tem como ponto inicial a escola, como um agente social. As elites, preocupadas com essas mudanças que vêm acontecendo com a educação, tendem a silenciar as massas populares (FREIRE, 2000). As vozes são arrancadas e as pessoas induzidas a serem escravas de uma ideologia dominante. A junção do teatro à educação funcionará como forma de apoderar o sujeito na desconstrução desta dominação e é fundamental que isso ocorra para a formação de uma outra perspectiva de aplicação do conhecimento. Portanto,

Tínhamos de nos convencer desta obviedade: uma sociedade que vinha e vem sofrendo alterações tão profundas e às vezes até bruscas e em que as transformações tendiam a ativar cada vez mais o povo em emersão, necessitava de uma reforma urgente e total no seu processo educativo. Reforma que atingisse a própria organização e o próprio trabalho educacional em outras instituições ultrapassando os limites mesmos das estritamente pedagógicas (FREIRE, 2000, p. 96).

A organização educacional requer romper os limites impostos por uma educação centrada somente em caixinhas de teorias que buscam desenvolver conteúdos que estão direcionados ao mercado de trabalho e a conservação do *status* atuais. O formato atual de como o conhecimento é levado as pessoas tem um viés direcionado a classe dominante. As mudanças serão construídas a partir das percepções dos próprios sujeitos com o uso de mecanismos como o teatro do oprimido, adaptados aos trabalhos escolares, como já é algo feito em muitas escolas, proporcionando aos estudantes a criarem saídas para que eles possam construir novas visões transcendentais as que lhes foram impostas pelos livros didáticos. Eles passam a deter o controle da situação, e a racionalidade parte para um outro princípio, ou seja, de deter as armas da dissolução das prisões impostas para ele.

A liberdade de expressão, o sentimento de ter a oportunidade de construção de mudança, a partir da autoconfiança em si e para si: “Contradição como matriz para conduzir o indivíduo ao processo de inovação e à superação da situação de opressão. [...] Ser um ator e não ser. Ser um espectador e não ser, sendo um “artista” no palco e não necessariamente sendo um artista de fato na vida. (LIGIÉRO, 2013, p. 18)”. Aqui a busca é essa construção inovadora que ao mesmo tempo não é, mas se encontra lá dentro,

adormecida. Partindo de fatos ou histórias reais, constroem-se as denúncias, compartilhadas com os grupos e torna-se muito mais fácil as desconstruções de outro, quando parte de seus semelhantes. As pessoas que têm a mesma convivência, falas direcionadas, pois eles falando para eles mesmos, essa percepção vai sendo (des)construídas.

O tratamento dado por Boal na construção do teatro poético é imbuído de uma construção política, de transgressão à ideologia dominante, de uma fala que representa toda ideologia popular e das classes oprimidas. O teatro do oprimido tem uma visão de resistência a toda essa construção ideológica de aprisionamento das falas dos sujeitos, sendo fundamental nas construções didáticas e metodológicas, usadas coletivamente nas escolas para a desconstrução das leituras pré-estabelecidas por esse ideário opressor. É um processo de construção de dar autonomia ao sujeito, buscando a politização e quebrando as amarras da ingenuidade em relação aos períodos de dominação.

Theodor Adorno, na sua obra *Educação e Emancipação*, chama a atenção sobre a relação da despolitização em relação à limitação ingenuamente, sobretudo de quem é o/a responsável para levar o conhecimento. A crítica do autor direciona-se a um círculo vicioso imposto por essa prática dominante. Quem tem o papel de conduzir a politização ao sujeito, muitas das vezes, sofre da mesma influência, dessas prisões e que precisam também se libertar, senão o círculo não se quebra, ela direciona-se às escolas e seus sujeitos. Caracteriza-se com o rompimento de uma visão que vem sendo passada há muito tempo não é fácil e passar a ser emancipado a construir uma racionalidade mais difícil ainda. Assim,

Não se trata de requintes da elegância do espírito e da linguagem. O indivíduo só se emancipa quando se liberta do imediatismo de relação que de maneira alguma são naturais, mas constituem meramente resíduo de um desenvolvimento histórico já superado, de um morto que nem ao menos sabe que está morto (ADORNO, 1995, p. 68).

O Imediatismo das relações dominantes sempre é posto em ordem, justamente para criar no sujeito o sentido de dependência, e evoca sempre auxílios, principalmente de quem domina as relações sociais. Assumindo a criação de sua própria arte, podemos dizer que esse sujeito estará preparado para enfrentar os desafios que lhes são apresentados. Adquirir segurança reforça todo o conjunto de percepção para novos papéis que vão ser cobrados, ao longo de sua trajetória neste processo de ressignificação. É hora de construir as próprias lutas, partindo do princípio que sua identidade começa a aparecer nos

exemplos da realidade vivida, passando a compreender o porquê é daquela forma e não a outra. As máscaras começam a cair, e assim seja,

O mais valente soldado não é um exército, nem a mais preciosa bailarina é um corpo de baile. As transformações que se operam nos indivíduos modificam os conjuntos aos quais eles pertencem e estes alteram aqueles. Existe interatividade permanente, o que significa permanente transformação: nada resta igual a si mesmo (BOAL, 2009, p.101)

Augusto Boal expõe a essência em, muitas das vezes, a história dos fatos vem cometendo injustiça. As transformações sociais não acontecem isoladas, deixando de fora um conjunto social. As mudanças tratadas aqui não são individuais, pois essas têm que se apresentarem coletivamente entre vários sujeitos, no social, tentando transformar uma sociedade.

2.3- O teatro, a escola e a natureza como refratação do sujeito diante de sua essência transformadora via poética

O teatro poético de Augusto Boal tem uma penetração em várias áreas das ciências humanas e exatas, pois a sua adaptação atinge a elas, na busca de uma construção de liberdade do sujeito. Porém, em todas elas, com o mesmo objetivo. Sua representatividade está no Brasil, como também em outros países da América e continentes. Trabalhar com o teatro para retratar os problemas que passam a natureza é uma outra forma de levar os estudantes, professores e a sociedade a construírem novos horizontes. Um exemplo é que a Educação Ambiental utiliza-se do teatro para formar este sujeito, que seja capaz de compreender que o planeta precisa ver a natureza com um outro olhar. Não é fácil quebrar certas visões e é com essa fonte que o texto poderá contemplar a ligação entre a arte do teatro, a escola e natureza. O envolvimento nesses três eixos vem como forma de discutir os problemas que a natureza vem passando com o avanço do consumo acelerado no mundo. É um movimento que pretende dar a sua contribuição na formação desse sujeito que cobre caminhos para a formação de uma nova ética ambiental que vise à superação da superposição do homem sobre a natureza.

Atacar as ideias dominantes implantadas pelo capitalismo leva a Educação a implementar em sua pauta pedagógica a interdisciplinaridade, para que a arte teatral possa penetrar nesta barreira criada e, assim, produzir as transformações no modo de pensar e agir das pessoas relacionados com a natureza, e que dessa forma,

As ideias dominantes em uma sociedade são as ideias das classes dominantes, certo, mas, por onde penetram essas ideias? Pelos soberanos canais estéticos da Palavra, da Imagem e do Som, latifúndio dos opressores! É também nestes domínios que devemos travar as lutas sociais e políticas em busca de sociedades sem opressores e sem oprimidos. Um novo mundo é possível: há que inventá-lo! (BOAL, 2009, p. 15).

O conjunto das ideias são aguçadas a partir de ações ligadas às práticas vividas pelas pessoas que estão envolvidas. O teatro busca retratar o real, o comportamento e as relações com o sistema atual, pondo em cheque tudo que tem sido uma estrutura sólida. Porém, que a mesma serve ao capital criando uma transformação enorme na natureza em prol deste crescimento. O jogo teatral busca criar parâmetros para compor uma sociedade resistente: “A resistência consiste em transformar trocas desiguais em trocas de autoridade partilhada, e traduz-se em lutas contra a exclusão, a inclusão subalterna, a dependência, a desintegração, a despromoção” (SANTOS, 2002, p. 62). Faz-se, então, um papel de militância, de construção, de mobilização pública, e esse é o real perfil do teatro, de criar a resistência entre os sujeitos, partindo do lúdico, do estético e construir parâmetros para outro viés social.

Essa sociedade que produz transformações às suas exigências com ataques ferozes, a partir da imagem e do som vinda das emissoras de rádio e televisão que cumprem o papel claro da mídia burguesa de levar o entretenimento, somente neste caminho de aliciar ao mercado consumidor. É um ponto nostálgico, pois, esse ataque constrói o futuro; crianças e jovens que vão se tornando os adultos do futuro sem perspectivas, sem sonhos, mas cheios de desejos pelo consumo em massa. A percepção do real lhe são retirados desde pequenos, o que parece é que tudo o que está acontecendo em nada lhe faz diferença; fatos e acontecimentos produzidos na natureza são vistos como comuns e que a realidade é uma fantasia que, depois, tudo voltará ao que era antes.

Esse movimento de inclusão da arte nas escolas ou em outros espaços que apresentem como forma de libertação tem ganhado mais notoriedade, principalmente quando buscamos as áreas periféricas. O sociólogo Boaventura de Sousa e Santos vê esse movimento como uma forma de atacar às práticas hegemônicas, e que recorrem a interferir em toda a sua conjuntura. Assim,

As atividades cosmopolitas incluem, entre muitas outras: movimentos literários, artísticos e científicos na periferia do sistema mundial em busca de valores culturais alternativos, não imperialistas, contra-hegemônicos, [...] (SANTOS, 2002, p. 62).

O movimento do teatro propõe esta desconstrução, ao levar os estudantes a uma pedagogia que rompa com todo esse princípio mantido por uma educação de formação ideológica burguesa.

Inúmeros trabalhos e projetos vêm sendo desenvolvidos visando a atender a esses preceitos educacionais, partindo do teatro do oprimido para alcançar os objetivos. Os trabalhos estão ligados a várias áreas, justificando a necessidade de uma outra construção. A Educação Ambiental também busca, neste campo, movimentar e criar alternativas na formação de sujeitos reflexivos sobre o momento atual, de como a natureza está sendo tratada. Partindo deste pressuposto, criar uma outra agenda de uso da natureza e a construção de uma nova ética ambiental, no qual, os estudantes embalem esse movimento e na visão de uma construção, a partir de um sujeito em emancipação. Todo esse devir, a partir dessa junção, é caracterizado por Adorno quando esse trabalha a transformação baseada em uma educação capaz de mudar esta sociedade e só assim, possibilitar novas alternativas para se construir pilares para as mudanças. Assim,

O essencial é pensar a sociedade e a educação em seu devir. Só assim seria possível fixar alternativas históricas tendo como base a emancipação de todos no sentido de se tornarem sujeitos refletidos da história, aptos a interromper a barbárie e realizar o conteúdo positivo, emancipatório, do movimento de ilustração da razão. Esta, porém, seria uma tarefa que diz respeito a caracterização do objeto, da formação social em seu movimento, que são travadas pelo seu encantamento, pelo seu feitiço. Por isto a educação, necessária para produzir a situação vigente, parece importante para transformá-la (ADORNO, 1995, p. 12).

A visão adorniana vai buscar na formação social pelo movimento baseado no travamento de situações-problemas vivenciados que, por conta do feitiço que vive a humanidade pela busca acumulativa de riqueza, consegue destruir o maior patrimônio do planeta que é a natureza e a fonte da vida. O resumo feito pelo pensador nos põe a refletir, e mesmo com palavras de décadas atrás ressoam como se fossem agora. Neste viés de mudanças elencadas por Adorno, Freire e por Boal, afirmam que a educação pode ser o agente transformador dessas mudanças, porém que a mesma seja libertária e que criem situações, mudem a visão de ver e estar na natureza como o todo e não como fonte de recurso.

Caminhos como esses, servem de aportes para o desenvolvimento de trabalhos como o que está sendo desenvolvido na Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro em Itaporanga d'Ajuda/SE, com estudantes do ensino fundamental, partindo do teatro do oprimido para denunciar os problemas ambientais produzidos a partir do lixo

do município e a morte de um rio que tem sua nascente, literalmente, dentro do mesmo, misturados com os entulhos da comunidade local. A junção da pedagogia escolar com o teatro vai propiciar que a escola mostre como a natureza está sendo tratada, a partir dos acontecimentos e de como eles chegaram a este ponto de morte de um rio, e como o consumo desacerbado tem provocado tudo isso. O teatro apresenta ao sujeito que, diante de todos esses problemas que até ali, eram invisíveis. Assim, aguce a sua essência transformadora, via a poética, a encenação da realidade, a construção textual possa dialogar, denunciando todas as transformações produzidas pelo consumismo na natureza, ao mesmo tempo, construa conceitos ambientais perante a sua realidade, entendendo que as mudanças em si, para si e no outro possam ocorrer.

Os passos para essa construção decorrem a partir do momento que esses estudantes possam entender seu papel como sujeito, construindo seu processo de autonomia, partindo do conjunto para sua essência a prática vivenciada, que antes estava em sua frente, mas não era vista devido à sua neutralidade perante os problemas, tornando-se um ser alienado. Paulo Freire discute muito essa forma de mudanças de estruturas e de produzir reformas nas novas relações condicionados ao pensar diferente e de ver o mundo, mesmo que essas mudanças não sejam imediatas.

Todo o caminho que vem sendo desenvolvido na escola leva a romper com essa estrutura mental construída em que tudo é normal e que o processo acontece naturalmente. O trabalho montado na unidade escolar tem a função de quebrar a estrutura mental da normalidade e que a população não tem direitos e garantias. Ao mudar a concepção educacional ministrada na escola tornando desafiadora, os próprios jovens passam a ter o papel de protagonista, ganham forma e a leveza de conduzir às palavras, que se tornam suaves e confiantes na reprodução de novos conhecimentos através da arte; o teatro ganha um contexto e um viés diferente, e passa a ser uma ferramenta no processo de destruição das estruturas que o aprisionavam na visão de dominado e começam a construir novas estruturas que indiquem relações em um horizonte muito melhor. Aparecem as vozes que antes eram silenciadas e os sujeitos começam a dialogar com outros sujeitos, tentando levar as suas visões e seu entendimento para outros que, para a comunidade, uma ação comunicativa, a partir de peças que ganham contornos de denúncia.

Essas estruturas mentais tomam um outro caminho: a da denúncia, a de pedido de respeito, a de mudanças no sentido econômico e a de respeitar a vida. As mudanças (ADORNO, 1995) colocam que essa é uma transformação em experiência formativa, propiciando que o grupo de teatro formado na escola possa produzir e apresentar

resultados, a partir da apresentação dos problemas, possa encaminhar soluções, partindo da mudança de postura. Assim,

Conduz o objetivo à revelação da causalidade submersa no que parecia meramente accidental, apresentando-o como resultado e enredando-o em situações paradoxais, jogando os objetos contra os seus conceitos. Evita dissolver o problema, procurando dissolver a rigidez do objeto, revelando o conflito como contradição, possibilitando convertê-lo em base de uma experiência formativa. O núcleo desta experiência reside na compreensão do presente como histórico e na recusa de um curso pré-traçado para a história, atribuindo-lhe um sentido emancipatório construído a partir da elaboração de um passado, que parece fixado e determinado apenas como garantia de sua continuidade, cujo curso precisa ser rompido em suas condições sociais objetivas (ADORNO, 1995, p. 12,13).

Todos os recursos apresentados pelo teatro contribuem para a dissolução das estruturas impostas por uma estética oprimida (BOAL, 2009), na qual o sujeito se encontrava na construção de valores que não eram seus, e sim de uma burguesia dominante imposta para conservar estruturalmente o que lhe serviam. Os jogos implementados no teatro são direcionados a esse momento, no sentido de quebrar a identidade e a construção de uma outra, na qual, a percepção de construtor de conceitos ligados à sua vivência de um mundo que tenha um fluxo de heterogeneidade, enquanto o seu caráter de transcendência rompa com o monopólico de unicidade.

As transformações não acontecem simplesmente porque é um receptor, e sim por que esse é capaz de analisar e catalogar, perfazendo as suas próprias construções. As observações e o contato direto com os demais atores produzem uma transformação de contagiar a todos, reconstruindo parâmetros que não davam sentidos a eles. Assim, como as palavras passam a dar sentidos e são ligadas ao seu eu, esse conjunto funciona, em que o espaço os transformam, libertam os jovens que pouco se ouviam as vozes, as libertam e passam a construir pontes que são ligadas a uma realidade que antes não havia sentido. Não será uma mera reprodução de outro modelo, e isso por que o que está em jogo são construções próprias a partir da sua realidade.

A conciliação entre a educação e o teatro do oprimido buscam a construir mecanismos que desconstruam essas visões e possam dialogar com os demais. Nossos jovens estão ficando doentes, aprisionados por prisões invisíveis aplicadas por um sistema que tenta a todo custo impedi-los de se emanciparem, ou seja, que tenha sentidos e

propósitos em suas vidas, deixando-os vulneráveis e susceptíveis a jogos violentos, a pensamentos de incapacidade e até de se automutilarem.

Encontrar mecanismos ou saídas que levem os jovens a se sentirem autônomos, diante de suas próprias produções passam a ser os caminhos de vários pensadores e educadores; buscar interagir consigo mesmo, mostrando ferramentas possíveis a outra construção são fundamentais nos posicionamentos políticos, sociais e emancipadores. Usar o teatro boaliano é uma saída, mas não a única, porém, construir estes caminhos, são objetivos que podem ser trilhados. Assim,

Reconhecia o teatro como uma ferramenta capaz de fomentar as transformações sociais e a formação de lideranças em comunidades diversas. O objeto central da obra de Boal reside na compreensão de que a cultura emancipa o sujeito, sendo que este ao intervir no contexto social, também se transforma. Ao analisar que ser opressor ou ser oprimido é uma construção social, Boal intensificou esforços na construção de uma arte que evidenciasse a necessidade de superação entre opressores e oprimidos. Ao defender o direito de todos à atividade artística, o que na época causou polêmica, pois a arte era vista como privilégio de poucos, Boal via a arte como grande ferramenta estética para a luta social. Com arte, o povo pode construir meios de discussão política, mas também de ampliação da capacidade da leitura de mundo e de meios de intervenção sobre ele (CANDA, 2012, p. 190, 191).

O papel do teatro na unidade escolar é buscar dá à luz aos estudantes, pondo em questão as relações entre as pessoas com a natureza, com o ambiente onde vivem e o comportamento dos seres humanos com ela. Esse momento em que o processo de reconhecimento, a compreensão da realidade é chocada com tudo que lhe foi posto como correto.

O que vai estar em análise é uma nova forma de construção de uma racionalidade que busca a superação do conjunto na tentativa de levá-los a partir da arte e da cultura essa racionalidade, de forma alegre, contagiante com a participação deles mesmos, denunciando as transformações que vêm sofrendo a natureza. Já dizia Freire, “a realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo” (FREIRE, 1979). Neste caso, o teatro desenvolvido na visão boaliana os levarão a mecanismos de conscientização, produzindo atitudes críticas que ponham em cheque a realidade existente. A ação-reflexão é um caminho que é desenvolvido pela estrutura do teatro, evidencia todo o processo real com a encenação, levando-os ao compromisso com a ação, o real, a partir de uma construção emancipadora.

A partir do contato com o teatro boaliano nas oficinas iniciais com os estudantes da Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro, eles começaram a apresentar

características diferenciadas em relação à estrutura social. A participação dialógica apresentada tem um contexto político de conscientização, de análise do contexto econômico que antes não se via.

O que demonstra é que o teatro é uma ferramenta. E neste momento, abraçada pela educação, para fazer com que desempenhe a função educadora e que qualifique para o debate em novas construções, possibilitando-os a visibilidade do mesmo para o público e que o mesmo possa ocorrer com a sua fala, que esta seja aceita pelos demais, passando a confiança e o conhecimento nos temas trabalhados. Essa via em mão dupla, atores e público, a busca de ambos é por uma formação política libertária com papéis semelhantes, participando da mesma construção no processo de ensino e aprendizagem em que se desenvolve a capacidade de decisão e reflexão crítica da realidade imposta. Diferenciando do teatro tradicional, o teatro boaliano proporciona o público a ser um sujeito transformador. No mesmo patamar que os atores, as apresentações são infinitas e determinadas por um processo de construção do momento pelos presentes, ou seja, nenhuma apresentação será a mesma, pois o público é diferenciado e se caracteriza por ser uma construção coletiva, sem harmonia em seu fim.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Criar um grupo teatro na escola, na visão do Teatro do oprimido, que interaja com o público, quebrando as barreiras, por um viés de uma crítica social, relacionando às alterações na natureza e a produção de um livro a partir das poesias produzidas pelos estudantes.

Objetivos específicos

- Trabalhar no teatro a mente, a sensibilidade e o improviso;
- Tornar o corpo expressivo, buscando expressões vocais, gestuais e corporais, eliminando a timidez e o medo;
- Utilizar a poesia como fonte de suas palavras em encenação;
- Organizar um livro a partir das poesias produzidas.

METODOLOGIA

O Projeto de Intervenção Pedagógica em relação ao uso do Teatro do Oprimido e a educação emancipatória: proposta para uma emancipação social através do Teatro, será desenvolvido em 08 (oito) encontros, com duração de 02 (duas) horas cada, totalizando 16 horas, sendo trabalhadas aos sábados. Abaixo temos um quadro demonstrativo das atividades em cada encontro, e na sequência o detalhamento dos mesmos.

Oficinas para implementação e realização do projeto e as datas	Atividades realizadas na Intervenção Pedagógica	Carga horária
1º Oficina 28/09/2019	Depois da seleção o primeiro encontro para a apresentação e conhecer como está estruturado o projeto, tirando as dúvidas de toda a formação do teatro e explicar que não é uma formação esporádica, e sim a formação de um grupo teatral nesta estrutura e que é uma forma espontânea de construção de identidade em uma visão emancipatória.	02 horas
2º Oficina 05/10/2019	Jogos teatrais para libertarem o sujeito na construção histórica, com exercícios trabalhando a sensibilidade e a mente. História do teatro onde se busque o reconhecimento e a formação.	02 horas
3º Oficina 12/10/2019	Jogo do espelho: em uma caixa em que o participante se observava e tinha que dar pontos positivos e negativos em relação a sua própria pessoa, em busca do reconhecimento como um sujeito. Exercício de voz e mímica.	02 horas
4º Oficina 19/10/2019	Exercício de fixação de texto; trabalhos com expressões corporais, vocais e gestuais. Distribuição de um texto para trabalhar na próxima oficina. Trabalho com trava-língua.	02 horas
5º Oficina 26/10/2019	Representação de um texto “Missão de Alice”, de Berenice Gehlen, que foi distribuído para os estudantes. Parte do grupo era atriz/ator e parte era público e ambos interagiam. Jogos com palavras e exercícios.	02 horas
6º Oficina 09/11/2019	Nesta data, a discussão foi em relação a escolha de personagens, nomes de lugares para as primeiras apresentações, figurinos que serão construídos pelos estudantes e a estrutura do teatro.	02 horas

7ª Oficina 16/11/2019	Formação e discussão de improviso de uma peça de teatro para atuar em uma escola com crianças da educação infantil.	02 horas
8ª Oficina 22/11/2019	Ensaio e apresentação das atividades propostas.	02 horas

Elaboração: Uilson de Meneses Hora

O teatro será desenvolvido na visão do teatro do oprimido, tendo como base a natureza e o ser humano. Os elementos que nortearam o teatro são as poesias desenvolvidas pelos próprios estudantes das escolas municipais: E.M. Professor Nilson Barreto Socorro e E.M. José dos Santos. Ainda, a partir deste processo, usaremos as poesias para montarmos um livro de poesias que contará com desenhos ilustrativos para cada uma das poesias já selecionadas, e também desenhadas pelos estudantes das referidas escolas.

Plano de Ação

ESCOLA MUNICIPAL JOSE DOS SANTOS E NILSON BARRETO SOCORRO
POVOADO SAPÉ – ITAPORANGA D’AJUDA/SE

RELATÓRIO DA OFICINA DE TEATRO

OFICINEIRO: **Bráulio Lima** – Ator DRT 0602/matricula 602

ASSISTENTE: **Rangel Ribeiro Santos** – Ator iniciante da Cia de teatro Itapoart's

PÚBLICO ALVO: Alunos da Escola Municipal José Freitas dos Santos, localizada na comunidade rural denominada Colônia Sapé em Itaporanga d'Ajuda/SE

* A Oficina vem sendo desenvolvida, desde o dia 05 de Outubro de 2019, sempre aos sábados no horário das 08h às 10h.

TEMÁTICAS BÁSICAS APLICADAS: Identidade cultural artísticas, cidadania, relações sociais e interpessoais.

ESPECÍFICO: Raciocínio lógico, criação, adaptação, estudo e desenvolvimento cognitivo e motor dos participantes.

- As oficinas são ministradas no turno da manhã, uma vez por semana (sábado), com duração de duas horas, (das 8h às 10h), totalizando 25 (vinte e cinco) participantes.

PRINCIPAIS OBJETIVOS: Habilitar os participantes da oficina a: Conhecer e localizar o teatro como uma das ferramentas de cidadania. Desenvolver um olhar crítico sobre a arte da representação, tendo discernimento sobre a atuação.

EXPRESSÃO CORPORAL E FACIAL: Descoberta do corpo e dos seus movimentos para a boa performance dos participantes na prática teatral.

IMPOSTAÇÃO E TÉCNICA VOCAL: Possibilitar o ator maior conhecimento e exploração de suas possibilidades vocais, trabalhando: respiração, aquecimento e desaquecimento vocal, dicção, pronúncia, impostação e potência vocal.

DINÂMICAS APLICADAS

QUEM SOU EU? Um aluno, por sua vez, vai até um espelho que fica dentro de uma caixa e identifica a imagem refletida que na verdade é o próprio aluno, e conta para todos quem é essa pessoa.

NOÇÃO DE ESPAÇO: Todos andam no espaço, e ao comando do Professor, devem obedecer aos seguintes comandos: fale seu nome, dê um pulo, imite um animal, ande de costas, etc. Tudo isso observado em uma totalização uniforme dentro do espaço.

INTER-RELAÇÃO DE PERSONAGENS: Um ator inicia uma ação. Um segundo aluno aproxima-se e, através de ações físicas visíveis, relaciona-se com o primeiro de acordo com o papel que escolhe: irmão, pai, tio, filho, etc. O primeiro aluno deve procurar descobrir qual o papel e estabelecer a inter-relação.

ESPELHO: Um aluno fica de frente para o outro. Um reflete todos os movimentos iniciados pelo outro, dos pés à cabeça, incluindo as expressões faciais. Após algum tempo, as posições são invertidas.

TOC PATOC: Essa dinâmica trabalha a coordenação motora de cada aluno/a, fazendo uma conexão entre musicalidade, dança e interpretação.

CONTAR A MÍMICA: Um aluno vai a frente e conta, em mímica, uma pequena história. Um segundo aluno observa o segundo ator vai ao palco e reproduz o que viu, porém, desta vez, com falas.

CAMINHANDO ENTRE OBSTÁCULOS: Os alunos devem caminhar lentamente entre os obstáculos, com a finalidade de interpretar cada obstáculo que irão pisar ou sentir de acordo com o comando do professor.

DINÂMICA DO SOM E REAÇÃO: O Professor pronuncia uma palavra e o aluno tem que representar com um som, gesto ou movimento; objetivo – pensar rápido, tudo no improviso.

DINÂMICA DIRECIONADA DE IMPROVISACÃO: É criado um esquete com cenas fotográficas e elementos fictícios com um tema específico. O diretor começa um texto e cada um dos membros, um por um, para a continuação da história.

DINÂMICA DA CONCENTRAÇÃO: Será dividido dois grupos: um grupo começa a dinâmica; depois o outro grupo, o professor faz perguntas do tipo: o que comeu? Onde vai? O que está vestindo? Como se sentiram ao subirem ao chegarem aqui hoje? Objetivo: descontraír/relaxar a tensão muscular/concentração.

DINÂMICA DA PERSONIFICAÇÃO: Os alunos irão andar em um ambiente sem rumo. Subsídios para o diretor: colocar situações, ruas movimentadas, chovendo, correndo pesado, medo, pé machucado, etc. Objetivo: criar dificuldades.

EXERCÍCIO PARTE DE UM TODO: Um participante vai ao meio e começa a mimicar um objeto, por exemplo, um carro, pistão, rodas, buzina, motorista, etc. Objetivo: todos são importantes, se faltar um, a máquina não anda.

PERSONAGEM EM TRÂNSITO: Um ou mais alunos entram em cena e realizam certas ações para mostrar de onde vem, o que fazem e para onde vão.

DINÂMICA DO TELEFONE SEM FIO: Feito em uma grande roda, o professor fala uma frase a um determinado aluno em segredo; esse aluno passa a frase ao próximo aluno, também em segredo, e assim sucessivamente.

INTRODUÇÃO TÉCNICA: Feito à introdução técnica para montagem de um esquete teatral com marcação de cena com corpo e voz.

Abrangência

O projeto visa a abranger estudantes de duas unidades escolares: Escola Municipal Professor Nilson Barreto Socorro e a Escola José dos Santos. Nesses estabelecimentos de ensino abrangem todos o público: Ensino Fundamental do 3º (terceiro) ano até o 9º (nono) ano e o EJA (Educação de jovens e adultos).

Custos

Todo o projeto será custeado financeiramente com recursos próprios e com uma parte de material didático será fornecida pela unidade escolar.

Quantidade	Produto	Valor unitário	Total
16h	Oficina de teatro	R\$40,00	R\$620,00
01	Transporte dos estudantes	R\$100,00	R\$100,00
05	Transporte do Pesquisador	R\$50,00	R\$250,00
300	Livros	13,33	R\$4.000
Total geral			R\$ 4970,00

Cronograma

Teatro	19/09	26/09	05/10	12/10	19/10	26/10	09/11	16/11	29/11
Seleção de edital de participante do teatro	X								
Conversa com pais e estudantes selecionados		X							

1º oficina			X						
2º oficina				X					
3º oficina					X				
4º oficina						X			
5º oficina							X		
Formação de peça								X	
Apresentação									X

Plano de Controle e Avaliação

Produtos:

Construção de um teatro com os estudantes participantes das oficinas, de forma permanente, na escola divulgando os problemas existentes na sociedade. Concomitantemente, a parceria com os demais estudantes na produção de poesias que servirá como suporte para a peça; e depois, as 50 (cinquenta) melhores poesias formarão um livro organizado pelo professor responsável:

Indicadores de processo;

Diálogo na roda de conversa;

Discussão em grupo (divisão de funções);

Jogos e brincadeiras;

Ensaios;

Instrumentos;

➤ Diário de campo;

➤ Caixa com espelhos;

- Material de gravação e filmagem;

Riscos;

- Atrito com o público;
- Exposição ao público;
- Risco com transportes no deslocamento para escola;
- Risco de empatia com oicineiro;
- Constrangimento dos participantes.

RESULTADOS ESPERADOS

Todo o processo de formação das oficinas de Teatro na escola resultou em um grupo de teatro intitulado “Grupo de Teatro J.D.S”. O grupo de teatro está constituído de 16 (dezesseis) participantes e já pronto para fazer as suas apresentações. O coroamento se deu no dia 29 de novembro na Escola Municipal Pedro Barreto, no povoado Gravatá, no evento organizado pela própria escola.

O grupo de Teatro é o coroamento deste processo, no qual contamos com jovens que passavam por problemas de autoestima e, por isso, não se identificavam, sendo capazes de produzir ou falar em público e ao estar em atuação, desde as oficinas. E no dia de atuação, percebe-se o quanto tais oficinas fizeram bem para esses jovens. A visão boaliana produz esse encontro com a liberdade do sujeito e sua identificação consigo mesmo de se trabalhar com essa liberdade e de ser capaz de exercê-la em outras pessoas. Quase tudo que foi planejado foi feito; e podemos dizer que, cumprimos o que diz o teatro de Boal. As poesias todas selecionadas para tentarem dar seguimento ao teatro, e quando os estudantes perceberam como eram as apresentações feitas anteriormente nas escolas, eles perceberam que faltavam a identidade com todo o processo de emancipação do sujeito, sendo assim, partiram para o improviso, então houve uma mudança na hora da apresentação.

O teatro de improviso mudou o foco da apresentação e os temas escolhidos por eles foram: racismo, cultura negra, Bullying e violência. O que houve? Um *Show* de muita

magia, pois usaram os conhecimentos adquiridos e eles conseguiram emocionar a plateia composta, na sua grande maioria, por estudantes da escola e seus pais e parentes, os quais estavam presentes. Vimos meninas e meninos se posicionarem e contribuírem para uma formação de identidade. A proposta da atividade foi cumprida e o Grupo de Teatro J.D.S está formado e que venham os próximos passos.

Além do teatro, podemos aqui discorrer sobre o livro organizados, a partir de 51 (cinquenta e uma) poesias que deram forma a uma coisa magistral; as denúncias contam as atrocidades feitas à natureza e em linhas que contam como, nossos estudantes podem ser levados a fazerem trabalhos brilhantes. O coroamento se dá a partir do momento que todos percebemos que estavam faltando algo neste trabalho. Descobrimos que as poesias precisavam ser ilustradas e decidimos solicitar a mais estudantes os seus posicionamentos, quando se trata de um conhecimento em outro parâmetro artístico, que são os desenhos ilustrativos, feitos a lápis, sem coloração, da seguinte maneira: eles leram as poesias e as interpretaram; e os 51 (cinquenta e um) desenhos surgiram das mãos de grandes artistas, os nossos estudantes. O livro pronto é mais uma arma para novas construções.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. São Paulo : Paz e Terra, 1995.
- BOAL, A. **Teatro do oprimido**: e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1980.
- BOAL, A. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- CANDA, C. N. Paulo Freire e Augusto Boal: dialogando sobre educação e teatro. **HOLOS**, Rio Grande do Norte, v. 4, agosto 2012.
- FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo. Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro : Paz e Terra , 2000.
- FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 2ª. ed. São Paulo : Paz e Terra, 2011.
- HORKHEIMER, M.; THEODOR, A. W. **Dialética do esclarecimento**: fragmento filosófico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- KANT, E. **Crítica da faculdade de juízo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- LIGIÉRO, Z.. 4. F. T. (. A. N. E. **Outro teatro**: do ritual a performance. Rio de Janeiro: Centro de Letra e Arte, 2013.
- LUKACS, G. A relação sujeito-objeto na estética. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n.14, julho 201, p. 1/29, julho 2013. ISSN n.14.
- OLIVEIRA, I. B. D. **O currículo como criação cotidiana**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2016.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: Métodos e técnicas. 3ª. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2007.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: Métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo : Atlas, 2011.
- SANTOS, B. D. S. **A Globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

APÊNDICE

FOTOS OFICINA



FOTOS OFICINA



FOTOS OFICINA



FOTOS OFICINA



FOTOS OFICINA



FOTOS OFICINA

FOTOS
OFICINA

APÊNDICE G - FICHA TÉCNICA DO PRODUTO II

Título: A ARTE ROMPE BARREIRA: teatro poético emancipatório e a escola

Autores: Uilson de Meneses Hora/ Saulo Henrique Souza Silva

Tipo de material: Livro

Formato: Livro

Nível de escolaridade: Ensino Fundamental

Público Alvo: Todos

Organização institucional

ANEXO

Lixeira



Rua Vila Cristina, n° 1051, 13 de julho, Aracaju-SE
CEP 49020-150, Fone: 3198-7150 www.adema.se.gov.br

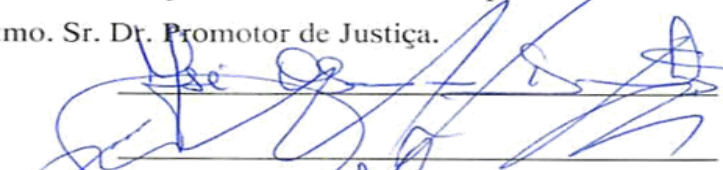


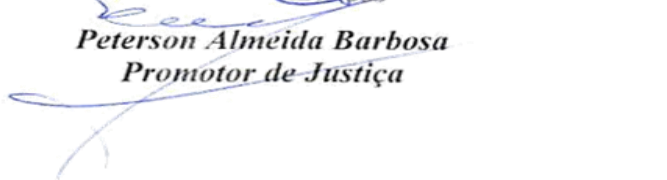
ESTADO DE SERGIPE
MINISTÉRIO PÚBLICO

1ª Promotoria de Justiça de Itaporanga D'Ajuda / Salgado

TERMO DE DECLARAÇÕES

Aos 25(vinte e cinco) dia do mês de Agosto de 2015 (dois mil e quinze), às 11:18 horas, no Gabinete desta Promotoria de Justiça, situado nas dependências do Fórum Dr. Felisbelo Freire, situado nesta Cidade, Comarca de Itaporanga D'Ajuda, Estado de Sergipe, presente o **Dr. Peterson Almeida Barbosa, Promotor de Justiça**, comigo escrivão compromissado, Francislene Fiscina Garcez – Mat. 1003, compareceram o(a) Sr.(a) **José Osman Dantas**, RG 176.181 SSP/SE e CPF 036.842.535-53, brasileiro, casado, Professor aposentado, residente e domiciliado no Povoado Morena, Município de Itaporanga D'Ajuda/SE e o Sr. **Geraldo dos Reis**, RG 7463871 SSP/SE e CPF 406.956.625-20, casado, Policial Militar, residente e domiciliado no Povoado Morena, a esta Promotoria de Justiça na presente data para solicitar auxílio deste Órgão junto a Prefeitura Municipal de Itaporanga D'Ajuda/SE, no tocante ao problema da Lixeira do Povoado Morena; Que os declarantes alegam que os transtornos da Lixeira Municipal perduram há 14 (catorze) anos, aproximadamente; Que no local, extremamente insalubre, crianças e adolescentes “trabalham” fazendo a coleta/catagem do lixo, não utilizando qualquer equipamento de proteção individual; Que, ultimamente, estão sendo despojados local animais mortos, lixo hospitalar, restos mortais humanos (ossadas), alimentos vencidos, provenientes de supermercados locais, entre outros; Que, em virtude desse acúmulo de lixo no local, o riacho Xindubinha e o riacho do Povoado Campos vêm padecendo, posto a contaminação do chorume em suas águas que impossibilita o uso pela Comunidade local; Que os declarante afirmaram que a mencionada lixeira encontra-se situada, praticamente, anexa à Comunidade local, trazendo riscos de contaminação e proliferação de pragas no local e circunvizinhanças. Nada mais. Para constar, vai por mim escrivã compromissada assinado, pelo (a) declarante, e pelo Exmo. Sr. Dr. Promotor de Justiça.



Francislene Fiscina Garcez
Mat. 1003


Peterson Almeida Barbosa
Promotor de Justiça